

Beatriz Carvalho
Karoline Tavares

PASSA A BOLA PRA ELAS

Participação feminina na gestão do futebol brasileiro

Beatriz Carvalho
Karoline Tavares

PASSA A BOLA PRA ELAS

Participação feminina na
gestão do futebol brasileiro

**Passa a bola pra elas: Participação
Feminina na Gestão do Futebol Brasileiro**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC)
para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.*

Autoria e edição: Beatriz Carvalho e Karoline Tavares

Orientação: Rafael Rodrigues

Projeto gráfico: Paulo Cardoso

Capa e infográficos: Paulo Cardoso

Diagramação: Paulo Cardoso

Revisão final: Beatriz Carvalho e Karoline Tavares

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que se dispuseram a contribuir com a pesquisa de alguma forma, seja por meio de entrevistas diretas ou repassando contatos de outras fontes importantes. Sem dúvidas, a ajuda recebida em um dos momentos mais estressantes do trabalho foi bastante válida.

Ao nosso orientador, Rafael, que ajudou a dar à luz ao tema quando tudo ainda parecia enevoado, e encorajou a trazer mais volume de ideias, informações e detalhes ao trabalho. Sabemos o esforço que foi acompanhar o nosso trabalho e agradecemos pelo cuidado e paciência. Suas palavras de apoio nos deram segurança para seguir até aqui.

Às jornalistas Thaís Jorge e Allana Alves, bem como à mestre Kamila Fernandes, por aceitarem ouvir a história primeiro.

Aos intermediários dos 102 clubes de futebol e às 26 federações de futebol do Brasil que responderam de alguma forma, negativa ou positivamente, às perguntas iniciais; aos colegas assessores que facilitaram a tentativa de entrar em contato com as dirigentes.

À Jurema Bagatini, Sirlei Dalla Lana, Sônia Andrade, Christina Muniz, Tatiana Roma, Dorizelha Rocha e Rafaela Escalante e à todas as mulheres que aceitaram conversar conosco, tendo entrado ou não no trabalho final, com histórias felizes e outras nem tanto, para compor o perfil das dirigentes brasileiras.

Às Marias, Vieira, de Fátima e Aparecida. Nordestinas, incansáveis e determinadas, essas três mulheres, escolhidas para os capítulos em profundidade representam muito do que tínhamos em mente sobre aquelas que lutam diariamente por espaço em um ambiente machista, seja ele qual for.

Beatriz

Este livro encerra um dos capítulos mais importantes da minha vida: a graduação. Os quatro anos na universidade foram de muitas alegrias, tristezas, realizações, e sem dúvidas, de muito crescimento. Mas eles só foram possíveis graças a muitas pessoas.

Devo agradecer primeiro a Deus, que sempre foi bom comigo, me presenteou com grandes oportunidades, concedeu a força e coragem pedida em cada oração e me cercou de pessoas maravilhosas, que foram essenciais nesta caminhada.

Aos meus pais, Eliene e Rogério, que me incentivaram e investiram na minha educação, e em especial a minha mãe, uma das pessoas mais generosas que conheço na vida. Por todo o esforço investido na minha criação, por cada conselho dado ao longo desses 21 anos, pelas palavras de alento quando as coisas pareciam difíceis e por nunca me deixar desistir de nada na vida. Os maiores ensinamentos foram seus.

Fui criada também por outras grandes mulheres, que tem parte nesta vitória. À Vovó Afonsina, que entendeu minhas ausências durante esses anos de graduação, que me ajudou como pôde e que há muitos anos me presenteou com meus primeiros livrinhos de Clássicos. Agora é minha vez de entregar o presente. À minha tia Elenice e à minha prima Gardene, que sempre estiveram comigo desde os primeiros passos. Ao menininho Arthur, que desperta a criança implicante dentro de mim e que me ensina tanto sobre amor e inocência só com o olhar. E aos demais familiares pelo apoio, entusiasmo e incentivo.

À Karol, minha parceira de projeto, de jornalismo esportivo e de vida. Não poderia ter tido uma dupla melhor. A amizade construída nos primeiros semestres que só evoluiu com o tempo. Obrigada por trazer sua objetividade e sagacidade para a minha vida e pela conversas despreziosas sobre qualquer assunto. Agradeço também pela confiança e espero que nossa parceria não pare aqui. Sua contribuição na minha vida é, agora ainda mais, eterna.

Àqueles com quem criei fortes laços durante a convivência nestes

quatro anos. Fabrício, Lorena, Sâmia, Heloísa, Grasy, Isabela e Ester sem vocês as tardes na faculdade não teriam tanta graça, os obstáculos superados, seriam ainda maiores e as vitórias teriam um sabor diferente. Vocês são alegria e tenho sorte de ter cada um.

À Suzana, que conheci fazendo dobraduras de papel nas aulas de sociologia e se tornou minha pessoa inseparável. Sou grata por me acolher como família, por ter sempre as palavras certas, por sempre estar ao meu lado e por dividir comigo tristezas, alegrias, sortes de tarô e tardes vendo De repente 30. Você é sem dúvidas um dos maiores presentes da UFC.

Aos amigos que tornaram a vida em Fortaleza mais prazerosa, me lembravam a importância de desopilar de vez em quando e nunca me deixaram perder o sotaque puxado no “d” por completo. À Isabelly, Thierry, Michel e Reijane. Em especial essa última, a qual não tenho palavras suficientes para descrever o quanto já fez por mim. Obrigada pelos quase cinco anos de paciência, principalmente, quando esqueço as coisas em cima da cama e você quer dormir, pelo cuidado e pelos abraços. Você é uma irmã.

À Universidade Federal do Ceará, que foi minha base e casa durante estes anos, e aos muitos projetos onde aprendi tanto sobre jornalismo e sobre ser uma pessoa melhor. Obrigada à Liga Experimental de Comunicação e ao Programa de Educação Tutorial (PETCom), pelas experiências valorosas. A cada mestre por cada lição.

Aos muitos amigos-família com os quais sempre pude contar. Cristiano Rocha, Lúcia Viana, Eusilea, Nenê, Glauciene, Tainá, Herlândio, Marcos, Salete, Samuel, Marcos Vitor, Tales Matheus, Jayane e Clara.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos profissionais que tanto me ensinaram nesta caminhada. À editoria de esporte do Sistema Verdes Mares, onde recebi muitas oportunidades e aprendi com os melhores. E sou especialmente grata à equipe do GloboEsporte.com que me acolheu em 2017, quando ainda vivíamos na salinha de vidro. Obrigada Roberto Leite pela confiança depositada em mim. Obrigada Juscelino Filho e Thaís Jorge por acompanharem cada passo, pelo estímulo diário, pela evolução, por celebrar minhas pequenas vitórias, pelas risadas e pela amizade que construímos.

Vocês são gigantes e sou feliz por ter contado com pessoas tão boas em um meio tão competitivo.

Sou abençoada por ter encontrado tanta gente generosa, sincera e acolhedora neste caminho. Namastê!

Karoline

Foram embora quatro anos e meio de muito aprendizado e vivências das mais diversas, mas também de desgastes, como acontece em qualquer processo de desenvolvimento de uma faceta do ser humano. Algumas pessoas, sejam muito próximas ou nem tanto, surgiram nesse período para ensinar e agregar à minha trajetória, com conhecimentos técnicos e (ainda melhor) com ricas histórias construídas na vida.

Primeiramente, agradecer a Deus por cada oportunidade concedida e cada momento de convivência com grandes pessoas, que me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus pais, Cristina e Edilson, que desde muito cedo me ofereceram suporte para que eu me tornasse alguém com muita vontade de aprender e ser melhor. Acompanhar minha mãe em aulas desde os cinco anos de idade, mesmo em momentos de muita dificuldade, foi muito importante nesse processo. As palavras de apoio quando as coisas não estavam bem e os incentivos quando o retorno era positivo jamais serão esquecidos.

À memória dos meus avós maternos, Flávio e Auristela, que por pouco não poderão marcar presença no dia da defesa e da tão sonhada colação de grau. Certamente, juntos com meu primo Everton, irão desfrutar destes momentos lindos onde quer que estejam.

Agradecer também à Beatriz, que chegou nos acréscimos do segundo tempo para somar ao projeto. Ajuda que veio de forma leve. Entre risadas, novas lições de escrita e de modos de observar a vida. Pelos anos da amizade que só cresceu ao longo do tempo de curso e

pelo apoio nesses últimos meses de produção, o meu mais sincero agradecimento.

À Ester, Fabrício, Grasielly, Heloísa, Isabela, Sâmia e Suzana pelas risadas e muitos momentos de descontração durante a graduação. Da relação construída em partidas de UNO antes das aulas do primeiro semestre às conversas sobre jornalismo, mercado de trabalho e outros assuntos de jovens adultos. Especialmente à Suzana, que compartilha comigo histórias há exatos 16 anos, da alfabetização até hoje.

Os agradecimentos também se estendem a cada profissional do Sistema Verdes Mares que marcou o começo da minha trajetória no mercado. À minha primeira chefe, Juliana, que, além de me ensinar o trivial para o dia a dia, deu liberdade para que minhas ideias tomassem conta do local de trabalho, a partir de pautas pensadas com muito carinho. Essa preparação foi fundamental para dar mais confiança a mim mesma e serviram de base para as experiências que vieram a seguir.

Aos meus atuais chefes, Marília e Germano, que me acolheram da melhor forma no retorno à redação. Que me guiaram em uma situação completamente nova e que tornam os momentos entre as (pesadas) pautas diárias mais divertidos. Certamente, cada aprendizado nessa passagem por redação são essenciais para a minha formação enquanto profissional.

À oportunidade que me foi concedida de passar algumas semanas trabalhando diretamente com o esporte do Sistema Verdes Mares, editoria pela qual tenho um apreço especial e para cuja temática deste trabalho está voltada. E aos amigos e colegas de redação que participaram de todo o processo nos últimos dois anos.

Aos meus antigos professores, especialmente os de português e redação, por cada “puxão de orelha” que me fizeram aprender. Muitas vezes, ganhamos mais com os erros do que com os próprios acertos. E isso me ajudou a seguir.

À Karine, Dídio, Erick, Rômulo e Saulo, que, na bancada do programa 5 Toques, da Rádio Universitária, participaram do meu desenvolvimento no rádio e também ajudaram na caminhada profissional, sem esquecer das rivalidades nas paixões esportivas.

Os agradecimentos são dirigidos, da mesma forma e intensidade, ao Futebol por Elas e ao Torcedores.com, os quais me auxiliaram a aperfeiçoar a arte da escrita.

Com certeza, pelo menos uma pequena parte do resultado deste projeto não teria sido da maneira que foi sem todos que se encontraram comigo nesses breves e enriquecedores anos de graduação. Gratidão sempre!



Sumário

14	Prólogo
16	Crônica - A parte que nos cabe
18	Capítulo 1 - Pontapé inicial
50	Capítulo 2 - Mulheres no topo do futebol pelo Brasil
86	Capítulo 3 - Quando o acaso rege o destino
100	Capítulo 4 - Eco de paixão entre hinos e batuques das arquibancadas
118	Capítulo 5 - Paixão que vem de berço
137	Epílogo
143	Referências bibliográficas
148	Lista de entrevistados

Prólogo

As últimas frases deste livro foram escolhidas, escritas e ficaram marcadas nessas páginas no dia 18 de junho de 2019. Exatamente no mesmo dia em que Marta foi precisa no pênalti no duelo contra a Itália, em Valenciennes, e garantiu a vitória do Brasil. Mais que o gol da vitória e da classificação às oitavas, o chute colocado que balançou as redes da goleira Giuliani marcou o 17º gol da camisa 10 na história das Copas do Mundo. A meta a fez superar o recorde do ídolo alemão Miroslav Klose.

Seis vezes eleita melhor jogadora do mundo, Marta Silva tem levantado bandeiras importantes na Copa do Mundo feminina da França. No discurso pós-jogo dedicou a marca para as mulheres:

“Quebrar recordes é algo que acontece naturalmente quando se dedica, faz trabalho com amor. Estava esperando esse momento. Estou feliz demais. Digo que a gente está quebrando muitas barreiras, e esse recorde representa bastante, porque não é só a jogadora Marta, mas as mulheres. Num esporte que ainda é masculino pra muitos, temos uma mulher como a maior artilheira das Copas. É para todas elas. Esse recorde é nosso, de todas nós, mulheres que lutamos constantemente por melhoria em todos os setores. Eu divido com todas vocês que lutam e batalham e ainda têm que provar que são capazes de desempenhar qualquer tipo de atividade.”

Estamos em um ano diferente, de avanços para as mulheres no meio esportivo. Temos um Mundial feminino com grande visibilidade, transmitido pelos maiores canais de televisão, com mulheres narrando e comentando. Há 40 anos, caía o decreto que proibia a prática do futebol feminino no Brasil. Lutamos e esperamos essa evolução siga embalada.

Foi com o desejo de trazer ainda mais luz à temática da mulher no futebol que nasceu este livro. “Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro”, apresenta levantamentos quantitativos sobre mulheres que ocupam cargos de gestão em 18 clubes das Séries A a D do Campeonato Brasileiro de 2018, assim como nas 27 federações de futebol, no mesmo ano. Mas vai além dos

números: fala sobre histórias.

Vamos conhecer o pioneirismo de Jurema Bagatini Ramos, ex-presidenta do Esporte Clube Encantado, da cidade de mesmo nome, no Rio Grande do Sul. O irmão da ex-dirigente, Cezar Ângelo Bagatini, ajuda a rememorar um pouco dessa curta passagem de Jurema no cargo, além da repercussão local, nacional e internacional do caso.

As histórias de Sirley Dalla Lana e de Marlene Colla Matheus, ex-presidentas do Internacional de Santa Maria e do Corinthians, respectivamente, também ganham vida nas páginas.

Em seguida, aparecem os dados principais desta pesquisa: quantas mulheres ocupam cargos de direção nos clubes brasileiros pesquisados, da presidência a outros do corpo diretivo. Além disso, são mostradas quais funções em que há mais mulheres nas equipes futebolísticas.

No segundo capítulo passeamos pelas cinco regiões do Brasil, onde encontramos a determinação de Sônia, Christina, Tatiana, Dorizelha e Rafaela. Paramos um pouco na história de Patricia Amorim, presidenta do Flamengo entre os anos de 2010 e 2012. Jornalistas que acompanharam o dia a dia do clube carioca na época em que Patricia esteve no comando analisam a imagem contraditória perante o clube e os torcedores. Conhecemos também outras facetas da ex-nadadora, que deu muitas alegrias à equipe.

O percurso de Maria Vieira até chegar ao hoje Atlético Cearense protagoniza as páginas do terceiro capítulo. A gestora, que assumiu o Uniclínic em 2017, rememora sua trajetória desde os trabalhos anteriores ao futebol ao convite para se tornar presidenta da equipe. Maria falou também sobre os desafios diários de uma comandante e do machismo estrutural que ainda é bastante intrínseco ao futebol.

Fátima Batista, secretária-geral do Fortaleza - profissão que exerce há 19 anos - revive o começo do amor entre ela e o tricolor no quarto capítulo. Ex-atleta de handebol do clube, relembrou o momento em que se tornou a primeira presidenta de uma torcida organizada do Norte e Nordeste.

A última cearense a ter parte da história de vida e de relação com o futebol contada é Cida Ferreira. Em uma trajetória carregada de amor pelo futebol desde a infância, a coordenadora de futebol da

Federação Cearense traz consigo uma bagagem repleta de momentos voltados para a modalidade, como jogadora ou como gestora.

Todas mulheres firmes e determinadas, que ousaram trilhar caminhos diferentes, com muitos obstáculos, mas alcançaram objetivos, quebraram barreiras e contribuem na caminhada de outras mulheres na luta por igualdade, nas mais diversas áreas. Essa batalha é nossa também, da Beatriz e da Karol. Esperamos que apreciem e levem estas mulheres consigo, como nós levamos.

A parte que nos cabe

Maria nasceu fêmea. O detalhe que determinou seu destino. Antes mesmo de vir ao mundo, o sexo já antecipava qual seria o nome, as cores que usaria e os brinquedos que ganharia. Cresceu brincando de ser mãe, acumulando fogõezinhos de vários tamanhos e ajudando nas tarefas de casa. Tinha que aprender.

“Homem gosta de mulher prendada”, diziam. E casamento era uma prioridade, né? Via Pedro e João jogarem bola, caírem na lama e apostarem qual carrinho era mais veloz. Despretensiosos e despreocupados. Maria carregava uma mochila mais pesada.

Os anos passavam e os ombros desciam ainda mais. Será que era boa o suficiente, bonita o bastante, agradável e doce? Era melhor que as outras? Só se via pelos olhos de alguém. Alguém que fizesse o favor de se interessar por ela.

Quando a vaidade bateu na porta, batom vermelho nos lábios e confiança no peito. Saiu, dançou, beijou um, dois. Ops. Voltou como puta. Vergonha. Não encontrou mãos, braços e amparo. Foi só.

Julgada, impura, imprópria e quebrada. Foi chamada de louca quando disse sim, e também quando disse não. Maria se viu sem serventia. De que valia o esforço, se não tinha aprovação? Não entendia como tinha recebido sua sentença, enquanto José fazia o mesmo e seguia acolhido e amado.

Às vezes, mesmo convivendo a vida toda com a diferença gritante, não é possível enxergar o porquê das coisas óbvias. Tinha recebido sua sentença não por um beijo ou por uma ação isolada, mas no berço.

Se viu tendo que lutar todos os dias. No trabalho, o colega que tinha sempre uma piada sem graça, o chefe que não ouvia a ideia, o salário que não era justo. Nas reuniões de família, os comentários sobre o corpo, o velho discurso “vai ficar para tia”. Na rua, os assobios. Nos relacionamentos, o falso amor, a inferiorização.

Sofreu e cambaleou, até que levantou e voltou a caminhar. Devagar, degrau por degrau, conheceu Simone, Flávia, Júlia, Mariele... Passado, presente e futuro. Continuou sentindo o peso aumentar, mas dessa vez não tinha medo. Descobriu que não era mais só. Soube que ia aguentar.

Tinha nas costas aquela carga familiar, que reconhecia desde criança, mas agora se orgulhava dela. Sabia que na bagagem tinha conquistas de gerações de lutas, de sufragistas, de sutiãs queimados.

Maria apurou os ombros, olhou a frente e viu o caminho de batalhas diárias contra o machismo e diferentes formas de violência e se sentiu forte, capaz de encarar. Encarar por ela e por todas que virão, sabendo que um dia estará entre essas mulheres que escolheram a luta como companheira e ousaram querer mais.

Maria José, Maria de Fátima, Maria Aparecida. Maria sou eu, Maria, meninas, é vocês. E o lugar que cabe a ela é o mesmo que o nosso: onde a gente quiser.

Mulheres dirigem clube de futebol

ZERO HORA

ANO VIII - 4ª-feira 10-11-71 Nº 2304 | 50

as mulheres estão no futebol. certo?



A fama da presidenta

Apesar de estar já há cerca de um mês na presidência do Internacional de Santa Maria, Sirlei Dalla Lana ainda é notícia nacional. Nessa semana, ela foi assunto de reportagens na revista Veja e nos jornais A Folha de São Paulo e O Globo. Além disso, recebeu telefonemas de órgãos de comunicação de Salvador, Manaus e Recife.

parecesse ao Estádio Presidente Vargas. Se a resposta não foi das melhores, talvez até em função da chuva que antecedeu ao jogo, a presidente se revela muito satisfeita com a presença das mulheres e promete repetir a experiência. Quanto ao preconceito que existe em torno dessa questão, ela tem certeza «que isso vai mudar».

Projetos para levar as finanças do clube já existem. Está programado...



Sirlei é notícia no centro do país

O repórter Ivandel Godinho e o fotógrafo Alfonso Abraham encerram hoje a série de reportagens que fizeram analisando a situação do Encantado, depois que as mulheres começaram a dirigir o clube. A conclusão dos dois: o clube já ganhou em promoção. E, se houver colaboração dos homens, pode conseguir muito mais.

promoção, primeiro resultado das mulheres. único?

Um clube está com o campeonato porque não tinha De repente...

Futebol é para homens

Enquanto aqui no R. Grande do Sul as moças do Encantado tomam conta do Esporte Clube local, pretendendo uma série de mudanças para melhorar a situação — que não é das melhores, o presidente do Conselho Federal de Desportos não quer nem saber de mulheres no futebol.

sem tomar conhecimento das boas intenções da nova diretoria feminina do Encantado, o brigadeiro Jerônimo Bastos determinou medidas para reprimir com energia o futebol feminino, já muito proibido no Brasil. O brigadeiro aprovou circular enviada...



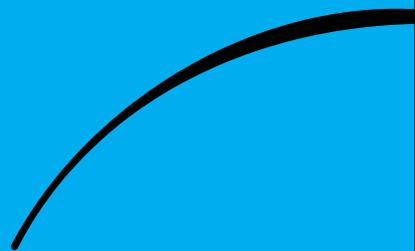
na gestão o pre-lube seu ingentes nele ex-tambem ada de laram-no em vão. o partiu afirmado quando outa das Esporte

Histórico



“Éramos a única diretoria de um clube de futebol profissional que não entrava nos vestiários dos jogadores”

PONTAPÉ INICIAL





O ano é 1971. No barzinho do amigo, na cidade de Encantado, a 148 km de Porto Alegre-RS, uma jovem professora de 26 anos se reúne com ele para conversar sobre a situação do time da cidade, o Esporte Clube Encantado. Juntos, pensam que é preciso fazer algo para tirar a equipe da péssima fase em que se encontra: à beira de um colapso administrativo e praticamente fechando as portas.

“O que poderia ser feito para reerguer o Encantado?”, questiona a moça.

“Bom, acho que o seu interesse já demonstra vontade em ajudar. Que tal tu e outras torcedoras, que têm tanto amor ao clube e tino administrativo, fazerem parte da diretoria para evitar que nosso time acabe?”, propôs o amigo, ex-jogador da equipe, futuro treinador e, posteriormente, diretor de futebol do Encantado.

Sem hesitar, **Jurema Maria Bagatini Ramos** protagonizou a primeira chegada de uma mulher à presidência de um clube de futebol no Brasil. Entre os anos de 1971 e 1972, ela, ao lado do amigo Vitor Berticelli e de outras 11 mulheres - que ocupavam diversos cargos, definidos entre elas mesmas -, comandou o Encantado, time de mesmo nome da pequena cidade do interior gaúcho, e ajudou a reerguer a equipe.

É possível até prever qual foi a reação dos cerca de 34,5 mil moradores (de acordo com informações do Censo 1970, do IBGE) da pequena Encantado, de beleza e delicadeza próprias das cidades de interior - com natureza marcante em todos os cenários, tranquila e aconchegante -, com a notícia inédita de uma mulher presidindo o time de futebol do município: burburinho, desconfiança e surpresa. Natural, para o Sul do Brasil no começo dos anos 70.

A primeira matéria jornalística sobre a posse da presidenta foi feita pelo jornal O Informativo, de Encantado, no dia 21 de agosto de 1971. Porém, segundo **Cezar Ângelo Bagatini**, irmão de Jurema e ex-goleiro com vasto currículo (Caxias do Sul, Internacional, Coritiba, Vitória, Sport e Brasil de Pelotas), a notícia não se limitou ao pequeno município. “A repercussão desse fato foi no Brasil todo, porque ela foi a primeira mulher presidente de um clube de futebol profissional no país”.

Logo após a morte de Jurema, em 2010, outro irmão, Vilson Ba-

■ O Esporte Clube Encantado foi fundado no dia 21 de abril de 1942. A única participação da equipe na primeira divisão do campeonato estadual foi em 1974.

No primeiro turno daquele ano, ficou em último lugar, com apenas dois pontos conquistados em nove jogos disputados. Já no segundo turno, esteve em sétimo lugar, com seis pontos em nove jogos. No ano seguinte, venceu o Brasil de Pelotas por 1 a 0 e conquistou a Copa Cicero Soares. Já no século XXI, o clube passou todo o ano de 2006 fechado, mas foi reaberto em 2007 e teve o Estádio das Cabriúvas - casa com capacidade para 5 mil torcedores - remodelado. Atualmente, o clube tem o status de amador.

gatini, afirmou que o pioneirismo da ex-dirigente foi alvo de questionamentos da imprensa¹. “Saíam reportagens até no exterior perguntando: ‘onde estão os homens do futebol brasileiro?’, outras noticiando: ‘a única presidente que não entra em vestiário’”.

Futebol é para homens

Enquanto aqui no R. Grande do Sul as m^oças de Encantado tomam conta do Esporte Clube local, pretendendo uma série de mudanças para melhorar a situação — que não é das melhores, o presidente do Conselho Federal de Desportos não quer nem saber de mulheres no futebol.

Sem tomar conhecimento das boas intenções da nova diretoria feminina do Encantado, o brigadeiro Jerônimo Bastos determinou medidas para reprimir com energia o futebol feminino, já muito proibido no Brasil. O brigadeiro aprovou circular enviada à CBD, onde é exigido o cumprimento da deliberação proibitiva.

Nota do jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre-RS, do dia 9 de novembro de 1971.

O GLOBO

★ EDIÇÃO ESPORTIVA ★

RIO, SEGUNDA-FEIRA, 8 DE NOVEMBRO DE 1971

Mulheres dirigem clube de futebol

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — O Esporte Clube Encantado, localizado a 170 quilômetros desta capital, agora está fazendo jus ao nome, porque as torcedoras do tradicional clube de futebol deram o "golpe", assumindo a maioria dos cargos antes ocupados por homens. Jurema Maria Bagattini, um encanto de loura, é a nova presidente, tendo como vice Marta Kummer, que não perde em beleza. A diretoria feminina confirmou — na sua primeira decisão — o treinador Vitor no comando do quadro de futebol. Ele, por sua vez, confessou-se feliz, dizendo que "assim dá gosto". As dirigentes do Encantado virão a esta capital cobrar de vários deputados os auxílios que prometeram e deixaram de cumprir em favor do clube, que disputa o campeonato da primeira divisão de profissionais.

CORREIO

SEXTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 1971) — 7



PALÁCIO FARROUPILHA

O presidente da Assembléia, deputado Solano Borges, recebeu visita de cortesia de uma comissão de Encantado, da qual faziam parte o vereador Derico Tarler e as senhoritas Jurema Bagattini e Marta Kummer. Na foto, um flagrante da visita

FÓLHA DA MANHÃ

50
CENTAVOS

ANO II. PÓRTO ALEGRE, 10 DE NOVEMBRO DE 1971 N.º 603

TIRO DE CANHÃO

AMARO JUNIOR

Pois táí. Foi um time de mulheres tomar conta do E. C. Encantado para dirigi-lo e já o "caso" está rendendo para o município em termos de promoção. Nossa Esportiva despachou para lá um repórter e um fotógrafo e é bem capaz que algumas das várias revistas cariocas de circulação nacional, as quais andam sempre à cata de assunto, faça o mesmo. O prefeito da comuna já largou dois milhões antigos (é pouco) para o clube, num gesto, aliás, muito inteligente, pois esse dinheiro renderá muito mais em publicidade para Encantado. O homem até já saiu no jornal todo sorridente e não é para menos pois o "golpe" foi deveras genial. A moçada fez questão de que também alguns "barbados" ocupassem cargos na diretoria do clube e mesclassem o ambiente, sendo bem capaz — já que todas as novas diretoras são solteiras — dêle sair algum casamento. Mas isso deixa prá lá.

O essencial é que as môças estão prometendo revolucionar o clube no bom sentido, o que já estão fazendo, esperando contar com o apoio da população de Encantado. Vamos ajudar, minha gente, que elas merecem. Principalmente as demais mulheres da comunidade devem dar total mão forte à promoção a fim de provarem as aptidões do sexo feminino. Tão bom como tão bom, iguais aos homens.

DE AITO A BAIXO

ANTÔNIO CARLOS PÓRTO

Então a minha boa gente de Encantado "se entregou" para as môças, que tomaram de assalto o EC Encantado, segundo o bom trabalho do Elio Fagundes. Meus respeitos à Diretoria mais feminina do futebol mundial. Minhas felicitações ao técnico Vitor, o "padre nosso entre as ave marias", e um pedido para o meu estimado Néllio Marchese dar uma mãozinha para as môças. Esquece um pouco o teu Internacional e os charutos feitos de fumos enrolados nas pernas das baianas.

Ouçõ falar, embora nada de oficial, que o meu Estrela FC a 17 do corrente vai ressuscitar. Nesta data completa 40 anos de fundação. Por enquanto está com a bandeira enrolada, fato que muito me entristece. Daqui há pouco o exemplo das vizinhas de Encantado pega...

Telegrama da TV Globo Rio, do dia 19 de novembro de 1971, solicitando entrevista com a diretoria feminina do Encantado.

REEMBULO

Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos		TELEGRAMA	
Nº DE EMISSÃO	Carimbo da Estação	Indicações de Serviços Taxados e Endereço	Urgente - Prefeitura Municipal por E.C. Encantado
Endereço	19 NOV 71		
de _____ horas			
por _____			

Habitue-se a indicar no recibo do seu Telegrama a hora em que o receber. Com essa providência auxiliará a Empresa a fiscalizar a entrega

TEXTO E ASSINATURA

ATUALIZADO DO LAC... TV GLOBO RIO...
 JOÃO DADO DE FORTOL...
 LUIZ CARLOS LORENÇO CHEFE DE REPORTAGEM

Aguarde domingo Equipe TV Globo Rio fará ali reportagem mulheres comandando time de futebol Encantado. pt. Reunião e avise locais Luiz Carlos Lourenço - Chefe de reportagem.

FÓLHA DE CAMPO MOURÃO
12 DE SETEMBRO DE 1971

QUEM COMANDA O FUTEBOL SÃO AS MULHERES

Por mais incrível que possa parecer é verdade.

Na cidade de ENCANTADO, Rio Grande do Sul, a equipe de futebol, do Esporte Clube Encantado, a sua diretoria é constituída de senhoritas

segundo dizem bonitas às pampas. Este é o primeiro caso no Brasil.

Acontece que as garotas estão conseguindo fãz que não é brincadeira e o time de lá parece que vai à frente, de vez que, quando a diretoria era composta só de "homens" não tinha jeito.

O pessoal está todo encantado com a nova diretoria do Clube, e não é prá menos.

Será que por lá os homens estão perdendo a vêz? Cuidado minha. Daqui uns tempos, a mulher vai entrar para prefeito e a coisa começa a virar e a "homarada" vai ficar na mão.

O Presidente de Honra, o que salva a Pátria, é o Sr. Armando Luiz Reali. Agente a mão Sr. Reali. Não deixa a mulher botar vocês prá trás.

FOLHA DA MANHÃ

50 CENTAVOS

ANO II PORTO ALEGRE, 8 DE NOVEMBRO DE 1971 N.º 661

MULHERES TOMARAM CONTA DO FUTEBOL DE ENCANTADO

Em Encantado, as mulheres resolveram mostrar que também entendem de futebol e partiram para a diretoria do Esporte Clube Encantado. No último fim de semana, a nova diretoria, constituída na sua maioria por mulheres, tomou posse, prometendo passar "aquela vassoura" no Esporte Clube Encantado. Elas querem solucionar os problemas que continuam por lá.

Jurema Maria Begatini, a nova presidente e Marta Kumer, vice, prometem muitas coisas. Uma delas: ir logo cobrar dos deputados as velhas promessas de ajuda, que até já caducaram. Mas, em sua primeira reunião de diretoria, confirmaram o técnico Vitor Berticelli no posto, e na tesouraria Erno Pederiva. Além destes, só mais um homem: Lício Caimo, que está na Secretaria com Liane Pavaglio. A nova diretoria explica que estes homens permaneceram porque fazem um serviço que "deve ser feito por eles".

Enquanto *êles* cuidam do dinheiro, *elas* pensam em fazer sérias modificações no velho estádio e dar um jeitinho para conseguir um ótimo plantel. O Esporte Clube Encantado faz parte da 1.ª Divisão de Profissionais da Federação Gaúcha e a diretora social Gladis Sangalli, junto com a encarregada da Publicidade Nedi Terezinha Sandri, estão querendo tornar o nome do time bem mais conhecido. Para isto, antes de mais nada, vão dar uma melhorada na faixa do Clube.

Mas a grande preocupação agora é conseguir registrar a nova diretoria na Federação Gaúcha de Futebol. E isto já está sendo providenciado. E quando tudo estiver solucionado o Esporte Clube Encantado poderá cantar glórias, dizendo que é o primeiro clube brasileiro a contar com uma diretoria onde as mulheres mandam.

FÔLHA DA MANHÃ

50
CENTAVOS

ANO II PORTO ALEGRE, 30 DE NOVEMBRO DE 1971 N.º 619

ENCANTADO APLAUDE AS JOVENS

ENCANTADO (Esportiva) — Jurema Bagatini (presidente) e Marta Kumer (vice-presidente) do EC Encantado, as mulheres que ocupam os principais cargos na diretoria executiva do clube, estão iniciando uma série de providências para recolocar a agremiação em atividades no início do próximo ano.

Como muitas das mulheres que dirigem o Encantado, são professoras, elas aguardam as férias escolares para intensificar o trabalho. Mesmo assim a campanha de novos sócios está alcançando seus objetivos. Motivadas pelo apoio que estão recebendo da imprensa de todo o País, pelo ineditismo — mulheres dirigindo um clube de futebol — toda a comunidade está se integrando na campanha e um número bastante elevado já está fichado como sócio da agremiação que com mais tempo poderão atingir o objetivo: 2.500 a 3.000 associados.

Independente a campanha de novos sócios, também estão sendo mantidos contatos com as

firmas locais para a reforma de contratos, ou mesmo de novos, para a colocação no estádio de painéis publicitários, o que representará um bom rendimento mensal. A presidente Jurema Bagatini adiantou que com publicidade (painéis) o clube poderá arrecadar em 1972 a soma de 25 mil cruzeiros.

NOVA SEDE

Outra providência tomada este mês: organização da nova sede. O local já está determinado. Será no Bar e Restaurante Esplanada que possui inclusive uma bule, a qual servirá para reuniões e outras promoções com rendas revertidas em parte para o EC Encantado.

Dia 11 de dezembro, a nova diretoria do Encantado já providenciou numa promoção. Convidaram o time de futebol da ACEPA (Associação dos Cronistas Esportivos de Porto Alegre) para um jogo amistoso contra os veteranos do Encantado. O convite foi aceito e o jogo será realizado. Os cronistas serão recepcionados com um churrasco.



O PLANO QUE ELAS TÊM

A nova diretoria do Encantado, já colocou em prática uma campanha para angariar novos sócios. Elas e eles pretendem alcançar um número que possa triplicar o anterior, assegurando assim, através das mensalidades, uma boa fonte de renda para a agremiação.

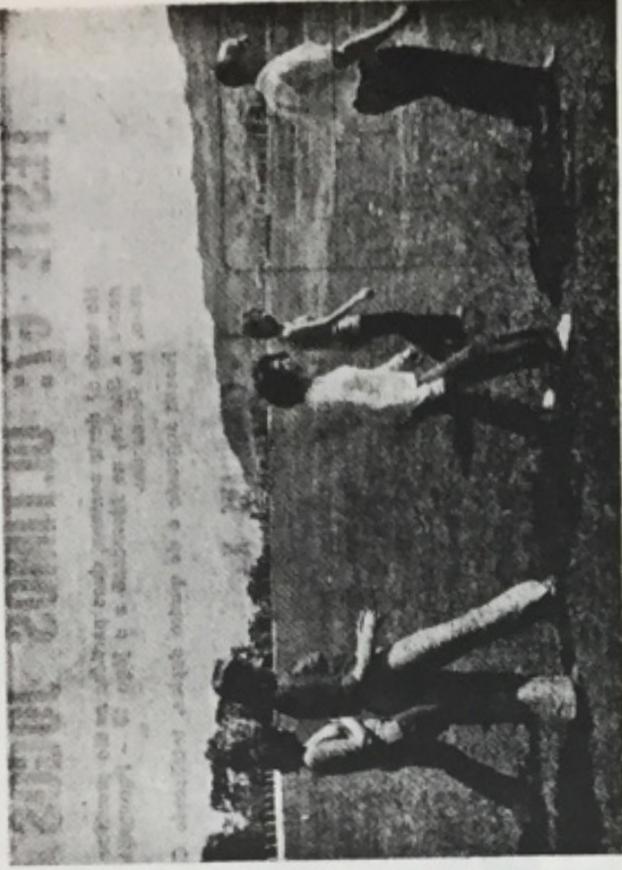
O estádio é denominado "Estádio das Cabruvas", mas no programa de conseguir auxílios para o clube poderá ganhar outro nome. Acontece que vários deputados já responderam favoravelmente em colaborar no orçamento do próximo ano, de volta pessoal de cada um, algo que será destinado ao Esporte Clube Encantado. As mulheres que dirigem o clube anunciaram que o que oferecer mais dará seu nome ao estádio do Encantado. Elas acreditam muito nos deputados.

Uma firma sediada naquela cidade — a Tratec — é uma das que mais tem colaborado com o clube. Além de homens, máquinas e madeiras, a firma se prontificou a auxiliar sempre, tendo inclusive já feito algumas reformas no estádio.

Em 1970, quando o Encantado disputou pela última vez o campeonato organizado pela FOP, conseguiu o 3º lugar na chave que envolvia clubes de Igrejinha (fôl 3 campeão), Fortes e Livres, de Mucuri; Montenegro; Mundo Novo, de Três Coroas e Dabau, de Veranópolis. O grande feito do Encantado, foi ter vencido o campeão nos dois jogos entre ambos. Em Igrejinha o placar foi 3 x 2 e em casa a vitória de 1 x 0.

Vários jogadores de bom nível passaram pelo Encantado. Sérgio Crois, atual treinador do Cruzeiro, foi jogador do clube. Outros, que está no Cruzeiro também. E vários outros como Dori, que é astro no futebol paranaense.

São vários os planos para reerguer financeiramente o clube da nova diretoria. Alguns já foram colocados em prática. Um dos próximos será de realizar confraternizações com firmas locais para colocar painéis de propaganda no estádio, numa estimativa de arrecadar mais de 20 mil mensais. Sorteios entre os associados, como uma premiação pela colaboração com uma mensalidade além da normal, ou mesmo da que for estabelecida próximamente, com a nova campanha de associados. Enfim, tudo está sendo feito estudado, num plano de associados. Enfim, tudo está sendo feito estudado, num esquema que, segundo as mulheres da diretoria vai ser um sucesso.



O QUE O POVO PENSA

— "Alô presidente Comn vai nosso clube? Este ano vamos botar pra quebrar".

Essas palavras Jurema ouviu muitas vezes na rua, principalmente logo que assumiu a presidência do Esporte Clube Encantado. Depois ela, foi se acortando e em pouco tempo já não se ouvia mais.

— A comunidade toda acetiou com naturalidade. Nos primeiros dias houve algumas restrições. Muita mãe, por exemplo,

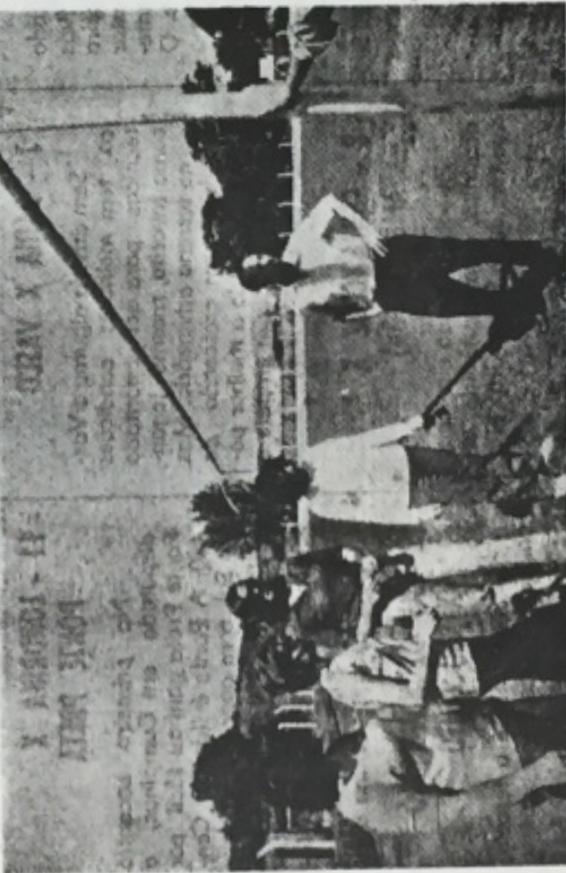
ol contrária. Ela não queria de forma alguma que eu fosse dirigir um clube de futebol. Sabo como é, mas nessa tradição sempre ligada ao esporte acabou ajeitando e ela aceitou. Mas precisou algumas explicações. Hoje, minha mãe acha tudo muito bonito. Sabe que todos estão nos ajudando e entendendo muito o objetivo.

Percebendo numa repercussão contrária por parte da população, elas fizeram um pedido ao aceitar seus cargos. Queriam apenas homens mesclados na diretoria para que as coisas fossem mais fáceis.

a unificação de homens e mulheres buscando o seu engrandecimento.

Leão Carmo, Erno Federativa, Luis Aurelio Mosech, João Alberto Schaffner, Selin Chaban, Hugo Coimbra, Ruffoni, Francisco Vohusinski, Vanderlei Spahr, Adinar Borguetini, Aurício da Silva, Nilo Ciconelli, dr. Nélio Oscar Marchese, dr. Clóvis Balbinos e dr. Antônio Hilário Pising estão incluídos na diretoria, associando os diversos departamentos, todos também dispostos a prestar seus serviços para o clube.

A comunidade, quando soube



TODAS SÃO LIVRES

Todas as mulheres filiadas na diretoria do Esporte Clube Encantado são solteiras. Todas são livres? Esta pergunta foi respondida pela presidente Jurema:

— Apenas uma é solteira. As demais têm seus namorados, mas nenhuma é casada. Eu, particularmente, tenho meu namorado. Gosto muito dele. As outras têm, umas só por brincadeira.

Jurema procura sempre falar em nome de todas e lembrar que não são impedidas em nada pelos seus namorados.

— O meu namorado — lembrou Jurema — é totalmente favorável ao que me propus. Procura sempre me incentivar e dar motivos para levar avante nosso empreendimento. Muitas colegas fazem a mesma coisa. Quer dizer está tudo na sua mão.

Por que nenhuma mulher casada na diretoria, Jurema?

— Sabe você que para elas não é fácil. Uma coisa de casa sempre tem maiores compromissos que uma mulher solteira e isso se torna muito difícil para que elas possam se dedicar, como nós pretendemos.

Maria Kumar, que é vice-presidente, está no último ano na Escola de Educação Física. Ela poderá ser até a fundadora do plantel: Maria:

— Eu ainda não pensei nisso, mas creio que não será impossível. Se precisarem de mim, tenho tempo, eu estarei disposta a colaborar.

Com o objetivo do que está fazendo e o que pretendem, Maria, Jurema e todas suas companheiras admitem até uma diretoria só de mulheres. Querem, entretanto, experiência. Depois — segundo elas — tudo será mais fácil e todos irão se acostumar.

O seu maior, atual, objetivo é passar a equipe para a ser o Diretor de Futebol. Ele também foi jogador do clube e sempre colaborou, de uma ou de outra forma. Boa ideia de levar muitas libras para dirigir o clube recebeu o endosso de todos os companheiros. Muitos deles passaram a ter maior interesse e juntaram-se na direção. Outros que já estavam, permaneceram e hoje o Esporte Clube Encantado é



TEXTO: ÉLIO FAGUNDES
FOTOS: ALBERTO ETCHART



O QUE ELAS FAZEM

Jurema Maria Bagnatti, ex-vice-presidente do Esporte Clube Encantado, e professora. Com seus 34 anos de idade, já tem de altura e de família, segundo ela) ainda não pensa em casar. Ocasia de ironizar: No Grande Estadual de Encantado, é escorelada da matéria "Bênção para o Lar". Suas amigas — a maioria professoras — foram as primeiras a serem convidadas para integrar a diretoria. Todas se prontificaram em ajudá-la. Jurema:

— Nossa atividade principal é nos colégios. Levamos uma vida normal, como todas as mães do interior. Nas horas de folga, não adoro, reunidas, dançantes e quase sempre o assunto envolve o esporte. Nos últimos tempos comparemos a nos interessar pelo futebol. Sentimos as dificuldades que algumas mulheres estavam enfrentando para trabalhar e ser reconhecidas. Por isso consideramos e aceitamos.

Jurema é uma mãe muito dedicada. Não fuma porque sua mãe não permite, mas na ausência de uma esposa, de falar sobre um assunto de que ainda fala muito a respeito: diretamente um e através do meio. Ocasia muito de falar sobre suas amigas e dela mesma.

— Eu ainda pensando curar pedologia. E meu grande sonho, em de me casar, é claro. Muitas coisas boas tem sua profissão, quem não é professora, trabalha no comércio.

Marta, que é a vice-presidente dessa de ser chamada de Mariana. Para atender à reportagem deixou sua pequena "particular" nas águas do Rio Taquari e veio disposta a falar sobre futebol. Ela atua Educação Física, Marta:

— Eu sempre gostei de futebol. Desde pequena torcia pelo Encantado. Agora, como fui convidada, espero também dar minha parcela de colaboração para com meu clube. Tenho certeza que teremos sucesso.

Algumas das dirigentes não puderam atender à reportagem. Era a noite e o trabalho as prendia. Mesmo assim, se soude que elas trabalhavam nas horas vagas pelo Encantado.

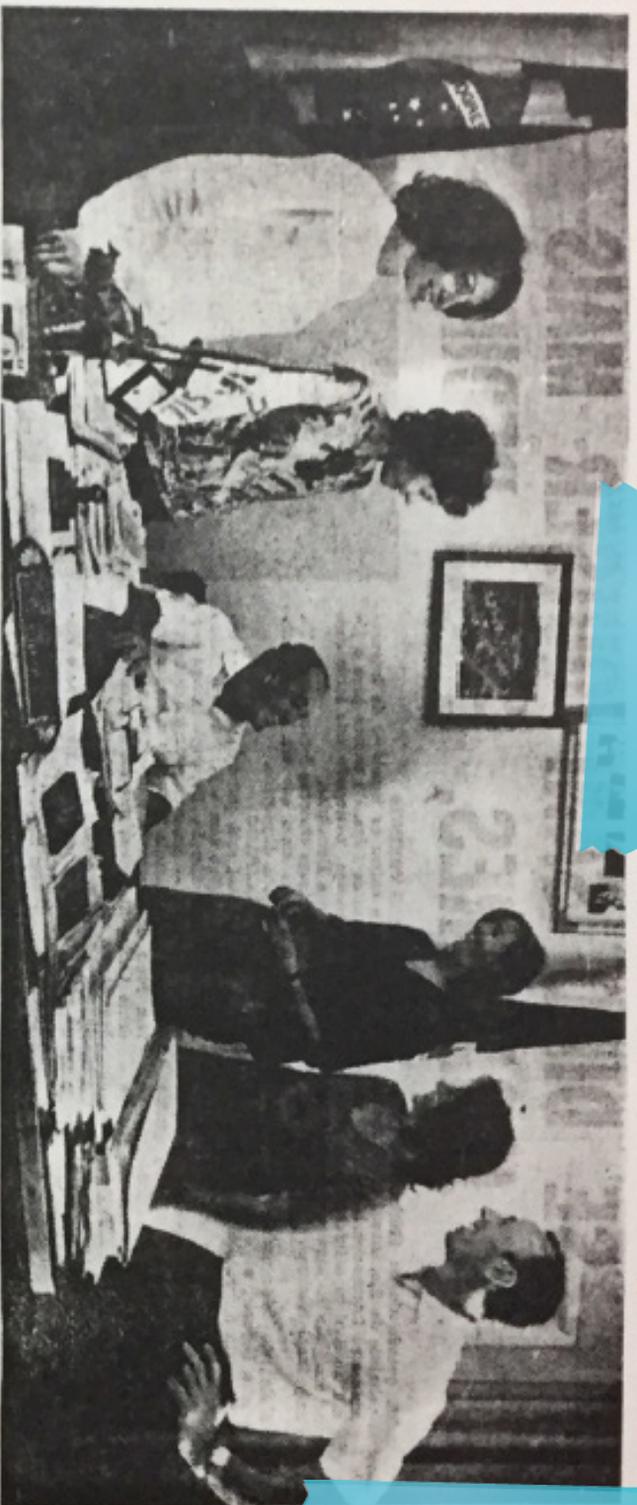
te aos dias de igual para igual. Na base do sacrifício, a comunidade toda de Encantado passou a ajudar. O time ganhava, era repetido. Chegou mesmo a ser cogomidado o "Leão do Vale do Taquari", pois ganhava de todos os que representavam as cidades mais próximas. O tempo, entretanto, modificou a estrutura do futebol e conseqüentemente a estrutura do futebol e conseqüentemente muitos em colaborar. O EC Encantado não resistiu. Solicitou licenciamento em 1971. Na metade do ano alguns ex-dirigentes e torcedores mais chegados começaram a pensar numa nova diretoria, pois para 1972 o clube teria que voltar às atividades. Ninguém queria a responsabilidade em assumir pelo mesmo a presidência do clube. Certo dia, no Restaurante Esplanada, de propriedade do senhor Vitor Berticelli da Silva, que é treinador do EC Encantado desde 1969, surgiu a grande ideia: uma diretoria formada na sua maioria por mulheres. De uma conversa do seu Vitor com algumas mães da cidade no Esplanada surgiu o embrião da atual diretoria que assumiu o clube no dia 16 de agosto. São quase duas dezenas de mulheres, passaram a comandar um clube que estava à beira da falência total, do encerramento definitivo de suas atividades.

... e a diretoria, com a presença de Estelene Leite, passaram a auxiliar o Departamento de Publicidade e Social, respectivamente. Liane Maria Pavoglio, de profissão secretária, foi escolhida a secretária do clube. Outras tantas como auxiliares passaram também a colaborar num trabalho que já se torna notável com força total no próximo ano.

O sr. Armando Luis Reali é o prefeito de Encantado. Sobre ele um aspecto importante na vida do clube. Chegou aquela cidade trazido pelo futebol. Foi um dos primeiros jogadores do clube. Criou raízes. Passou por várias atividades até alcançar a política, onde foi vereador, vice-prefeito na gestão anterior e há quase dois anos é o prefeito de Encantado. Na história do clube seu nome ficou marcado. As novas dirigentes acharam que na sensibilidade daquele esportista e ardoroso torcedor estava também um de seus alicerces para a recuperação de uma nova fase para o clube. Convidaram-no para Presidente de Honra. E não foi em vão.

A primeira grande colaboração partiu do governo municipal. Um auxílio de 2 mil cruzeiros foi confirmado ainda na presença da reportagem, quando uma das primeiras alegrias tomou conta das mães que passaram a mandar no Esporte Clube Encantado.





Este foi um momento de muita alegria para a sua nova diretoria do EC En cantado. O prefeito Armando Luis Reali confirma o primeiro grande auxílio para o clube: uma verba de 2 mil cruzeiros, já liberada. Na foto, além do prefeito, a presidente Jurma Maria Bagatini, a vice Marta Kumer, Nedi Sandri e Ivone Begolini, e o treinador Vitor

ELAS SÃO DONAS DO TIME

Vocês já imaginaram um clube de futebol dirigido quase que exclusivamente por mulheres? Os principais cargos, como presidente e vice, ocupados por mulheres? Pois este clube existe aqui no Rio Grande do Sul. Fundado a 21 de abril de 1942, o Esporte Clube Encantado foi sempre um clube igual aos outros. No início — época do amadorismo — tudo era muito fácil. Quando a cidade cresceu, o município chegou aos seus quase 90 mil habitantes, o clube se transformou. Passou a ser profissional e disputar os campeonatos da categoria. Começaram as dificuldades. Era preciso fazer firm-

Jurma Maria Bagatini, descendente de uma família que sempre foi ligada ao esporte, assumiu a presidência. Ela, que é professora do Ginásio Estadual daquela cidade, convocou suas amigas, as maiores também professoras para trabalhar pelo único clube da cidade. Todas aceitaram e passaram a buscar um aprimoramento sobre o futebol, esporte que elas já conheciam como torcedoras. Jurma — a presidente — escolheu algumas para assessorá-la mais de perto na hora empreitada. Marta Kumer foi eleita vice-presidente. Nedi Sandri (publicidade), Grádis Soregelli (costas) Ivone Begolini (tre-



Nosso repórter Ivaldo Godinho e o fotógrafo Alfonso Abraham começam hoje a analisar a solução que o Encantado deu para seus problemas: mulheres na direção.

mulheres no poder, para que voltem os antigos dobrados

Quando em 1914, Teobaldo Merchi, chegou em Encantado carregando nas costas de uma mula, a primeira bola de futebol que a cidade conheceu, não podia imaginar que 57 anos depois, aquele clube de futebol, que éia iria formar com uns amigos, de bigode imensos e suíças, seria um dia dirigido por mulheres.

Mas, no reunião de 16 de agosto de 1971, do Esporte Clube Encantado, ficou decidido que Jurema Maria Bagatini e Marota Kumer, seriam presidente e vice-presidente do clube. E Teobaldo Merchi (que junto com Ernesto Gregoire fundou oficialmente o Encantado em 21 de abril de 1942), já se acoturnou com a nova diretoria. «Foi ótimo que as mulheres tomassem a direção. Só elas poderão fazer uma mudança radical no Esporte Clube Encantado, que está precisando muito».

O entusiasmo de Teobaldo com as mulheres, é porque ele vê como única solução

para que o Encantado recupere seus dias de glória. «Nós temos ótimos jogadores fiéis de Encantado. O Ima, que jogou no Santos e no Grêmio, tem o Cará que jogou no Cruzeiro, o Vitalba que jogou no Internacional, o Roni, que jogou no Grêmio. Mas, neste ano, o Encantado nem participou do campeonato da Federação por falta de uma diretoria que se interessasse pelo clube. Não podemos deixar que a tradição do Encantado seja esquecida, sem fazer nada. Achei ótimo a entrada das mulheres.»

A CAVALO

Desde a sua fundação (1942), o Encantado tem participado em todos os campeonatos da Federação, sendo campeão da zona leste em 1954, e vice-campeão, da zona centro, em 1958. Estes títulos são sempre relembrados, quando se fala em Encan-

tado por qualquer pessoa da cidade. Para o fundador Teobaldo, o mais importante não foram estes dois títulos. Na opinião dele o mais importante foi o início da história do Encantado:

«Eu jogava de meio-direita. Era o goleador do time. Depois as pernas foram cansando e eu me tornei o técnico. Douva ginástica e tudo. Eu me lembro, que um dos treinamentos que as rapazes mais gostavam era ir correndo do campo até o rio. Durante uns meses eu os acompanhei, mas depois as pernas não deram mais e eu tomei uma atitude: eu ia de cavalo e eles a pé, correndo».

Agora, Teobaldo só deseja que as mulheres consigam agora o que ele conseguiu há 59 anos atrás: «Nós tínhamos uma torcida organizada, com banda de música e tudo. Cada gol era um dobrado».



Todo o nosso futebol do interior vive em crise. As mulheres (foto) que o Encantado colocou no poder podem resolver alguma coisa ou só servem para promoção?

no futebol mando eu

Vitor Berticelli da Silva, técnico do Encantado, não pode atender bem o time este ano, porque abriu uma churrasaria (Espianada), e teve muito serviço. Mas agora, com a nova direção, Vitor arrumou tempo, chegando mesmo a fazer planos.

— Foi ótimo a entrada das mboas na direção. Elas têm muito otimismo, e eu acho que nós vamos conseguir muita coisa boa. O principal que é dinheiro, eu acho que só poderia ser conseguido através delas. Toda a indústria ajudando o Encantado vai voltar no ano que vem, preparado para participar do Campeonato.

Mas se Vitor faz este elogio as mulheres, ele no entanto, não esquece de deixar claro um ponto muito importante: «Elas podem mandar na parte administrativa. Mas dentro do campo quem manda sou eu. Elas lá sabem».

FALTA DINHEIRO

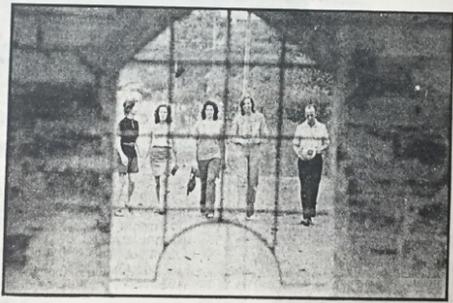
As mulheres disseram que as poucas pessoas que se opuseram a elas eram pessoas velhas, conservadoras. Mas o locutor da esportes da rádio Encantado, Walter Kuan, não é velho e diz que a sua crítica à nova diretoria não é porque elas sejam mulheres: «Aqui em Encantado, não dá pé. Não existem grandes indústrias, e as pequenas não têm dinheiro, para apoiar».

Matéria do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, do dia 10 de novembro de 1971.

seguirão?

...va, sobre o assunto parte dele foi logo dizendo; esporte, devia ficar na página 2304 50

as mulheres estão no futebol. certo?



As mulheres de Encantado (foto de Alfonso Abraham) estão entrando em campo para assumir a direção do clube e tentar resolver os problemas que os homens (e a situação difícil do futebol do Interior) deixaram. Nossos repórteres estiveram lá e a partir de hoje, na PÁGINA 33, começam a analisar essa original solução. A primeira conclusão: as mulheres têm a simpatia geral, desde que não se metam no time. Mas o padre da cidade duvida da solução.

ZERO HORA

ANO VIII - 5ª-feira 11-11-71 N°2305

50

Pôrto Alegre | CENTAVOS

planos delas, para o encantado

ESPORTE CLUBE ENCANTADO

Presidente. — Jurema Maria Bagatini

Vice-Presidente — Marta Kumer
2.º Secretário — Liene Maria Pavaglio

Elas foram eleitas. A correspondência já vem no nome de Jurema. A nova direção do Encantado já foi registrada na Federação Gaúcha de Futebol. São três mulheres nos principais postos do clube, duas chefiando dois departamentos (Han-Ball e Social), e mais uma para dirigir a publicidade.

O que poderão fazer estas mulheres que os homens não podem? Conseguir dinheiro. Na opinião do presidente Jurema Bagatini, isto é uma das diferenças, mas não a mais importante: «Nós vamos nas indústrias pedir apoio para o clube, que precisa de dinheiro, para remodelar o campo. Já conseguimos dois milhões da prefeitura e vamos conseguir mais com diversas promoções sociais. Os homens não conseguem nada, deixem nós tentarmos. Chegou a vez das mulheres».

Apesar de não encarar em como uma guerra, este desafio que aceitaram, as mulheres dizem que entendem bem a filosofia que os homens do Encantado estão adotando: «Os homens aceitaram esta nova situação para ver onde nós podemos ir. Agora eu acho que só vamos vencer se eles colaborarem. Afinal o clube é um só...» (Marta Kumer, vice-presidente).

MAOS A OBRA

Sem fazer muitas promessas, acreditando que o futuro, só pode acontecer quando se faz alguma coisa no presente, Jurema — a Presidente — vai explicando o que pretende fazer, contando com os dedos os quatro itens:

— Para o ano que vem nós queremos: 1) concluir as vestiências. 2) aumentar as arquibancadas de concreto. 3) fazer uma pista de atletismo. 4) aumentar o número do quadro social. Tudo isto vai ser iniciado ainda neste ano.

Os jogadores, que afinal, são a razão de um time de futebol, só

começaram a treinar no ano que vem. Até lá elas esperam que eles continuem a treinar pela forma porque foram empurrados: «Eles precisam manter-se em forma. A Tratex usa o nosso campo, e os jogadores continuam os treinamentos. Eles têm que saber prontos no início do ano para jogar por um grande time: o Encantado».

As mulheres têm alguns meses para provar que podem fazer alguma coisa pelo Encantado. Do contrário os homens como o dono do bar ao lado do campo, vão continuar dizendo: «O time tá acabado, ainda mais que tem mulher mandando».



Em lugar dos homens, mulheres em campo

O repórter Ivandel Godinho e o fotógrafo Alfonso Abraham encerram hoje a série de reportagens que fizeram analisando a situação do Encantado, depois que as mulheres começaram a dirigir o clube. A conclusão dos dois: o clube já ganhou em promoção. E, se houver colaboração dos homens, pode conseguir muito mais.

promoção, primeiro resultado das mulheres. único?

Um clube pequeno, do interior do Rio Grande do Sul, que está com o campo abandonado, não participou neste ano, do Campeonato da 1ª Divisão de Profissionais, da Federação, porque não tinha diretoria, nem dinheiro.

De repente o nome deste clube, começa a surgir em jornais, televisão, rádio. Todo mundo fica sabendo, que numa cidade a 170 quilômetros de Porto Alegre, existe um time chamado ESPORTE CLUBE ENCANTADO. E tudo isto porque este é o primeiro clube do Brasil que tem na sua direção, mulheres.

Por que foram eleitas mulheres?

Para que o clube se promovesse, através do ineditismo do fato? Esta parece ser a resposta mais lógica, mais coerente, com o espírito do homem. O Encantado estaria, com a nova direção, tentando sair da sombra.

Esta lógica chega a assustar, mas não é verdadeira. A verdade é simples, como o modesto Encantado. As mulheres que assumiram, são em maioria, professoras que se interessam muito por esporte. Vendo o clube de sua cidade abandonado, resolveram se reunir para levantar o clube. É mais do que lógico, então que elas permanecessem na direção, daquilo por que estavam lutando. E foi o que aconteceu. Uma reunião ao acaso (sempre se encontram para conversar), no restaurante do técnico Vitor Berticelli, elas chegaram à conclusão que poderiam dirigir o Encantado.

Em agosto foi realizada uma assembléia, e elas foram eleitas, por maioria. O técnico Vitor, foi conservado, porque no momento elas não se acham em condições de discutir táticas de futebol. A explicação pelo interesse das mulheres foi dada pelo presidente do clube Jurema Bogatini: «o esporte é uma forma de educar. Nós todas somos professoras e podemos muito bem dirigir um clube».



As mulheres, promovendo

ZERO HORA

ANO VIII - 01-feira 12-11-71 N°2306

50

Porto Alegre | CENTAVOS

TRABALHO SERÁ DIFÍCIL



JÁ NO CAMPO, VENDO COMO TIRARÃO O ENCANTADO DAS CRISES

RECIFE GRANDE DO SUL



MULHERES TOMAM AS CARTOLAS DOS HOMENS

Enquanto dirigido por homens, o Esporte Clube Encantado (cidade a 169 quilômetros de Pôrto Alegre) só conseguiu uma coisa: o fechamento. Depois de 29 anos de lutas, seus dirigentes enviaram ofício à Federação Gaúcha em janeiro, abrindo mão de sua vaga na 1.ª Divisão de Profissionais por um ano.

As mulheres da cidade se indignaram. Diante da perspectiva de não terem para quem torcer e vendo que os cartolas não tomariam uma atitude, reuni-

ram-se e formaram a nova diretoria do Encantado.

— Agora o time voltará a ser o Leão do Vale do Taquari — diz a presidente Jurema Maria Bagatini, solteira, 24 anos, 1,80 m, professora.

O Encantado, que tinha duzentos sócios meio caloteiros, agora tem quatrocentos bons pagadores e o apoio da cidade de 20 000 habitantes. Só o padre está contra, e cita São Paulo (o santo) para mostrar que o comando cabe ao homem.

Divino Fonseca

O TRISTE
FIM DO MENGÃO

PLAGAR

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • Nº 88 • 19/11/1971 • Cr\$ 1,50

Encantado tem mulheres para dirigir o futebol

COM DISPOSIÇÃO

PÓRTO ALEGRE (O GLOBO) — Jurema Maria Bagatini, 24 anos, 1,80 m de altura; Marta Kumer, 21 anos; Nedi Sandri, 20 anos; e Ivone Begolini, 21 anos. Todas professoras e solteiras, nascidas no município, onde vivem e trabalham.

São estas as mulheres que assu-

miram a direção do E. C. Encantado, clube fundado em 1942 e que no ano passado chegou a ser vice-campeão de sua chave, no campeonato de profissionais do interior. Este ano, o quadro estava fraco, com poucos jogadores, sem dinheiro e sem chance alguma.



A idéia

Vitor Bertolini, treinador desde 1968, há quem leve a idéia revolucionária: colocar mulheres na direção do clube. Ele explica:

— Já estava cansado de trabalhar. Ninguém queria assumir a direção do clube. O salário era cada vez pior, gramalhas, títulos caídos, sem jogadores. Já havia desistido, quando entraram no meu bar, aqui em Encantado, quatro jovens já conhecidas minhas. Estava acostumado a vê-las no estádio, em dias de jogos. Sempre sorrindo, incentivando. Falei com elas. Toparam logo o assunto. Foram felizes e acho que agora o nosso quadro vai melhorar. Jurema Maria Bagatini, que tem dois irmãos menores, dois que e a mãe, mora da família. Os "menores" medem 1,80 e 1,50. Como presidente, fala pelas demais.

— Trabalho no colégio, ensino de letradas. Levamos uma vida normal. Balas, reuniões, danças, festas e no verão banhos no rio Taquari. Seja onde for, o assunto tem sempre e aparece como base, principalmente o futebol.

Marta Kumer, vice-presidente, conta tirando o curso de Educação Física: — Sempre gostei de futebol, desde pequena. Meu clube de clube, sempre foi o Encantado. Tenho certeza, no nosso sistema, na direção do clube. A cidade toda está ajudando. O quadro vai voltar e disputar no ano que vem. Se Deus quiser, com bons jogadores e com dinheiro de sobra.

— E o estádio Jurema, está saindo.

— Não é tanto assim, está abandonado. Mas ainda se pode entrar, mas bonito e de sol. Já estamos pensando em renovar um pouco do campo, pedindo em volta de campo, com propagação da indústria e comércio. Pretendemos levantar uma média de 10 mil cruzeiros por mês, com o público. Com respeito ao estádio, pretendemos mudar o nome. Atualmente se é conhecido como "Estádio das Catirivas" (Caturva e uma arde muito comum na região de Alto Taquari). Temos o mesmo de todos os municípios de uma ajuda para o ano que vem. E dinheiro da venda de uma casa. Não tem mais

tério. Já dissemos que o estádio receberá o nome daquelas que der mais dinheiro. Uma firma local, que trabalha em madeira, já nos deu muita coisa. Muita madeira, além de máquinas que estão trabalhando no estádio. Não gastaremos um centavo para reformar o estádio e deixá-lo em condições.

Coosado, não

— Jurema, verdade que mulher casada não vai entrar na diretoria?

— Não existe nada que impeça. Resolvemos convidar apenas solteiras por motivos óbvios. As casadas têm se comprometido com os filhos, maridos. Não há "de pai". Se alguma estiver disposta a trabalhar, poderá ser nomeada como diretora ou assessora. Nos 10 dias temos novos e nomeadas, mas quando acabamos explicamos a elas que tinhamos trabalhar pelo Clube. Elas concordaram e estão ajudando, mas quem vai mandar somos nós.

Ajudá oficial

Na Prefeitura Municipal de Encantado, os quatro dirigentes fizeram uma visita ao Prefeito Ariado Luis Reali. Foram saber como estava o pedido de ajuda ao clube. O prefeito explica:

— Inicialmente vamos colaborar com 2 mil cruzeiros mensais. Talvez se encontre uma verba maior para o ano que vem. O trabalho das idas vai promover o projeto o nosso município. Sempre fomos conhecidos como um município de produção de bananas e muitas frutíferas. Agora, já temos outras indústrias e um comércio forte. O E. C. Encantado vai divulgar pelo Brasil, logo e no nosso município. Isso é muito importante. Sei da importância do futebol para vim para aqui para jogar futebol. Realidade, três meses e hoje sou prefeito, graças à população de meu nome, quando jogador.

O prefeito foi convidado e já assinou, será o presidente de hora de clube. Ainda este ano (dezembro) haverá uma festa para o posse da nova diretoria.

Homens ajudam

— E os homens? Totalmente at. Já, presidente!

— Não é bem assim. Há vários que estão ajudando. Seria impossível sem eles. Eles funcionam como colaboradores. E o caso de Lício Cardoso, Erno Pedreira, Nédio Marcondes como colaboradores. Luí Aurelio Monteiro, João Alberto Schaeffer, Saul Chanan, Hugo Coimbra, Rafael, Francisco Wisniewski, Ademar Borghezi, Clóvis Balbinot, Nipo Osório, Hilaro Zingis e muitos outros.

Na rua, um garoto pediu e pergunta: "Ah, presidente, como vai o nosso clube? Vamos botar pra quebrar no ano que vem?"

Jurema Maria Bagatini sorri, agradece: Fica feliz da vida.

— E assim o dia inteiro. Na escola os alunos dizem para nós que o dia e o nome mudaram se oferecer para trabalhar coisa. Para ajudar com dinheiro ou trabalho.

— E os associados?

— Não havia mais dinheiro. Agora vai ser diferente. Estamos fazendo uma lista. Você sabe no interior a gente conhece todo o mundo. Sabe até quem foi vacinado e quem não foi. Já estamos conversando com um por um. So queremos que eles ajudem com o que puderem. Mas queremos gente que dá a palavra e cumpre. Parece que o Encantado terá pelo menos mil associados, em 72, já a partir de janeiro, isso representa 10% da população da cidade. Já é bom, não é?

A cidade de Encantado, que tem maioria de descendentes de Italianos, está mais alegre. Todos só falam nas "moças" que estão dirigindo um quadro de futebol da primeira divisão. Dez anos atrás, isto seria "exceção" na cidade. Agora, é motivo de orgulho as mulheres que dizem às para seus filhos ou maridos: "Você não sabe de nada, se não fossemos nós a equipe de cidade ia enrolar a bandeira".

Os homens limitam-se a criticar, mas acabam dando ajuda, embora os fundos tenham por um brasileiro, acreditando no futuro de que "futebol é jogo para homens".

Reportagem e fotografias de várias cidades já foram a Encantado, e a estadia de televisão fazem e mesmo.



Apesar disso, Cezar Bagatini conta que houve muito apoio da população à gestão e que o caso foi bem recebido pela maioria das pessoas. “Quando a cidade toda viu que as mulheres iriam tomar a frente do Encantado, foi uma motivação total. Foi sensacional o momento”.



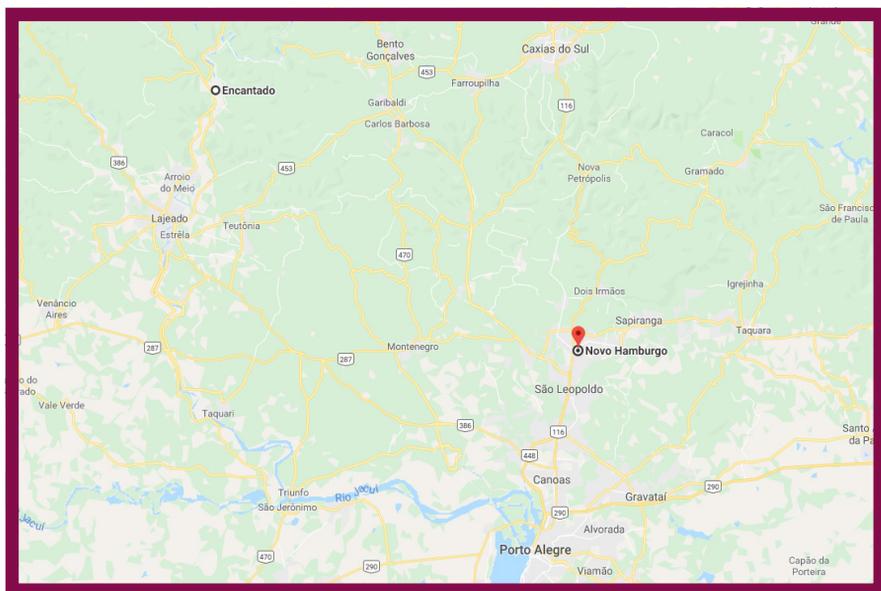
Além de Jurema, o Encantado contou com outras duas mulheres na diretoria: a vice-presidenta, Marta Kummer, e a secretária geral, Dione Maria Pavéglio. Além delas, outras oito mulheres faziam parte de departamentos e comissões do clube. Créditos: Arquivo pessoal

“O time fez uma excelente campanha naquele ano. Mas a fase anterior do Encantado estava para fechar. A cidade começou a apoiar o clube, que trouxe jogadores de fora, chegaram a fazer bons jogos, chamando a atenção da imprensa”, explicou Cezar Bagatini.

A família de Jurema sempre esteve envolvida com o futebol, a começar pelos irmãos (Wilson Bagatini foi goleiro profissional e árbitro do quadro da federação gaúcha). “Ela nunca teve envolvimento com

o futebol diretamente, era uma torcedora normal. O fato de ela ter sido presidente fez com que ela se envolvesse mais”.

Após o fim do mandato, em 1972, Jurema casou e não trabalhou mais com o futebol. Continuou morando na cidade em que fez história e depois se mudou para Novo Hamburgo, também no interior do



Rio Grande do Sul. Mesmo distante do futebol, o legado deixado por ela fez com que o esporte se tornasse forte novamente no município. Após os bons resultados da equipe, a população retomou o gosto por torcer e se envolveu novamente com o futebol.

“Acredito que o fato de uma mulher assumir a presidência de um clube de futebol ficou bem visto na cidade e entrou pra história. Todos gostaram e, até hoje, ela é homenageada em festas que fazem em Encantado”, lembra Cezar Bagatini.

“Quando falava o sobrenome Bagatini, a primeira pergunta era: ‘tu és irmão da presidente do Esporte Clube Encantado?’ E nós ficávamos orgulhosos disso”

No dia 2 de março de 2010, a mulher que superou preconceitos

e olhares tortos na década de 1970 morreu aos 62 anos, vítima de câncer de mama. A iniciativa e o pioneirismo da professora motivou outras mulheres na área da gestão esportiva. E, por incrível que pareça, não demorou muito para surgir a próxima a chegar ao cargo máximo em um clube.

Outras mulheres assumem a dianteira no futebol

Depois de Jurema, outro clube do interior do Rio Grande do Sul teve também uma mulher na presidência: **Sirlei Dalla Lana**, ex-dirigente do Internacional de Santa Maria. Ela foi eleita a primeira presidenta do clube em 1985, mas assumiu o cargo somente no ano anterior, após o então presidente sair para concorrer a um cargo da Federação Gaúcha de Futebol. Antes disso, era conselheira da equipe.

“Comecei a frequentar o estádio e acabei por ser convidada para fazer parte do Conselho Deliberativo”, relembrou Sirlei, que ainda segue como conselheira, hoje com 78 anos.

A gaúcha, que também foi professora do curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria, permaneceu pouco mais de um ano na presidência do clube da cidade em que nasceu, carregando todos os problemas pelos quais as equipes do interior normalmente passam. “[Foi] um mandato tranquilo, mas com muitas dificuldades, em função da falta de recursos para construir uma equipe com condições de grandes disputas”.

Sirlei garantiu não ter ouvido comentários negativos durante o tempo em que passou no cargo máximo do Inter de Santa Maria, mas o tratamento recebido era bem diferenciado. “Consegui muitas partidas amistosas, com um bom cachê, pela curiosidade de conhecerem a ‘presidente-mulher’. Além disso, eu era procurada pela mídia inteira (tevéis, rádios, revistas, etc.)”.

Reportagem de Divino Fonseca para a Revista Placar, no dia 3 de maio de 1985.



Ela entende pouco de futebol, só sabe torcer, mas manobra o leme do clube com exemplar segurança

PRESIDENTA DO INTER-SM

Cartola querida

A advogada Sirlei assumiu o cargo com a dura tarefa de driblar a crise e vai impondo seu suave estilo de jogo

Um dia desses, a presidenta do Inter-municipal, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Sirlei Dalla Lana, procurou o técnico do seu time, Tadeu Meneses, e pediu: "Tadeu, me dê uma aula de futebol. Quero entender esse negócio de quarto-zagueiro, ponta-de-lança, impedimento, e preciso que você

me ensine". Tadeu não ensinou e justificou, bem-humorado: "Enquanto a senhora ignorar essas coisas, eu estou livre de palpites na escalação". Ela soltou uma gargalhada e foi tentar aprender com alguma outra pessoa do clube.

Completado seu primeiro mês na condição de única presidenta de clube

de futebol profissional no Brasil, no último dia 26, a advogada e professora Sirlei, 44 anos, casada e mãe de três filhas, ainda hesita diante de alguns mistérios desse esporte. Mas, em Santa Maria, cidade de 220 000 habitantes a 324 km de Porto Alegre, ninguém nota. Ela foi eleita, sobretudo, para resolver os problemas do lado de cá do túnel, e os mesmos conselheiros que se arriaram diante das despesas de 25 milhões mensais e soltaram a bomba para Sirlei já a apontam como um dos presidentes mais dinâmicos da história do clube.

PLACAR 03/05/85

“É nossa Margareth Thatcher”, brinca o diretor de futebol César Dalla Corde. “Ai, que nojo me comparem com esta mulher”, reage Sirlei, que estranha não ter identificado nenhum telegrama de congratulações de feministas, entre as dezenas que recebeu de mulheres de todo o Brasil. “Afinal, estou invadindo um espaço masculino, como elas preconizam.”

Para enfrentar os problemas típicos de um clube de interior — falta de dinheiro, desinteresse dos torcedores —, Sirlei poderia falar grosso, como a Dama de Ferro inglesa. Mas preferiu a argúcia feminina. Foi chorar na porta da Prefeitura e conseguiu ônibus de graça para as viagens do time nos jogos da deficitária Copa ACEG. Dinamizou a escolinha, que já conta com 200 garotos; esses garotos atraem as mães para as apresentações que eles fazem nos intervalos dos jogos; elas entram de graça, mas, como em Santa Maria os machões não soltam suas mulheres sozinhas em estádios, a renda acaba aumentando.

Outra de Sirlei: ela sabia que muitos casais da classe média não tinham freqüentado os salões do clube mais fino da cidade, o Nossa Senhora das Flores. Não teve dúvida: conseguiu o clube emprestado e está promovendo jantares dançantes com renda para o Inter. Com isso — e sem descuidar das promoções ditas masculinas, como bingo, campanhas de sócios, vendas de painéis de propaganda —, Sirlei está conseguindo dinheiro para levar a folha de pagamento em dia e até para realizar um velho sonho de administrações passadas, o de construir uma concentração no estádio do clube, o Presidente Vargas. “Não pretendo parar”, avisa ela. “Com um pouco mais de choro, a Prefeitura nos ajuda a construir uma cancha de futebol de salão aqui nos fundos do estádio, e assim vamos aumentar um pouco mais nossa renda.”

“Pode vir”, diz o prefeito Haidar Farret. “Para Sirlei eu faço o que posso. Ela é dinâmica uma barbaridade e é assim que eu gosto de gente.” No clube, dizem até que, na época em que os conselheiros hesitavam sobre quem botar na presidência, Farret foi

lá e “sugeriu”: “Se não for Sirlei, eu não ajudo em nada”.

TODOS SÃO EDUCADOS

Se no plano administrativo se tornou um sucesso, a singular cartola vira ídolo quando desce até o departamento de futebol. “Somos conhecidos como o time da tia e gostamos disso”, conta o meia-armador Cacau, ex-Grêmio, 34 anos. Da primeira vez que foi ao vestiário conversar com os jogadores, Sirlei saiu impressionada com a educação deles e, mais tarde, foi perguntar a Cacau se eram sempre assim. A resposta: “Que nada, tia. É uma cambada de sem-vergonhas. Tem de ver quando a senhora não está aqui”.

Era brincadeira. Mas a presença de Sirlei no ônibus, nas viagens para outras cidades, não deixa de inibir o grupo. Ela reclama, por exemplo, que os jogadores costumam tratá-la mais como mulher do que como presidenta: “Gostaria que eles se dirigissem a mim como aos outros diretores”. Mas isso é

quando, em 1983, entrou para o conselho deliberativo do Inter. Em 1984, segundo conta, deram-lhe um golpe: “Eu saí da sala para atender um telefonema e, quando voltei, estava eleita presidenta do conselho”.

Finalmente, em março deste ano, o clube há dois meses sem um presidente efetivo, impuseram-lhe o cargo que, junto com o de prefeito e o de reitor da universidade, é um dos que conferem mais status na cidade. Seu marido, Jorge Dalla Lana, que tem uma distribuidora de gás e uma empresa de terraplenagem, dá-lhe toda a força. “Não existe a primeira dama? Pois eu sou o primeiro dama”, diz ele, conformado com o fato de cada vez ver menos a mulher. Na semana passada, Sirlei saiu de manhã, rumo a Porto Alegre, participou de uma reunião de mais de 3 horas na Federação e voltou a Santa Maria às 10 da noite, a tempo de jantar com a família. Cansada mais feliz, comunicou ao marido: “Consegui botar o nosso Inter na chave que eu queria, na Copa Farrupilha. Eles engrassaram e eu amea-



Um time de cavalheiros, quando ela está por perto

impossível: nunca houve dirigente que distribuisse bombons no ônibus, como ela faz. Não pense, porém, que Sirlei amolece o coração na hora de renovar contratos de jogadores. “Só que com ela não tem enrolação”, revela Tadeu. “O jogo é aberto e o clube paga o máximo que pode.”

Objetiva, despachada, simpática, Sirlei é daquelas mulheres que não podem ficar sem o que fazer. Talvez por isso tenha achado pouco advogar e ser coordenadora da assistência judiciária da Universidade Federal de Santa Maria

cei: “Então vamos para o sorteio”. Af, deu tudo certo”.

Fenômeno do avanço feminino no futebol, Sirlei às vezes faz vôos mais altos. Dias atrás, participou do programa *Essas Mulheres Maravilhosas*, da Rede Bandeirantes, em São Paulo.

Nem lá deixou de defender os interesses do clube. Ao final da gravação — que irá ao ar no próximo dia 22 —, tinha convencido a cantora Silvinha Araújo a se associar ao Inter de Santa Maria, a 1450 km dali.

Divino Fonseca

Mulheres no Estádio



Sirlei confia na participação da mulher

A eleição de Sirlei Dália Lana para a presidência do Internacional despertou a atenção de toda a imprensa gaúcha, afinal, não é nada comum uma mulher dirigindo um clube, principalmente num esporte no. Mesmo para os mais céticos, Sirlei vem correspondendo e marcando a sua administração com um estilo forte e decisivo. Como exemplo da sua atuação, o apelo à torcida no sentido de que a mesma compareça é uma constante. No entanto, Sirlei agora surpreende com um novo tipo de apelo. Ela quer o comparecimento maciço das mulheres no estádio.

Nós contamos com o mundo feminino no estádio e para que não haja nenhuma desculpa e até mesmo com a certeza de que ninguém vai rejeitar um convite meu, é que na próxima terça-feira, quando o equipe do Pelotas estará jogando aqui no Presidente Vargas, nós, desde de logo, fazemos um convite ao mundo feminino para que vá assistir essa partida. Evidentemente que quem, convida paga, assim que, o acesso de toda a mulher santa-mariense será gratuito ano, estádio do Esporte Clube Internacional. Nós temos certeza que as mulheres jamais vão deixar de atender um convite nosso e que pela primeira vez o estádio estará repleto.

A presidente esclarece que as mulheres só não terão condições de acesso às cadeiras cativas, pois essas pertencem aos seus donos. «Todo mundo sabe que as cadeiras tem proprietários e que após o pagamento da taxa de manutenção elas são utilizadas exclusivamente por aqueles pessoas que as mantêm».

Porém, Sirlei tranquiliza o público feminino lembrando que existem as arquibancadas sociais, localizadas ao lado das cadeiras cativas e inclusive as próprias gerais, onde, sem nenhum problema, qualquer senhora ou moça poderá assistir a partida normalmente.

Como se sabe, a participação de mulheres em estádios de futebol ainda causa certa surpresa na própria sociedade. Principalmente em cidades do interior, como é o caso de Santa Maria, onde o público é quase que exclusivamente masculino. No entanto, a presidente afirma que não tem receios com relação a uma possível reação agressivas por parte dos torcedores. Segundo ela, «a participação feminina é totalmente normal, inclusive, até pelo fato de estarmos na presidência do Internacional na condição de mulher, me parece que há uma abertura total e absoluta para que qualquer mulher possa ir ao estádio

Sirlei enfatiza que se essa questão fosse «de se temer», ela não estaria na presidência do clube. «pois qualquer tipo de reação no estádio é uma coisa difícil de acontecer, pelo menos não temos conhecimento de nenhum caso», explica.

Dália Lana acredita que, pela recepção que a sua eleição à presidência do clube está tendo (vários órgãos de imprensa de capital estão dando destaque ao fato e fonogramas de diversos clubes do país já foram recebidos), tornando-se um acontecimento tão popular, não há mais porque qualquer mulher temer em comparecer ao Esporte Clube Internacional.

EXPECTATIVA

A certeza de que as mulheres compareceram ao estádio traduz-se nessa afirmação de Dália Lana: «A mulher é valiosa por natureza, e no momento em que nós temos uma mulher na presidência é indispensável que todas as demais colaborem e façam alguma coisa para que essa presidência possa alcançar as metas desejadas. Principalmente no momento em que a mulher luta e faz campanhas com o fim de estar em pé de igualdade com o homem. Acredito que essa luta deve começar por suas próprias atitudes, quebrando tabus que na realidade, não tem razão de ser. E com a ida da mulher ao campo ao tanto certeza de que estaremos quebrando mais um grande tabu.

A fama da presidenta

Apesar de estar já há cerca de um mês na presidência do Internacional de Santa Maria, Sirlei Dalla Lana ainda é notícia nacional. Nessa semana, ela foi assunto de reportagens na revista *Veja* e nos jornais *A Folha de São Paulo* e *O Globo*. Além disso, recebeu telefonemas de órgãos de comunicação de Salvador, Manaus e Recife.

A própria Federação Gaúcha de Futebol não deixou de enviar um fonograma à presidente, felicitando-a pela posse.

Tudo isso não acontece por acaso. Se a mulher vem participando cada vez mais efetivamente em todos os campos e segmentos de atuação, o futebol, pelo menos em seus cargos de direção, continuava sendo um reduto exclusivamente masculino.

E agora que entrou em campo, ela aproveita para convidar as mulheres a fazerem o mesmo. Na semana que passou, por ocasião do jogo Internacional X Pelotas, Sirlei fez um apelo ao público feminino para que com-

parecesse ao Estádio Presidente Vargas. Se a resposta não foi das melhores, talvez até em função da chuva que antecedeu ao jogo, a presidente se revela muito satisfeita com a presença das mulheres e promete repetir a experiência. Quanto ao preconceito que existe em torno dessa questão, ela tem certeza «que isso vai mudar».

Projetos para levar as finanças do clube já existem. Está programado para o dia 27 de abril, nas Dores, um jantar dançante com o conjunto Novo Tempo. Além disso, Sirlei destaca também a Capanha de Sócios do clube, e convida:

«O Inter está aberto para quem quiser se associar». A mensalidade é de Cr\$ 5.000, o que representa cerca de dois ingressos. Para ela, a vantagem de se associar é bem grande.

No futebol, as coisas vão bem. Na terça-feira, o time foi a São Borja e conseguiu uma difícil e importante vitória contra



Sirlei é notícia no centro do país.

a forte equipe local. Agora, o Internacional ocupa a primeira colocação na sua chave, ao lado do Pelotas. A presidente Sirlei Dalla Lana define a Copa ACEG como um teste. «A equipe está em formação, e já há inclusive clubes interessados em atletas nossos. Na medida do possível, vamos procurar mantê-los. Mesmo assim, novas contratações estão em pauta».

Mas na vida da presidente do Internacional, há outros assuntos em pauta. Nessa semana,

ela foi convidada a proferir uma palestra sobre «O Papel da Mulher na Sociedade». Na quarta-feira, Sirlei seguiu viagem para São Paulo, onde gravou participação no programa «Essas Mulheres Maravilhosas», da Rede Bandeirantes, sob o comando de J. Silvestre e que irá ao ar na quarta-feira, dia 24, às nove e quinze da noite. Como se vê, a nova presidente do Internacional está levando para todo o país não só o nome do coloradinho, mas da cidade de Santa Maria.



■
Em 1985, o Inter de Santa Maria conseguiu o 6º lugar na Copa São Paulo de Futebol Júnior, a melhor posição conquistada por um clube do interior gaúcho no torneio. Além disso, a equipe foi a única da região de Santa Maria a disputar a Série A do Campeonato Brasileiro, em 1982, quando a competição ainda era chamada de "Taça Ouro".

Segundo a autora e pesquisadora da gestão feminina no esporte, Euza Maria de Paiva Gomes, o papel que as mulheres exercem nos ambientes esportivos sempre foi desvalorizado dentro dessas associações ao longo do tempo.

Ela exemplifica a situação utilizando um estudo de Shaw e Hoerber, (A strong man is direct and a direct woman is a bitch: gendered discourses and their influence on employment roles in sport organizations, 2003), que leva em conside-

Exatos 20 anos após Jurema e seis após Sirlei, **Marlene Colla Matheus** foi eleita presidenta do Sport Club Corinthians Paulista em 1991, com 2.119 votos. Antes disso, Marlene trabalhou na parte social do clube, quando o marido, Vicente Matheus, era o presidente do time.

Após a eleição, muito se questionava sobre a candidatura de Marlene, pois alguns acreditavam que a popularidade do marido a fez chegar à presidência e que ele comandaria por trás do nome dela.



ração três órgãos esportivos da Inglaterra.

“Os discursos dos gestores seniores eram dominados por características de masculinidades ligadas aos homens, o que é muito valorizado nas organizações esportivas. Em contraposição, as mulheres e os discursos de feminilidades são associados a cargos desvalorizados dentro dessas organizações”.

Isso também pode ser percebido ainda nos dias atuais. Na maioria dos clubes pesquisados neste trabalho existe uma grande quantidade de mulheres trabalhando em cargos secundários, como copa e limpeza, por exemplo, funções delegadas historicamente ao sexo feminino.

Apesar das dificuldades, Marlene Colla Matheus permaneceu na presidência do Timão até 1993. Atualmente, ela tem 82 anos e é conselheira vitalícia do clube, além de ser membro nata do Conselho de Orientação (CORI).

Depois de Jurema e Marlene, muitas outras mulheres foram eleitas para diversos cargos nos mais variados times e federações de futebol do Brasil, assim como quatro das que este livro irá apresentar. Mesmo com esse fato se tornando comum, as dificuldades e os desafios são diários, tanto no que diz respeito à gestão em si, como com relação aos preconceitos enfrentados.

Mulheres na gestão esportiva no Brasil

A pesquisadora Euza Gomes menciona o conceito de “Teto de Vidro” - usado pela primeira vez em 1985 no Wall Street Journal (EUA) -, para explicar a ainda baixa inserção de mulheres no meio da gestão esportiva, bem como a falta de reconhecimento da ocupação desses cargos por pessoas do sexo feminino.

Em termos gerais, Euza traz o conceito do “Teto de Vidro” da seguinte forma: são barreiras que impedem o alcance de algumas mulheres ao topo da hierarquia organizacional.

O significado figurado da expressão indica que as mulheres ocu-

pam posições inferiores, de onde visualizam os postos acima por meio da transparência de uma parede de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la. Não superando esse bloqueio e alcançando os altos cargos, é preciso que elas consigam quebrar ou estilhaçar o teto de vidro.

“O desequilíbrio de poder entre os gêneros revela que a estrutura esportiva é baseada no princípio hierárquico, denotando que o trabalho masculino tem sempre um valor superior ao trabalho feminino”.

A presença dessas mulheres em cargos do alto escalão do futebol condiciona a “existência de um tutor”, ou seja, uma espécie de guia para as atividades demandadas por determinada função.

Mesmo assim, a inserção feminina na gestão, assim como em qualquer área do esporte e, em especial, do futebol, acontece paulatinamente, apesar da quantidade reduzida de mulheres - pelo menos por enquanto.



E. C. ENCANTADO DESTA VEZ VAI

A imprensa de todo o País comenta a nova diretoria do "Leão do Vale". No domingo que passou, a TV Globo do Rio de Janeiro fez uma grande reportagem. Veio também a Revista Manchete; Fiecar também publicou, isto, sem falar nos orgãos do Estado. É sem duvida algo de inédito no futebol brasileiro, o que justifica o destaque nos grandes noticiários levando ao público a verdade sobre o E.C. Encantado com a diretoria atual.

O pessoal da imprensa que nos visitou, ficou surpreso em saber que o E.C. Encantado esteve fora das disputas. Luis Carlos, o reporter da TV Globo, assim se pronunciou: "No Estado da Guanabara, uma cidade com 20,000 habitantes, possui um grande clube. Lá o pessoal prestigia, é baírrista e participa de todas as promoções do esporte. Em Teresopolis no Rio de Janeiro, temos um exemplo típico. É uma cidade com 15.000 habitantes, possui um clube com recreação em to-

dos os setores. O comércio contribui bastante, as firmas também dão auxílio e os empregados destas firmas, todos são socios do clube. Pagam uma mensalidade de 2,00 cruzeiros cada um, e tem o direito de usufruir de

todas as recreações do clube, usando a carteirinha de associado. Ficaria muito bem para Encantado, contar com um clube deste estilo, mas para isso, é preciso a colaboração maciça dos Encantadenses".



ANO II PORTO ALEGRE, 8 DE NOVEMBRO DE 1971 N.º 661

MULHERES TOMARAM CONTA DO FUTEBOL DE ENCANTADO

Em Encantado, as mulheres resolveram mostrar que também entendem de futebol e partiram para a diretoria do Esporte Clube Encantado. No último fim de semana, a nova diretoria, constituída na sua maioria por mulheres, tomou posse, prometendo passar "aquela vassoura" no Esporte Clube Encantado. Elas querem solucionar os problemas que continuam por lá.

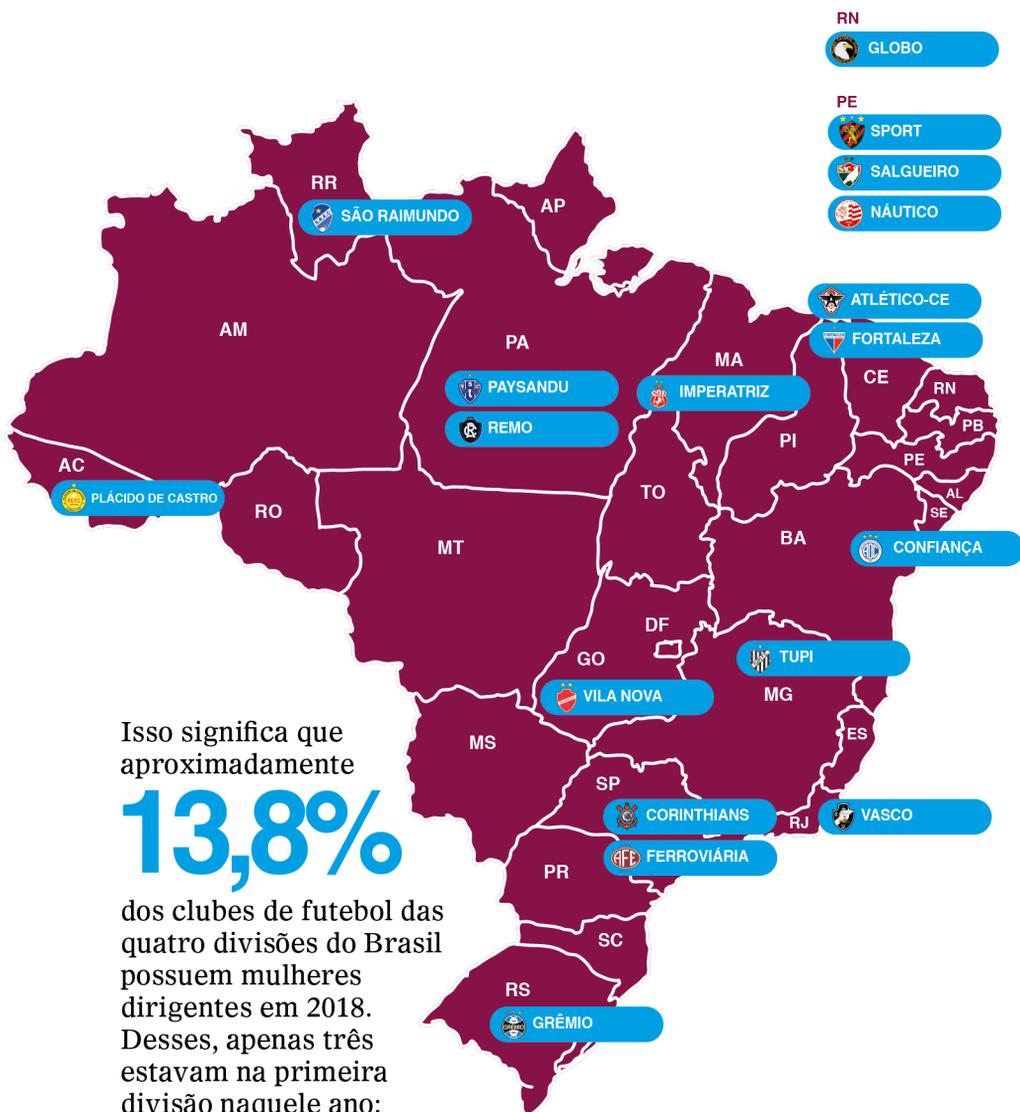
Jurema Maria Begatini, a nova presidente e Marta Kumer, vice, prometem muitas coisas. Uma delas: ir logo cobrar dos deputados as velhas promessas de ajuda, que até já caducaram. Mas, em sua primeira reunião de diretoria, confirmaram o técnico Vítor Berticelli no posto, e na tesouraria Erno Pederiva. Além destes, só mais um homem: Lício Caimo, que está na Secretaria com Liane Pavaglio. A nova diretoria explica que estes homens permaneceram porque fazem um serviço que "deve ser feito por eles".

Enquanto eles cuidam do dinheiro, elas pensam em fazer sérias modificações no velho estádio e dar um jeitinho para conseguir um ótimo plantel. O Esporte Clube Encantado faz parte da 1.ª Divisão de Profissionais da Federação Gaúcha e a diretora social Gladis Sangalli, junto com a encarregada da Publicidade Nedi Terezinha Sandri, estão querendo tornar o nome do time bem mais conhecido. Para isto, antes de mais nada, vão dar uma melhorada na faixa da do Clube.

Mas a grande preocupação agora é conseguir registrar a nova diretoria na Federação Gaúcha de Futebol. E isto já está sendo providenciado. E quando tudo estiver solucionado o Esporte Clube Encantado poderá cantar glórias, dizendo que é o primeiro clube brasileiro a contar com uma diretoria onde as mulheres mandam.

Quantas e em quais clubes

Dos 130 times pesquisados, das Séries A a D do Campeonato Brasileiro de 2018 e o Atlético Cearense (que não participava de nenhuma das quatro divisões naquele ano), **18 contavam com mulheres** em algum cargo da diretoria.



Isso significa que aproximadamente

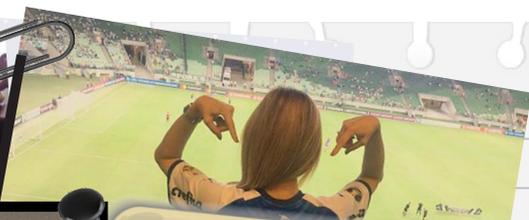
13,8%

dos clubes de futebol das quatro divisões do Brasil possuem mulheres dirigentes em 2018. Desses, apenas três estavam na primeira divisão naquele ano: **Corinthians, Vasco e Sport.**

Desse total...

3	Presidentas	 ATLÉTICO-CE	 TUPI	 PLÁCIDO DE CASTRO
3	Vice-Presidentas	 CORINTHIANS	 VASCO	 VILA NOVA
2	Coordenadoras do futebol feminino	 FERROVIÁRIA	 SÃO RAIMUNDO	
2	Diretoras executivas de marketing	 SPORT	 CONFIANÇA	
2	Diretoras financeiras	 GLOBO	 SALGUEIRO	
1	Executiva de Administração e Planejamento	 GRÊMIO		
1	Secretária geral	 FORTALEZA		
1	Diretora da Diretoria da Mulher	 NÁUTICO		
1	Diretora de Patrimônio	 REMO		
1	Diretora de Responsabilidade Social	 PAYSANDU		
1	Diretora Jurídica	 VILA NOVA		
1	Gerente de Gestão	 NÁUTICO		
1	Gestora de Contratos	 GLOBO		

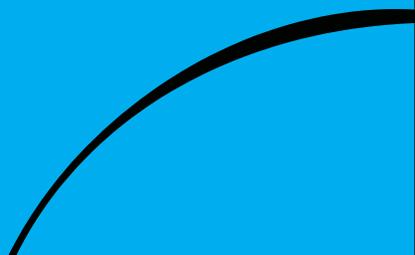
*Imperatriz-MA não informou quais cargos de gestão eram ocupados por mulheres





Mulheres no topo do futebol

**A CARTOLA
É DELAS**



“Me perguntaram de qual cozinha eu havia saído”. Primeiro dia de trabalho. Primeiro comentário. Apenas o primeiro de muitos que **Sônia Maria Andrade dos Santos** ouviu durante a gestão no Vasco.

Familiarizada com a camisa preta e branca e com a cruz de malta no peito, tinha São Januário como casa desde criança e não pensou duas vezes quando aceitou a missão de assumir o cargo de 2ª vice-presidente da equipe, em janeiro de 2018.

No cruzmaltino carioca, Sônia desempenha não só as funções do presidente (Alexandre Campello) e do 1º vice (Elói Ferreira de Araújo) nas respectivas ausências, como também agrega o trabalho social feito pelo clube. “Procuro estar sempre inserida no segmento social do Vasco, que abrange desde a gestão de pessoas até a administração, juntamente com o Colégio Vasco da Gama, que está subordinado ao presidente e ao vice social. Atualmente, estamos implementando alguns projetos, como o combate à violência contra a mulher e o combate à pedofilia”.



Créditos: Arquivo pessoal

Primeira mulher na história de um dos maiores clubes do Rio de Janeiro a sentar na cadeira de vice-presidente, a advogada de 55 anos foi atacada nas redes sociais assim que Alexandre Campello venceu as eleições e assumiu o poder. Uma recepção decepcionante da torcida da qual fazia parte balançou a confiança de Sônia. Deveria seguir em frente? Seguiu. Apostou as fichas em fazer uma grande gestão, buscando colocar em prática seus projetos e “provando competência através de um trabalho bem feito”, como ela define.

“Toda mulher tem o direito de estar e trabalhar com o que desejar. Então, por que não poderiam marcar presença no ambiente esportivo também? Na verdade, tenho percebido a cada dia mais o quanto é importante fortalecer o papel da mulher no esporte, mostrando que podemos, sim, ocupar os mais diversos cargos, basta querermos. Por isso, a minha opinião é que precisamos continuar firmes na luta por nosso espaço!”, Sônia Andrade

Apesar de ser a realidade da maioria das mulheres, não só no futebol, mas em outros cargos de chefia no Brasil, **Christina Muniz** conta que a experiência pessoal fugiu à regra. Aos 61 anos e executiva de Administração e Planejamento do Grêmio há nove, ela era a única mulher a fazer parte da diretoria entre os times da primeira divisão do Campeonato Gaúcho em 2018, mas não se sentiu afetada pelo machismo.

Segundo Christina, cerca de 100 mulheres trabalham nos mais diversos setores do clube gaúcho, além de conselheiras e sócias. “[Elas] ocupam desde cargos operacionais até os de coordenação e gerência”.

São muitos os desafios de cada função exercidas pelas companheiras de clube. Porém, a gestora afirma que todas as mulheres estão “perfeitamente inseridas” na organização esportiva. “[Eu também] não sinto preconceito em relação ao meu cargo”.

O caso citado por Christina é um ponto fora da curva. Apesar das evoluções e conquistas obtidas pelas mulheres ao longo dos anos, ain-

Christina Muniz (no centro, de blusa branca), após auditoria para a manutenção do ISO 9001:2015, em dezembro de 2018. Créditos: Divulgação Grêmio FBPA



da há um caminho longo a percorrer. A luta por igualdade de gênero no mercado de trabalho segue sendo travada diariamente. Mulheres estão em menor número nas empresas e têm mais chances de estarem desempregadas. Isso na maior parte dos países do mundo.

Segundo dados de 2018 da Organização Internacional do Trabalho¹, 75% da força de serviço ainda vem dos homens (acima de 15 anos), enquanto as mulheres aparecem com 48,5%.

Além disso, a taxa de desemprego global para pessoas do sexo feminino atinge os 6%, aproximadamente 0,8 ponto percentual menor que a taxa dos homens, de 6,8%. Apesar de representarem a maior parte da população brasileira (51,03%), o espaço das mulheres no mercado de trabalho ainda é muito restrito.

1- <https://nacoesunidas.org/oit-participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-ainda-e-menor-que-dos-homens/>

Sob nova direção

Em 2018, o Colo-Colo (Chile) tomou a iniciativa de abrir as portas para tornar mulheres parte do dia a dia da equipe. Foi criada uma comissão interna de gênero, com o objetivo de ouvir demandas das torcedoras, que já vinham se unindo contra o assédio e o machismo nos estádios. Para além disso, a organização também buscava potencializar a luta por lideranças femininas nos cargos de poder e nos espaços de discussão.

Uma Assembleia Geral de Sócios do clube também aprovou, no mesmo ano, a criação de uma cota feminina para a diretoria. Um feito inédito no mundo. Nas próximas eleições do clube, haverá pelo menos duas mulheres eleitas para os nove cargos disponíveis.

No Brasil, o Náutico também deu um importante passo para aumentar a inserção de mulheres na realidade do clube, por meio do combate ao machismo e ao assédio no futebol, dentro e fora das quatro linhas. Com o lema #TemMulherEmCampo², a jornalista **Tatiana Roma** viu a Diretoria da Mulher tomar forma. Comandada por ela, o projeto do clube pernambucano começou a funcionar no dia 8 de março de 2018.

A iniciativa se divide em três vertentes: esportiva, social e comercial. A luta é por mulheres que jogam, torcem e trabalham no meio. O principal foco de Tatiana enquanto diretora da mulher do Náutico é o de ajudar a reduzir o número de casos de assédios contra mulheres dentro dos estádios. A dirigente de 33 anos afirmou ter ficado surpresa positivamente com a reação de parte da diretoria geral do clube à criação da Diretoria da Mulher e da sua nomeação ao cargo máximo do setor. “A reação foi melhor do que eu imaginava, eu tinha uma visão mais pessimista. Fui muito bem recebida pelos outros diretores e pelo clube em geral”.

Apesar de levantar a bandeira contra o machismo nos estádios, Tatiana garantiu nunca ter percebido nenhum tipo de preconceito no exercício da função. “Talvez eu até tenha sofrido, mas tenha virado isso. Não fiquei com isso na minha cabeça”.

56 ²- Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/03/colo-colo-se-torna-1o-clube-do-chile-a-incluir-cota-feminina-na-diretoria/>

Tatiana Roma, no Estádio dos Aflitos, casa do Náutico. Créditos: Mandy Oliver/DP



“Dentro da Diretoria da Mulher, temos um mote: a mulher vai estar onde quiser e tem que ser respeitada por isso. Então, se ela quiser ser jogadora de futebol, a gente vai lá torcer por ela; se ela quiser ser árbitra, vamos respeitá-la; se ela quiser ser apenas torcedora, que ela vá a campo torcer. Eu espero que esses números (das mulheres no esporte) só cresçam e que, daqui a alguns anos, a gente não precise de algo tão específico como uma Diretoria da Mulher, porque elas já vão estar inseridas”, Tatiana Roma

Amor de infância

Na vida de Tatiana, o futebol surgiu como na maioria das trajetórias de meninos e meninas: torcendo (no caso dela, pelo Náutico). Mas a paixão pelo esporte teve início com o vôlei, ainda na infância. Na adolescência, chegou também a praticar tênis. Só que a sementinha do futebol se desenvolveu e floresceu, e os frutos são colhidos até hoje.

O envolvimento profissional da gestora com o futebol começou

quando ela decidiu fazer uma pós-graduação em Marketing Esportivo e Gestão do Direito do Esporte, da Fundação Getúlio Vargas em parceria com a FIFA. Então, em maio de 2018, assumiu o cargo de diretora da Diretoria da Mulher.

“Eu nunca pensei em ser diretora do clube e, muito menos, diretora da mulher. [a vontade] Foi surgindo durante a campanha que elegeu o presidente (Edno Melo, empossado em 2018). A gente foi formando o escopo da direção, do que ia ter nas diretorias. Foi uma ideia do próprio Edno, junto comigo, de criar uma diretoria da mulher, tudo foi surgindo naturalmente”.

Dentro de campo



O futebol feminino também foi aglutinado ao setor gerido por Tatiana. “Eu tenho aprendido muito desde então”, afirmou. Para ela, o maior desafio em desempenhar a função envolve a dificuldade financeira em gerenciar a modalidade feminina no Brasil.

Reativada no início de 2014, a equipe passou a ter acesso às instalações do Centro de Treinamento Wilson Campos somente em fe-

vereiro de 2018, após o lançamento da Diretoria da Mulher. Durante esse tempo, o time se dividia entre o Estádio dos Afritos e as instalações do governo.

Time de futebol feminino do Náutico terá acesso ao CT pela primeira vez

Equipe foi reativada no início de 2014 e nunca havia recebido espaço no Centro de Treinamento alvirrubro, que comporta cinco campos

Por Camila Alves — Recife
01/02/2018 21h05 - Atualizado há um ano



Créditos: Reprodução/GloboEsporte.com

Em 2018, o time feminino do Náutico disputou a Taça Cidade do Paulista de Futebol Feminino - que contou com 24 clubes do Nordeste - no primeiro semestre e o Campeonato Pernambucano no segundo. No campeonato estadual, a equipe confirmou a vice-liderança e garantiu vaga na etapa eliminatória da Série A2 do Brasileiro de 2019.

O desempenho na competição nacional não foi tão positivo quanto o esperado. O Timbu acabou não conquistando a classificação e caiu na primeira fase, com cinco pontos conquistados e apenas uma vitória nas cinco rodadas. Mesmo assim, o Náutico sinalizou o interesse em manter a equipe.

“É muito difícil fazer futebol feminino no país. O calendário é escasso, falta patrocínio e falta a torcida chegar mais junto. A gente tem que fazer um trabalho para a torcida ir pro estádio e apoiar as meninas. Quando eu falo ‘a gente’, quero dizer o Náutico, a sociedade, o futebol como um todo, de incluir o futebol feminino efetivamente dentro dos clubes. Entender que é o futebol do clube que tá ali sendo representado”, Tatiana Roma

Vocação e confiança lado a lado

Torcedora do Vila Nova desde criança, **Dorizelha Maria da Conceição Rocha** é responsável por projetos de viabilização econômica para a manutenção das categorias de base do clube e trabalha para a obtenção do Certificado de Clube Formador (CCF), dado às equipes especializadas na formação de jogadores.

“Desde criança, acompanhei meu pai e meus irmãos nos campos de várzea, para desespero de minha mãe, dona Conceição”, relembrou. A partir disso, o amor pelo clube do coração foi inevitável. O Vila Nova se tornou presença fixa na vida de Dorizelha. “Sempre estive na arquibancada mesmo em jogos fora da capital”.

O sentimento deixou de ser essencialmente de torcedora para virar de profissional há sete anos. Voluntária na gestão, ela passou a ser membro do conselho do Tigre no dia 15 de janeiro de 2012. No biênio 2016/17, foi secretária-geral do conselho. Assumiu o atual cargo, de 2ª vice-presidenta, em 2018.



Créditos: Arquivo pessoal

Ao lado de Ricardo José Barbosa (1º vice-presidente), tem, entre outras, as funções de substituir o presidente em impedimentos, viagens ou na vacância do cargo e exercer funções de direção e assessoramento da Diretoria Executiva, nessa ordem, além de cumprir o estatuto do clube.

Logo quando assumiu o cargo, sentiu fortemente o preconceito no exercício da função. “Havia um estranhamento quando percebiam que o cargo era preenchido, na verdade, por uma mulher”.

Aos 63 anos, Dorizelha ainda percebe dificuldades, mas não dá tanta importância. Conquistou toda a confiança que precisava para realizar o trabalho. “Hoje, quase não tenho dificuldade. Claro que ainda encontro algumas pessoas que acham que eu não sei sequer o que é um escanteio, mas isso não me incomoda. Não tenho que provar mais nada”.

Em meio a tanto trabalho, o maior obstáculo apontado pela dirigente é conciliar vida pessoal e vida profissional. Ela diz faltar tempo para cuidar de tantas atribuições simultaneamente. Nada que a impeça de seguir buscando e defendendo também o que acredita.

Prodígio no comando

“Se ganhar na loteria, terei meu próprio time para comandar”, brincava **Rafaela Marçal Escalante Cassaro** sem saber que uma sorte diferente bateria na sua porta. A jovem, na época com 25 anos, foi eleita presidente do clube acreano, Plácido de Castro, time do coração desde a infância. Que torcedor nunca sonhou com isso?

Não pense que foi a primeira vez que Rafaela se tornou presidenta. A acreana também liderava a torcida organizada do time, a “Fanáticos Plácido”, que fundou com o companheiro Paulo.

Formada em administração, Rafaela viveu o sonho de comandar a equipe pela qual é fanática desde 2008. Naquele ano, o Plácido se tornou profissional e disputou pela primeira vez o Campeonato Acreano. O time chegou até a conquistar o estadual, em 2013.

De início, a ideia era outra. A analista entrou como vice de chapa,

Créditos: Arquivo pessoal



mas com a desistência do candidato principal, Nerycildo Silva, acabou aceitando ser mandatária. Como vice, entrou Jovelina Melo. A vitória transformou o time acreano da cidade localizada a 95km da capital Rio Branco no único do Brasil com chapa inteiramente formada por mulheres no comando.

O mandato de dois anos da ex-presidenta do Plácido de Castro foi bastante intenso. Todas as tarefas relacionadas ao clube estavam sob sua responsabilidade: desde os acompanhamentos mais básicos da equipe

até as contratações. “[Na verdade], os presidentes dos clubes acreanos fazem praticamente tudo (risos), de contratação de atletas a elaboração de contratos, lista de jogos, reuniões na federação, logística de jogo e cuidados com alojamento e alimentação”.

Para Rafaela, um ponto positivo era conseguir colocar em prática os conhecimentos em Administração no gerenciamento do clube do coração. Além disso, ela foi bem recebida por outros cartolas do estado, além de jogadores e funcionários do clube.

“Nunca tive nenhum problema. Pelo contrário, todos me elogiavam muito e admiravam minha coragem. Fico feliz por todo reconhecimento que recebi e recebo até hoje”.

Porém, como nada é 100% positivo, eram vários os percalços encontrados no exercício da função. Um deles foi o motivo principal pelo qual Rafaela deixou o cargo, em agosto de 2018: ter que se des-

localizar cerca de 100 km entre a casa onde morava, em Rio Branco, e o clube.

“Não podia estar todos os dias na cidade (Plácido de Castro), tenho minha empresa e não podia deixar de ficar aqui para estar lá. Consegui por quase três anos manter minha gestão, mas chega o momento em que o desgaste é maior e pesa em algumas decisões”, lamentou a ex-gestora do time acreano.

Outro desafio muito presente no cotidiano da ex-presidenta e de sua vice, Jovelina Barros, assim como de toda a diretoria era a falta de apoio financeiro. Em um estado sem tradição no futebol, como o Acre, as dificuldades são ainda maiores, segundo Rafaela. “Aqui temos poucos incentivos. Fica difícil trabalhar sem muitos recursos, mas fiz o que estava ao meu alcance”.

Apesar disso, Rafaela, agora com 28 anos, comemora o fato de continuar marcando presença nos jogos do Tigre, só que dessa vez como torcedora. “Tive que tomar essa decisão difícil (deixar o cargo de presidenta), mas é muito bom ir pros jogos só torcer novamente (risos). Voltei para as arquibancadas”.

Influenciadas pela presença das pioneiras na gestão do futebol, Sônia, Christina, Tatiana, Dorizelha e Rafaela são inspiração. Inspiração para outras meninas e mulheres, que veem o esporte como um amor-conforto, mas que não o têm (ainda) como uma saída profissional. Inspiração também umas para as outras, de seguirem unidas e determinadas a continuar povoando ambientes que também são das mulheres por direito (quem disse que não?).

De empreendedora visionária à provável cartola

2014. Ano de eleições para a presidência da República no Brasil, ano em que a Copa do Mundo voltou para os territórios canarinhos depois de 64 anos. Dois importantes acontecimentos nacionais marcaram aqueles 12 meses.

Para o Palmeiras, era o centenário. Era para ser especial, com festas e conquistas dentro de campo. Possibilidade de rebaixamento? Não podia ser real. Em 100 anos de história, o encontro com a Série B havia acontecido duas vezes, uma delas, inclusive, no ano anterior.

Depois de uma campanha extremamente irregular no Brasileirão de 2014, mesmo após a parada para a Copa - quando as equipes reforçam a preparação -, a última rodada foi crucial. Era permanecer ou permanecer.

Contra o Atlético-PR, o time paulista fez uma das três partidas que definiriam o último rebaixado para a Segundona do ano seguinte. Por nove minutos, o Palmeiras esteve em contato com a Série B. Nove longos minutos entre o gol que dava a vitória parcial e a permanência ao Bahia contra o Coritiba e empurrava o alviverde paulista para a divisão inferior. Nove minutos que acabaram após o pênalti marcado a favor do Verdão, e o chute com precisão de Henrique Dourado no canto direito do goleiro Weverton, fazendo a festa dos torcedores presentes no Allianz Parque.

Um pouco longe dali, Leila Mejdalani Pereira assistia à partida, atenta e aliviada. Lembrou da conversa que teve com o marido, José Roberto Lamacchia, semanas antes, em uma manhã de sábado, sobre o desejo de patrocinar o clube alviverde. “Ah, Leila. É muito caro”. Insistiu. À tarde, depois de

uma longa conversa, Crefisa e Palmeiras assinavam “o maior contrato da história da América do Sul”, como dito nas próprias palavras da presidente da empresa de crédito pessoal.



Créditos: Arquivo pessoal

Em janeiro de 2015, depois de dizer não ao departamento de marketing do São Paulo, o patrocínio master foi finalmente fechado. A promessa era de que o acordo fosse render cerca de R\$ 23 milhões para o clube alviverde, em um período de dois anos. Em 2017, já na gestão de Maurício Galiotte, foi renovado por mais dois anos.

Em meio a euforia para ambos os lados, vieram os problemas. O principal, com o então presidente do clube, Paulo Nobre. Os desentendimentos tomaram proporções ainda maiores após o cartola se manifestar contra à candidatura de Leila ao Conselho Deliberativo.

“Muitas pessoas perguntaram se os problemas com minha

candidatura eram pelo fato de eu ser mulher. Ficaria bonito dizer que sim. Mas não foi isso. Foi pessoal. Como o ex-presidente era uma pessoa extremamente vaidosa, eu não queria bater de frente”, explicou.

Para ela, a candidatura para o conselho não deveria ter sido uma barreira. “A dona da maior patrocinadora da América do Sul, que procurou o clube, e não o contrário, entra como candidata a conselheira... Em qualquer lugar no mundo estenderiam um tapete vermelho pelo que fiz no Palmeiras”.



Leila com o presidente Maurício Galiotte e com o ex-presidente Paulo Nobre.
Créditos: Cesar Greco/Agência Palmeiras



Elo construído aos poucos

A vaga no conselho veio. E com votação recorde. Em meio a polêmicas, foi eleita por 248 sócios em 2017 - o maior número de votos recebido anteriormente por um conselheiro havia sido 99. A relação entre Leila e o clube não se bastou ao mero vínculo entre patrocinadora e equipe. Foi além.

Segundo Felipe Zito, repórter do GloboEsporte.com em São Paulo, a chegada da empresária ao conselho foi relevante. “Ela tem acumulado vitórias importantes em pautas discutidas no Conselho Deliberativo, como alteração no estatuto para ampliação do mandato presidencial e também aprovação dos aditivos no contrato de patrocínio”.

Além do clube em si, a Mancha Verde é um capítulo importante na história de Leila desde que chegou ao Palmeiras. Por meio de lei de incentivo, a Crefisa tem financiado os desfiles de carnaval da escola de samba, que chegou ao primeiro título de Grupo Especial em 2019.

Mesmo com a proximidade construída de maneira crescente com os mais diversos setores do Palmeiras, Leila rechaça que tenha qualquer autoridade sobre assuntos internos do futebol. “Essa história de que queremos mandar no Palmeiras não existe. É o contrário: presidente determina, patrocinador faz. É mentira deslavada que o patrocinador tem ingerência. Eu não fico estudando com meu marido. “Vamos contratar esse ou aquele”. Não é nossa expertise”.

A presidência? Não seria possível em meio ao cotidiano movimentado, segundo ela. As empresas são prioridade, e a dedicação ao Palmeiras se tornaria inviável a longo prazo. “Imagina o Palmeiras jogando na Argentina. Se acontece um problema aqui na Crefisa e não posso acompanhar o clube? É uma responsabilidade muito grande ser presidente de um clube da grandeza do Palmeiras. Tem que ser full time. Eu não tenho tempo”, disse ao UOL Esporte, em 2018.

Porém, ao GloboEsporte.com em abril de 2019, mudou o tom e respondeu: “Por que não?”, ao ser questionada sobre uma possível candidatura à presidência do clube. No mês anterior, Leila postou, nas redes sociais, uma foto com uma camisa do Palmeiras e o número 21 no dorso, em referência às eleições para o mais alto cargo do Verdão, em 2021.



Créditos: Reprodução/Instagram

“Eu estou para colaborar, se eu posso colaborar cada vez mais não só em investimento, mas na minha experiência como empresária, por que não? Isso vai demorar ainda, em 2021, são projetos. Quem decide são os associados, mas se meu grupo entender que eu seria o melhor nome, por que não?”

Felipe Zito pontua que, de fato, a candidatura de Leila é uma possibilidade. “Ela é considerada por muita gente a sucessora natural do atual presidente (Galiotte), na disputa que ocorrerá no fim de 2021”.



Flamengo

EX-PRESIDENTA

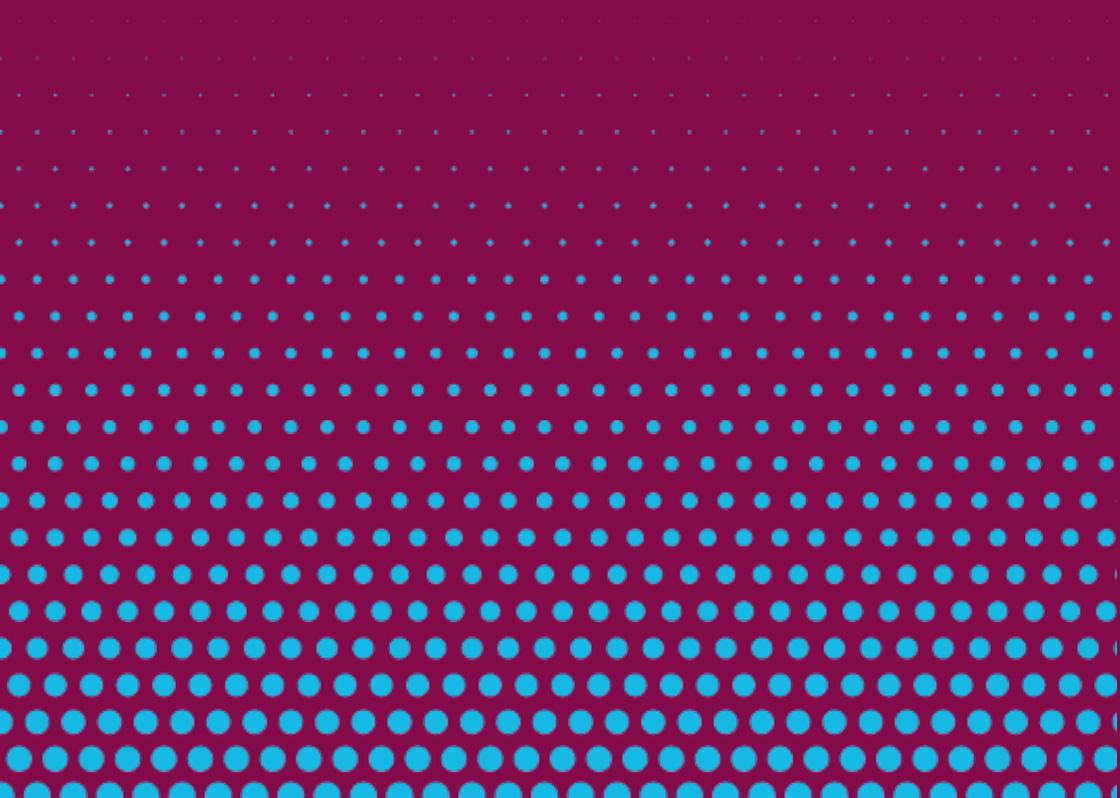
50 anos

Naturalidade: Rio de Janeiro

Patrícia Filler Amorim



JORNADA DE SORTE E (MUITO) REVÉS





Naquela quarta-feira, 12 de janeiro de 2011, a atmosfera era igual a dos dias de jogos no Maracanã. Bandeirões erguidos e cerca de 20 mil torcedores entoando hinos como numa final de campeonato, prestes a vencerem um importante título, sinalizavam a grandiosidade do momento.

Não era a decisão de um torneio. Muito menos no Maracanã, que estava interditado para obras da Copa do Mundo na época. O palco da vez era a sede da Gávea. Eram as boas-vindas a um dos maiores jogadores do futebol brasileiro.

Batuques da bateria da Mangueira, liderados pela voz do sambista Ivo Meirelles, então presidente da escola de samba verde e rosa, eram ecoados por toda parte, até mesmo fora dos 73 mil metros quadrados da sede do clube. Outros cantores, como Diogo Nogueira e Dudu Nobre, atores e personalidades da mídia que escolheram o Flamengo como um amor para a vida completavam a celebração.

Em meio a um corredor de segurança, estava ele. Não mais no auge da carreira, é verdade, com seus 30 anos. Mesmo assim, nada arrancava a expectativa de todos os presentes. Presentes que também a incluem, como não? Uma das articuladoras para a vinda do atleta era também protagonista naquele final de tarde do verão carioca. A presidenta Patricia Amorim, 42 anos, havia ganhado a disputa com Grêmio e Palmeiras pelo jogador.

De mãos dadas da entrada até as arquibancadas, os dois seguiram, entre empurrões dos animados torcedores e a proteção dos que faziam a segurança. No percurso, mais gritos, hinos e agitação. Depois de quase dois minutos até o palco, ela foi apresentada, tomou o microfone, um pouco de fôlego e, muito sorridente, soltou:

“Alô, Nação Rubro-Negra!

O Ronaldinho Gaúcho é nosso! Vai começar a festa!”

A corrida por Ronaldinho foi uma “novela arrastada”, segundo o jornalista e chefe de reportagem do GloboEsporte.com do Rio de Janeiro, Janir Júnior. “Em certo momento, Assis, irmão e empresário do jogador, fez os três clubes (Flamengo, Palmeiras e Grêmio) acreditarem ser possível contar com ele. Numa sexta-feira, Patricia



Chegada de Ronaldinho Gaúcho movimentou a sede da Gávea, em janeiro de 2011. Créditos: Alexandre Vidal, Beatriz Cunha e Fernando Azevedo/Fla Imagem



dirigia seu carro quando recebeu a ligação de Assis dizendo que o destino de Ronaldinho seria o Flamengo. Depois, ela me relatou que ficou tão nervosa com a ligação que, tremendo, teve que encostar o carro”.

O atleta, recém-saído do Milan (Itália), cobriu a Gávea com esperança e aquelas frases típicas do primeiro contato com a torcida. “Flamengo é Flamengo”, “Agora eu sou Mengão”. Até parecia o momento imediatamente anterior ao felizes para sempre dos contos de fadas.

O verdadeiro final da história não foi marcado pela festa renunciada por Patricia, mas sim por uma relação bastante conturbada.

O pagamento da maior parte do salário de Ronaldinho (cerca de R\$ 1,25 milhão) seria feito pela empresa de marketing esportivo Traffic, parceira do clube na contratação do atleta. No entanto, em 2012, a companhia rompeu com o Flamengo, alegando problemas com a captação de patrocinadores e a não permissão à empresa do controle do programa de sócio-torcedor.

Nessa época, o jogador estava com seis meses de salários atrasados. Tentando ao máximo não perder o astro em um ano de eleição e depois de já ter deixado escapar Thiago Neves (que foi para o Fluminense), foi decidido que o Flamengo iria arcar com o salário integral de Ronaldinho, incluindo os atrasados.

O planejamento não deu nada certo: no fim das contas, a relação entre jogador e clube acabou desgastada, e Ronaldinho moveu uma ação contra o rubro-negro na Justiça. Em fevereiro de 2016, ambos os lados chegaram a um acordo, e o Flamengo teve que pagar R\$ 17 milhões ao ex-funcionário.

Um dos ápices do caos financeiro instalado sobre o clube carioca foi o episódio em que o irmão e empresário do atleta, Assis, chegou a levar camisas de uma loja oficial para descontar parte da dívida.

Oito anos após toda a euforia e a depressão adquirida com as dificuldades do cargo, o sentimento de Patricia Amorim é completamente oposto ao da apresentação de Ronaldinho. Provavelmente, se a Pa-

■ A primeira parcela foi de R\$ 5 milhões, dividindo os R\$ 12 milhões restantes em 10 parcelas mensais. Da verba total, R\$ 8,750 milhões correspondiam à cláusula desportiva, R\$ 6,250 milhões de multa pela rescisão unilateral de contrato e mais R\$ 2 milhões de indenização por danos morais. O Flamengo ainda teve com R\$ 340 mil, dos custos do processo. A primeira parcela foi paga em março de 2016.



Relação entre dirigente e jogador ficou desgastada, após as polêmicas entre 2011 e 2012. Créditos: Alexandre Vidal, Beatriz Cunha e Fernando Azevedo/Fla Imagem

trícia de 2019 pudesse voltar no tempo e dizer para a Patricia de 2011 o que não fazer, seria a não contratação do jogador. Não em um ato de arrependimento, mas sim, de evitar enfados desnecessários³.

Para o Jornal Extra, do Rio de Janeiro, contou não ter encontrado com Ronaldinho desde a saída do atleta do Flamengo: “Não quero vê-lo”.



76 3- “Não posso me arrepender. Se errei, errei com 30 mil pessoas que quebraram o portão da Gávea (na apresentação do jogador). Em uma ação de risco, você pode ganhar ou perder.”, disse Patricia em entrevista ao Extra, em janeiro de 2017.

Do céu ao inferno

Um ano antes de Patricia chegar à presidência, em 2009, a equipe havia conquistado nada menos que o quinto título brasileiro de sua história, 17 anos após o último, em 1992. Regidos pela batuta da euforia e contando com o “Império do Amor” - Adriano Imperador e Vagner Love -, o time teve potencial para despontar nas competições que disputou, mas falhou em se manter em alto nível.

2010

■
Eliminação da Libertadores nas quartas-de-final, pela Universidad de Chile, pela regra do saldo de gols marcados fora de casa; derrota para o Botafogo na final do Campeonato Carioca, por 2 a 1; e quase rebaixamento no Brasileirão, terminando em 14º, com 44 pontos (dois acima do primeiro rebaixado, Vitória, escapando na última rodada).

2011

■
Eliminação para o Ceará nas quartas-de-final da Copa do Brasil (agregado de 4 a 3 para o alvinegro). Jogo histórico: Santos 4x5 Flamengo. Pan de Guadalarajara: representado por 31 atletas, incluindo Marcelinho no basquete, Daniele e Diego Hypólito, Jade Barbosa e Sérgio Sasaki na ginástica artística, César Cielo e Joanna Maranhão, na natação, e Fabiana Beltrame, no remo. No quadro geral, os atletas do Flamengo conquistaram 33 medalhas - 12 de ouro, sete de prata e 14 de bronze. Somente na natação, os rubro-negros subiram ao pódio nove vezes.

2012

■
Foi o terceiro colocado ao final do Campeonato Carioca; caiu na segunda fase da Libertadores, ao terminar em 3º do grupo, com duas vitórias, dois empates e duas derrotas; terminou o Brasileirão em 11º.

O ano de 2010 foi pífio nos gramados. Nenhum título, acúmulo de eliminações e quase rebaixamento. No extra-campo, a situação também não era das melhores. O técnico Andrade, que conduziu a equipe carioca ao título brasileiro de 2009, foi demitido, e o ídolo Zico, então diretor executivo, deixou o cargo após quatro meses.

As contratações dos atacantes Val Baiano, Leandro Amaral e Cris-

tian Borja, feitas pelo ex-jogador, não tiveram o efeito esperado. Além das escolhas erradas para o campo, fora dele um dos filhos do Galinho foi acusado de receber dinheiro nas negociações de atletas.

Segundo o repórter da Rádio Verdes Mares e ex-coordenador de esportes da Rádio Tamoio do Rio de Janeiro, André Ribeiro, a lembrança que os torcedores têm de Zico ainda é a da genialidade nos gramados. Como dirigente, a imagem que se tem é oposta. “As pessoas achavam que ele ia chegar, contratar dois ou três... Eu falava na época: “gente, não é ele que tá jogando não”. Se ele pudesse jogar com 60 anos o que jogava (antes), seria fantástico. Manchou o currículo do Zico como dirigente”.

A prisão do goleiro Bruno pela morte da namorada Eliza Samudio, em julho, marcou o primeiro ano da caminhada de Patricia no clube da Gávea. O episódio se somou à bagagem negativa daquele ano, apesar de ser para além da equipe.

Mesmo com o cenário desfavorável nos mais diferentes aspectos, o ponto alto do ano foi a mudança da casa de treinos do Flamengo. As obras para a construção do Centro de Treinamentos Presidente George Helal, mais conhecido como Ninho do Urubu, foram financiadas pelos torcedores.

Quase dois milhões de reais foram arrecadados com a “campanha do tijolinho”, para ser dado o pontapé inicial nas obras.



Quando a folha do último mês do calendário de 2010 foi deixada para trás, a expectativa é de que as adversidades tivessem ido embora junto com o ano que se despedia. Não foi bem assim. Apesar de 2011 ter sido marcado pela tentativa de volta por cima, com a chegada de grandes nomes do futebol, os problemas internos não se sustentaram dentro do clube, estourando para a grande mídia e, con-

Matheus Santos Costa, 20

Preferia que não tivesse trazido o jogador e tivesse equilibrado as contas do clube, a gestão financeira é de suma importância para a evolução de um clube, o grande exemplo é a parceria entre o Palmeiras e a Crefisa. A passagem de Ronaldinho Gaúcho pelo Atlético-MG foi muito mais vitoriosa que a que ele teve pelo Flamengo, e isso a gestão do clube tem muita responsabilidade. O jogador teve uma saída precoce, conturbada e teve que recorrer à Justiça para solicitar o que o Flamengo devia, ou seja, uma falta de responsabilidade e planejamento pela administração da época.

Pedro, 29

Trocaria a chegada dele por uma gestão profissional desde aquela época.

Érika Araújo, 36

Não tive emoção alguma, nunca tive afinidade com a ideia de um jogador problemático na night do Rio e pior ainda, jogando no Fla. Já sabia que ele não daria certo. Já sabia que ele seria o rei da noite e não do campo. Foi uma contratação midiática, feita não pelo departamento de futebol e sim pelos 'políticos' do clube.

sequentemente, para os torcedores.

A contratação e posterior saída de Ronaldinho Gaúcho ainda é uma situação muito controversa entre a torcida. A chegada do jogador foi quase uma unanimidade: 97,6%⁴ das pessoas responderam positivamente. Ao fim da relação atleta-clube, uma grande mágoa se instalou nos torcedores.

Os esportes olímpicos andaram na contramão do futebol. Os investimentos na área e os resultados colhidos foram positivos a curto e longo prazos. O Flamengo preparou 31 atletas para participar dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, em 2011. Eram nove modalidades representadas, incluindo a natação (César Cielo), o remo (Fabiana Beltrame), a ginástica artística (Jade Barbosa, Diego e Danielle Hypólito) e o basquete (Marcelinho).

No mesmo ano, Patricia fechou acordo com o Comitê Olímpico dos

Estados Unidos para os Jogos do Rio em 2016. O clube cedeu o espaço do Ninho para a delegação norte-americana e, em troca, recebeu R\$ 400 mil para investir em obras no Centro de Treinamento.

Os últimos meses de Patricia no poder, já em 2012, também foram cercados de polêmicas. Vagner Love voltou a ter o escudo rubro-negro do lado esquerdo do peito, mas Alex Silva e Thiago Neves romperam contrato. Deivid, assim como Ronaldinho, levou o clube à Justiça por 19 meses de salário atrasado. Íbson - banco no Santos - foi contratado para receber R\$ 300 mil por mês e, com o tempo, deixou de ser titular.

Pensava-se que as manobras políticas iriam além, quando um incêndio atingiu o Ginásio Cláudio Coutinho, quatro dias antes da eleição para a presidência. Felizmente, não houve feridos.

A suspeita que se instalou foi a de que um homem teria causado as chamas, e a ação captada pelas câmeras de segurança do local. Apenas em janeiro do ano seguinte, já no mandato de Eduardo Bandeira de Mello, foi concluído o laudo da perícia⁵. Acidental, o incêndio foi iniciado por partículas de soldagem de uma obra próxima.

Em meio aos sucessivos problemas administrativos e polêmicas, Patricia Amorim viu sua reeleição ameaçada. Na eleição do dia 3 de dezembro de 2012, foi derrotada pela chapa de Bandeira de Mello por 1.414 a 914 votos.

“Tive mais votos quando perdi do que quando ganhei. Se não tivessem me destruído, eu venceria”, disse à jornalista Marluci Martins, do Extra. Os questionamentos sobre a conduta da ex-dirigente foram resumidos aos três anos no mais alto cargo do clube mais popular do Brasil. O suficiente para o protesto de torcedores no mínimo pensamento do retorno de Patricia ao Flamengo.

De tão mal vista pelos três anos de clube, sofreu outra derrota política. Vereadora do Rio de Janeiro pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) desde 2000 e reeleita em 2004 e 2008, não conseguiu engatar o quarto mandato e ficou pelo caminho.

A possibilidade da chegada da carioca para a vice-presidência de Esportes Olímpicos do clube, na gestão de Rodolfo Landim, gerou queixas internas e externas. Na torcida, 74,6% se posicionam contra à presença da ex-mandatária em qualquer cargo dentro do clube⁶.

80 ⁵ Perícia conclui que incêndio em ginásio do Flamengo foi acidental

<http://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/2013/01/pericia-conclui-que-incendio-em-ginasio-do-flamengo-foi-acidental.html>

Ao final dos três anos em que passou na presidência, Patricia tem uma avaliação negativa quase unânime: 49,2% consideram o mandato péssimo e 27,8%, ruim. Os argumentos dos poucos que a qualificam positivamente se concentram no mesmo ponto: os problemas financeiros no Flamengo vinham de longa data.

Léo de Melo, 32

Acredito que a gestão da Patricia tenha seus pontos positivos, principalmente pela criação da Vice-Presidência de Patrimônio, que finalmente tocou o projeto de reestruturação do CT. A revisão das cotas de TV se deu no mandato dela também. No futebol, algumas falhas, mas houve muito boicote também na minha visão

João, 21

Já pegou o clube endividado por gestões anteriores. Ajudou muito a base e a sede social do clube.

As dificuldades financeiras foram herança de mandatos anteriores. Talvez o fator central que marcou negativamente a imagem da ex-dirigente foram os percalços com Ronaldinho. A expectativa para a glória de clube e jogador foram de encontro à queda de rendimento do atleta e ao vermelho em que o Flamengo entrou, com dívidas crescentes.

Apesar dos problemas enfrentados com o principal esporte do clube e, conseqüentemente, com uma das maiores forças motrizes de qualquer time - a torcida -, o balanço do mandato de Patricia Amorim é positivo no que diz respeito ao investimento em esportes olímpicos e em infraestrutura.

Paixão de longa data

Enquanto nadadora, a ex-presidenta era Flamengo na década de 1980 e fez história no clube. A proximidade com os esportes olímpicos se deve à época em que foi atleta, entre 1972 e 1991.

Representando o rubro-negro, passava por cima dos recordes

6- Em questionário realizado pela internet e respondido por 126 torcedores do Flamengo, 94 se disseram contrários ao retorno de Patricia Amorim ao clube, 5 afirmaram ser favoráveis; e 27 demonstraram incerteza. **81**

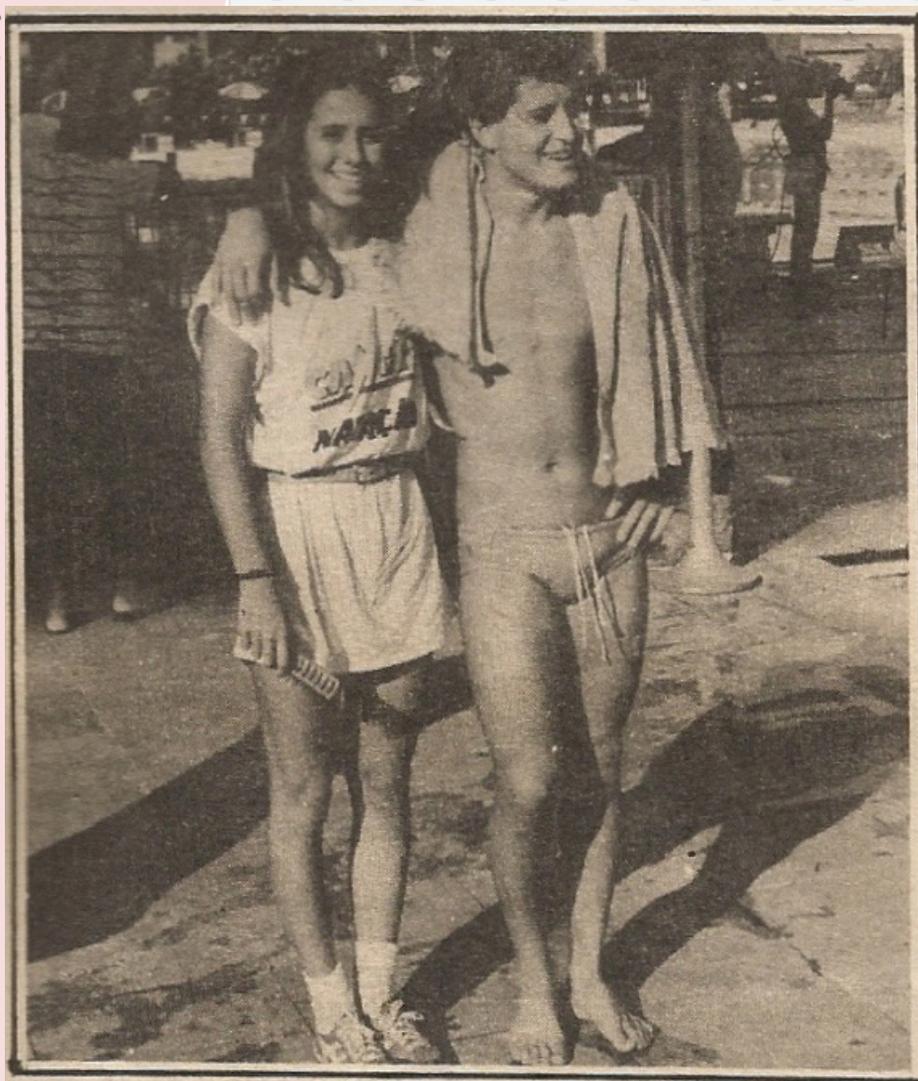
Foi 28 vezes campeã brasileira nas modalidades de 200 m, 400 m, 800 m e 1.500 m livres; superou 29 recordes sul-americanos nas piscinas, entre os anos de 1983 e 1989; voltou a colocar brasileiras em Olimpíadas, quando participou dos Jogos de Seul, em 1988 (após 16 anos sem a presença de mulheres na modalidade); e estabeleceu os recordes sul-americanos nos 200 m e 400 m livres.

sul-americanos e devorava títulos. A alma campeã da atleta deu muitas alegrias à natação e foi mais que suficiente para colocar o nome de Patricia como uma das grandes revelações de sua geração. A garota que com seis anos de idade completou a nado a travessia entre as praias do Flamengo e Vermelha, no Rio, deixou o nome marcado para sempre na modalidade.



Talentosa, Patricia se destacava também em noticiários sobre a modalidade.
Créditos: Jornal Aquatica - retiradas do site Epichurus

Nos revezamentos as moças do Brasil salvaram-se com dois quartos lugares. A partir da esquerda, Patricia Amorim, Adriana Pereira, Cristiane Pereira e Priscila Grocoske, com os diplomas do 4x100 livre.



Patricia Amorim e Ricardo Prado venceram, sozinhos, 40,9% das 22 provas individuais do Troféu Brasil da temporada.

Revelação Feminina 1983



Patrícia Amorim

Além de DESTAQUE FEMININO 1983, Patrícia fez jus também ao título de REVELAÇÃO, já que sua ascensão durante a temporada foi realmente surpreendente. Acostumada a classificar-se em segundo lugar em todas as provas de nado livre na sua categoria, sempre atrás de Cristiane Pereira, a nadadora "deu a volta por cima" em grande estilo, melhorando em apenas um ano 1'10 nos 100 livre, 2'33 nos 200, 6'60 nos 400 e 11'68 nos 800 metros livre. Há apenas um ano (foto) a nadadora participou de seu primeiro Brasileiro Juvenil, no final, um ano mais tarde, bateu seu 3º recorde sul americano!



A participação esportiva de Patricia Amorim foi tão relevante que, em 2016, o Flamengo inaugurou instalações olímpicas, e uma das raias da nova piscina recebeu o nome da ex-atleta⁷.

Após deixar as piscinas de lado, Patricia virou dona de academias de esportes na capital fluminense. O clube voltou a abrir as portas para ela algum tempo depois, quando foi vice-presidenta de esportes olímpicos por três anos.

Depois de todas as turbulências enfrentadas com o Flamengo, mais magra, cansada e com a alma marcada, Patricia permaneceu outros três anos sem frequentar o clube que afaga seu coração, mesmo com os filhos fazendo parte da equipe de basquete.

As cicatrizes deixadas por uma relação difícil e dura marcam a dirigente até hoje. Dificuldades financeiras herdadas e desempenho pífio dentro das quatro linhas. A gestão de Patrícia foi marcada por picos de alegrias e um rastro de decepções e dificuldades, que resvalam na história da brilhante atleta e torcedora rubro-negra, mas não a mancha.

Superadas as dificuldades do passado conturbado e vendo a história com a ótica do futuro, Patrícia carrega consigo a consciência tranquila de que fez o necessário, um coração rubro-negro pulsante e o respeito da maior torcida do Brasil. Está eternizada na história da sua maior paixão e nas piscinas da sua primeira e única casa: o Flamengo.

7- Nome de Patrícia é dado à raia de nova piscina no Flamengo: <https://extra.globo.com/esporte/flamengo/flamengo-apresenta-instalacoes-olimpicas-da-nome-de-patricia-amorim-raia-de-nova-piscina-19777674.html>



3

Maria Vieira

43 anos

Naturalidade: Pedra Branca

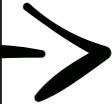


Atlético-CE
PRESIDENTA

“Na nossa cultura, a mulher ficou em uma situação de conveniência: ‘ah, é conveniente ter uma mulher aqui ou ali’. Para mim foi um caminho natural”

**QUANDO
O ACASO
REGE O
DESTINO**





Um amigo em comum, um convite para escrever um livro e a oportunidade de dirigir um clube de futebol. Isoladas, essas informações parecem não fazer tanto sentido. E como várias coisas da vida, não precisam mesmo fazer. As situações foram acontecendo na vida de **Maria José Vieira** de maneira intensa e surpreendente e eventos antes desconexos, hoje marcam o trajeto de uma vida dedicada ao futebol.

Bastaram 54 minutos de entrevista para perceber como o acaso atuou nessa trajetória de vida. Não só isso, mas principalmente a competência e a segurança na fala e nas ações, levou esta gestora de 43 anos, natural do município de Pedra Branca, no Sertão do Ceará, a enveredar pelo caminho da administração esportiva.

Em setembro de 2017, Ariclenes da Silva Ferreira, mais conhecido como Ari, jogador do Krasnodar (Rússia), arrendatário do então Uniclínico Atlético Clube e dono da empresa de gerenciamento de atletas Arigooll Sports, chamou Maria para conversar e disse que ela seria a presidenta do clube.

“Eu não tinha nenhuma pretensão em ser presidente, assim como não passa pela minha cabeça ser presidente em outro clube no futuro. Quando fizemos a parceria com o Uniclínico, Ari já ‘determinou’ que eu seria a presidente. Depois de aceitar, tive que estudar para fazer jus ao cargo confiado de gestora, o papel máximo”.

Quando isso aconteceu, Maria estudava MBA em Gestão Ambiental e trabalhava com tecnologia e energia solar. “Eu era autodidata em energia solar, montava cursos com dois professores da Universidade Federal do Ceará (UFC) e a gente fazia formações sobre esse assunto. [Nessa época, eu] tava querendo mesmo só estudar”.

Mudança de planos. Em pouco tempo, o cenário da vida de Maria mudou das salas de aula para as arquibancadas e campos de futebol.

Numa tarde ensolarada de junho de 2018 - nada de anormal para o inverno do Nordeste e, especialmente, de Fortaleza -, Maria parou com o trabalho administrativo para conversar comigo sobre sua trajetória pessoal e profissional.

Na sala improvisada da presidência, que dividia com duas pessoas, ela - com a tranquilidade de quem sabe o que faz - me contou detalhes sobre os percalços do destino e como passava os dias no CT do

Atlético-CE. Em meio a troféus, bolas de futebol e pastas com documentos, a única presidenta de um clube de futebol cearense exerce a profissão que surgiu em sua vida de uma hora para outra.



Créditos: Karoline Távares e Arquivo pessoal



A gestora revelou ter conhecido Ari por meio de uma conversa com um amigo de adolescência e em comum com o jogador, Acisne Melo Victor. Foi a partir daí que surgiu o convite para escrever um livro sobre a história do atleta.

Apesar de não ter aceitado de primeira, a dirigente foi convencida. “[Quando conheci o Ari], não teve volta”, relembrou, entre sorrisos.

- Essa história do Ari virou livro?

- Na verdade, era pra só vir, escrever um livro e pronto. Mas, ao invés disso, **estamos contando a história viva dele.**

Sem ter a noção do que estava por vir a partir do convite inesperado e do breve encontro com Ari, Maria seguiu trabalhando com o jogador. Em 2016, ele criou uma empresa para agenciar jovens atletas que têm o sonho de serem jogadores de futebol, e a atual dirigente fez parte de sua equipe.

Fizeram também uma parceria com o Horizonte Esporte Clube, onde Maria administrava o patrimônio do atleta e o futebol das categorias de base (sub-17 e sub-20) e do profissional do clube. “Organizávamos tudo da base, desde avaliações até os campeonatos e o acompanhamento pedagógico dos garotos”.

Depois de um ano no clube do interior, Ari e sua equipe decidiram que seria a hora de buscar “uma vitrine maior”, como dito nas próprias palavras de Maria. No caminho, surgiu o Uniclínic.

Altos e baixos

Em 2017, a **Águia da Precabura vivia um de seus piores momentos.** Tudo o que havia conquistado no ano anterior - o vice-campeonato estadual, que dava direito a vagas nas Copas do Nordeste e do Brasil, além da Série D do Brasileiro - foi quase completamente esquecido.

“Por que começou a acontecer tudo isso? Porque o olhar foi pontual. É muito importante ter um olhar pontual, mas se somente isso acontecer, se tratando de finanças, nós vamos andar na estrada sem tapar os buracos que ela tem”.

Maria não quis saber dos resultados negativos e das complicações

■
O atual Atlético Cearense por pouco não foi rebaixado para a segunda divisão do Estadual - ficando em oitavo lugar entre 10 equipes; foi eliminado precocemente na Copa do Brasil, perdendo a partida em casa para a Portuguesa-SP por 2 a 1; fez a pior campanha da história da Copa do Nordeste - saindo na fase de grupos sem marcar, tomando 24 gols e sofrendo a maior goleada da competição, um 9 a 0 a favor do Náutico-PE, em casa e na frente de sua torcida; e desistiu de disputar a Série D daquele ano.

que aconteceram antes de sua chegada. Sabia que todos os problemas existentes naquele momento eram reflexo do que havia (ou não) sido feito antes.

“A academia [do centro de treinamento] estava toda quebrada, o auditório não tinha condição de ter palestras, não tinha uma estrutura de comissão técnica para formações. Essa sala da presidência é improvisada, porque também não tinha e foi preciso [fazer] pra gente poder trabalhar. Não tinha a cozinha apropriada. Os campos eram verdinhos, mas eram ervas daninhas. Depois do campeonato, eles fecharam as portas e ficou tudo parado”.

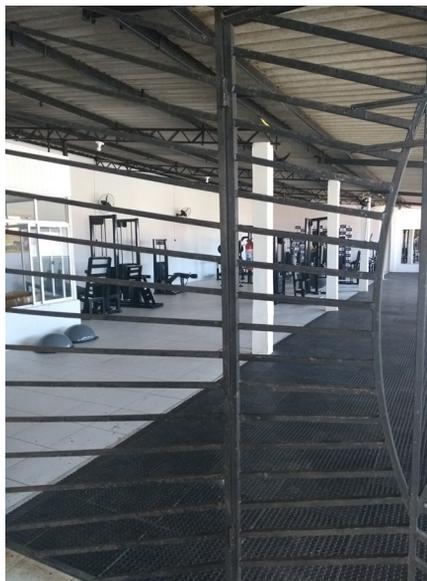
Foi nesse momento que os estudos para “fazer jus ao papel de gestora” tiveram que entrar em ação. Tudo o que envolvia o chamado por ela de “futebol burocrático” precisava de ajustes. **Maria arregaçou as mangas e deu o pontapé inicial.**

Passo a passo, as condições do clube tiveram que ser remodeladas para que a situação pudesse voltar minimamente ao normal. Mesmo em meio a obras e reformas, o Uniclinic precisava estar quase 100% preparado para disputar não somente as competições com o time profissional, mas também com as equipes de base.

Os problemas dentro das quatro linhas tinham que ser deixados para trás. Para isso, seria necessário lidar com outro desafio: a gestão financeira. Com pouco patrocínio, as condições da equipe teriam que ser moldadas conforme os recursos disponíveis naquele momento. “Gerenciar futebol sem dinheiro é complicado. Tem que manter um projeto, com uma filosofia de trabalho própria, tendo que pagar por isso e tem que tá tudo certo”.

Com todas essas questões a serem solucionadas - ou, pelo menos, contornadas por um momento -, o Atlético Cearense de 2018 fez uma campanha regular nas duas fases iniciais do Campeonato Estadual (com cinco vitórias, cinco empates e quatro derrotas) e conseguiu chegar à semifinal, quando ficou pelo caminho após perder o primei-

ro jogo para o Ceará por 6 a 0 (venceu, na volta, por 1 a 0), terminando a competição em terceiro lugar. Graças ao desempenho, garantiu vagas para a Série D e a Copa do Brasil de 2019.



Créditos: Karoline Tavares

Devido à crise que atingiu o clube em 2017, muito se falava se o mesmo não iria acontecer em 2018. Hoje sorrindo, Maria relembrou de uma pergunta que ficou marcada em sua memória: “Uma vez, num dia de jogo, um jornalista ligou e perguntou: ‘hoje vocês vão perder de muito ou vão perder de pouco?’”.

Nesse momento da entrevista, fomos interrompidas por um dos rapazes que trabalha no clube. O problema era a bola de futebol que estava sendo usada nos treinamentos: seria preciso comprar a que estivesse de acordo com a competição disputada pelos meninos da base.

Foi então que Maria me explicou que existem diferentes bolas para os campeonatos e os jogadores devem treinar com as específicas da competição que disputam ou com outras o mais parecidas

possível. Em menos de cinco minutos, ela falou com o rapaz sobre o que deveria ser feito e ele saiu, deixando-nos seguir com a conversa.

Antes de chegarem mais pessoas na parte administrativa do clube, Maria acompanhava tudo o que acontecia, desde a portaria até a limpeza, além das principais refeições dos atletas e demandas do corpo técnico. “Ser presidente tem que ser um pouco de tudo. Aqui, as minhas atribuições são bem universais, porque eu tenho que ter essa apropriação da realidade do clube”, deixando de lado qualquer glamour do cargo.

Para além das dependências do clube, Maria não esquece das pessoas que fazem o Atlético-CE. A presidenta comentou a relação com os jogadores e entre sorrisos, revelou que, diferentemente dos atletas profissionais, os meninos da base a veem como uma mãe do coração no convívio diário e próximo.

Créditos: Arquivo pessoal



Antes de irmos embora, Maria nos levou para conhecer as áreas do clube que escolheu como casa. Passamos pelo centro de treinamento, academia, cantina e a sala onde os meninos do sub-20 - que teriam um jogo à tarde - iriam receber as orientações do treinador.

Ao passar pelo cômodo, era possível ver os tímidos garotos chegando e se acomodando nas cadeiras de plástico, sentando-se de frente para o quadro branco que logo mais estaria repleto de instruções.

Talvez um pouco intimidados pela presença dos visitantes, eles demoraram para responder às brincadeiras e ao pedido de **“Vamos ganhar hoje, viu?”** da presidenta.

Das ondas do rádio surgiu a ligação com o futebol

Pedra Branca, década de 1980. Assistir o Campeonato Brasileiro na televisão? Nem pensar. A narração acelerada, o chiado, a riqueza de detalhes para driblar a falta de imagens e a empolgação a cada lance era o que fascinava Maria. Mesmo com as dificuldades de transmissão para o interior cearense na época, o radinho de pilha é que era o verdadeiro companheiro na trajetória junto ao futebol.

Foi com a Rádio Clube, de Recife, e a Sociedade, de Salvador, que ela começou a acompanhar as partidas de grandes nomes do cenário futebolístico nacional. “[Eram jogadores] que eu só via nos álbuns de figurinhas que meu irmão colecionava”.

Entre a coletânea de lembranças, guarda com carinho a participação do Corinthians na Copa das Nações de 1985, torneio amistoso disputado em Londres. O apego ao bom futebol da equipe paulista a fez continuar acompanhando os jogos, dessa vez, com os olhos vidrados na televisão.

Os rumos tomados na vida a desviaram inicialmente do trabalho profissional com o futebol e conduziram Maria ao curso de Pedagogia. “Gosto muito disso. Me interessa muito o desenvolvimento humano”. Só depois, investiu na Gestão Ambiental até chegar ao futebol de fato, em 2016. As carreiras alternativas colaboraram para que a

gestora aprimorasse aptidões relacionadas à construção das relações sociais.

Nos dias corridos de hoje, os momentos em que Maria tem para ser simplesmente Maria - não a gestora, mas a filha, a mãe, a pessoa fora do trabalho - são poucos. Ela sabe e lamenta, mas segue firme com foco no plano traçado. “Um projeto em construção não é fácil, então a vida pessoal ficou um pouco comprometida. Espero que no futuro minha mãe e minha filha compreendam esse meu hoje de ausências”.

O caso de Maria anda longe de ser um fato isolado. Muitas pesquisas e levantamentos trazem números ainda bastante expressivos sobre jornadas múltiplas de trabalho das mulheres. Segundo estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014, 90% das mulheres que trabalham fora de casa são também responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos. Para os homens, esse percentual despenca para 51,3%.

Machismo no cotidiano

Na adolescência, quando começou a trabalhar como técnica em Agropecuária em sua cidade natal, Maria esteve inserida em um ambiente essencialmente masculino. “Eu não me incomodava muito, porque sou sertaneja, e no sertão era comum as mulheres fazerem parte da fazenda, embora como cozinheiras (risos). Mas eu estava ali em outro posto”.

Mesmo mudando de profissão, os comentários e atitudes machistas continuaram a fazer parte do cotidiano. Ser presidenta de um clube de futebol era motivo de questionamento por alguns. Nada que a tirasse do eixo.

Com toda a bagagem que carrega, Maria não recebeu a maior responsabilidade da vida para passar bem na mídia ou apenas por ser mulher. O trabalho desempenhado por um ano no Horizonte, nos bastidores e com diferentes atribuições, saiu do anonimato e tomou maiores proporções. “Infelizmente, a nossa cultura é permeada por essa história patriarcal. Com isso, a mulher ficou em uma situação

de conveniência: ‘ah, é conveniente ter uma mulher aqui ou ali’. Para mim foi um caminho natural”.

Para a presidenta, o movimento foi espontâneo, mas não é uma regra. A pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Silvana Goellner, afirma que a ascensão das mulheres a altos cargos de comando dentro do futebol ainda não é natural.

“Como não há oportunidades explícitas, muitas mulheres chegam a esses cargos porque, de certa maneira, a vida as foi conduzindo para que lá chegassem. Só que elas não se dão conta que lá chegaram por esforço e mérito delas, e não pela concessão de um sistema que as oprime e as limita”, explica.



Créditos: Karoline Tavares

“

“Quando eu surgi pra mídia, eu tive mais carinho do que carões, isso foi uma coisa isolada de uma ou duas pessoas, que, pra mim, foram irrelevantes, por saber que as pessoas que estiveram do nosso lado foram muito mais representativas do que essas outras”

Maria acredita que o machismo está presente em qualquer lugar, a partir do momento em que uma mulher assume um posicionamento contrário ao esperado. “Podem falar: ‘Ah, Maria, você é a presidente, que linda, vamos lá fazer uma entrevista, vamos bater palma pelo posicionamento que você teve’. Mas, na verdade, na hora em que a Maria levantar a voz e discordar de alguma coisa: ‘não, você não entende de futebol’”.

Essa tentativa de silenciamento feminino que perpassa eras, culturas e gerações acontece porque as mulheres sempre foram imaginadas sob o rótulo de “**bela, recatada e do lar**”.

Desobedecer o marido, não ter a paciência como uma das principais virtudes e agir de maneira que fugisse desse padrão comportamental era visto como um desaforo, nunca como um traço de personalidade.

“As mulheres, nessa sociedade, sempre foram construídas ou como a dona de casa ou como a dona do cabaré. Ambas eram valorizadas só por essas funções e não porque tinham uma essência de pensamento. Às vezes, tem homens com duas mulheres, uma em cada situação e, na hora em que uma delas opinar, ela para de ser importante, e eles vão buscar uma terceira. Se a gente não fizer de forma radical a quebra dessa forma tão rude de a sociedade ver a mulher, sempre vão existir os panos mornos.”

Por meio do discurso (poderoso e) empoderado, a presidente do clube da Lagoa Redonda lembrou que, ao chegar nas primeiras vezes à sede da Federação Cearense de Futebol (FCF) para reuniões ou outras coisas do gênero, percebia a presença masculina predominante entre os presidentes dos outros times filiados. “Quando eu chegava lá, as pessoas ficavam: ‘olha, a presidente do Uniclínic’”, disse, entre risos.

Após cerca de três anos trilhando um caminho linear e ascendente no futebol como carreira, a primeira presidenta de uma equipe profissional do Ceará é exemplo. Mais que isso, é resistência. É espelho não somente para meninas e mulheres que desejam ser dirigentes, mas para todas aquelas que lutam por representatividade..

“Eu espero muito que as mulheres que gostem de futebol, assim como eu, não fiquem só na torcida, que elas venham ser também parte do futebol, para que haja um equilíbrio entre homens e mulheres com o objetivo de se construir algo maior. Não precisamos de queda de braço para poder permanecer. O que nós precisamos é unir os talentos, força e sensibilidade, para que construamos um encontro de paz. Isso parece muito romântico, justamente porque hoje o nosso futebol ficou financeiro demais, é a busca da perfeição demais, cada vez mais a gente quer que os meninos saiam com 17 anos pro profissional. Então, está faltando essa sensibilidade, todo esse fazer pra se criar algo mais justo. O futebol, talvez, não seja a solução, mas é uma parte muito significativa dela, porque é uma paixão, e o que se constrói com paixão não dá pra ser destruído de jeito nenhum”.



Créditos: Pedro Chaves/FCF





Maria de Fátima Batista

64 anos

Naturalidade: Natal (RN)

Fortaleza
**SECRETÁRIA
GERAL**

“Uma mulher dirige muito bem uma torcida organizada, uma empresa, qualquer coisa. Essa história de que mulher não é capacitada é conversa pra boi dormir, minha filha”

ECO DE PAIXÃO ENTRE HINOS DAS ARQUIBANCADAS



HINOS DAS ARQUIBANCADAS



É impossível não vibrar no meio da massa vermelho, azul e branco, economizar algum sopro de fôlego no momento em que o primeiro torcedor puxa o grito de apoio ou não sentir a pele arrepiar a cada espetáculo nas arquibancadas, mesmo que acompanhando pela tela da televisão. É sentir a paixão, no estado mais puro da palavra, tocando a pele, irradiando pelo corpo. É emoção, devoção, loucura. É o misto de todos esses elementos, de vozes em uníssono, da batucada e de energia. É amor.

“Olha, eu me emociono tanto quando a TUF faz aquela festa linda e maravilhosa, que meu coração dispara junto com a bateria. A bateria, pra mim, é o coração da torcida, porque dependendo do ritmo da bateria da TUF, o estádio todinho fica contagiado, empurra o time e grita “vamos que vamos” e dá certo. Quantas vezes a gente não já virou o jogo?”

O futebol apresentado dentro das quatro linhas movimenta o mercado e é protagonista do espetáculo, sem dúvidas, mas ele não está nesse patamar sozinho. Futebol é feito por gente. Gente nas arquibancadas, gente no campo e festa de gente. E foi por esse contato com as massas dos estádios que **Maria de Fátima Batista** se apaixonou. A massa tricolor.

O amor era tanto que transbordava. Quis ser parte da torcida organizada do Fortaleza, viajava acompanhando os jogos do time e até aprendeu a tocar os instrumentos de percussão que puxavam os hinos da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). “A minha vida é uma aventura. Eu sempre dizia que tava trabalhando em prol do Fortaleza (risos). Minha filha, a vida é um circo, uma roda-viva. Pelo menos a gente tem alguma coisa pra contar”.

Criado em 1918, o **Fortaleza Esporte Clube** sempre teve um público fiel e um variado número de torcidas organizadas, dentre as quais se destacaram a **Fiel Tricolor**, a **Jovem Garra Jovem Tricolor**, a **Barra do Leão**. Entre os grupos, um ganhou mais adeptos. “A TUF cresceu muito, em grandes proporções, muito organizada, porque a gente tinha departamento jurídico, departamento comercial. Sempre que a gente viajava, levávamos os diretores jurídico e comercial.”, relembra Fátima.

Atualmente, a TUF é a maior torcida organizada do estado do Ce-

ará. Foi idealizada nos corredores da Universidade Federal do Ceará, por estudantes de diversos cursos que tinham em comum o amor pelo Fortaleza. Entre sorrisos, Fátima repassa detalhes sobre a criação, como se vivesse de novo a mesma história. “O Ebersson (Martins) fundou e convidou a gente para fazer parte do grupo na fundação. Eram quatro mulheres: eu, a Iracilda, a Fábila e outra menina. Começou com 13 componentes, e hoje a TUF é fantástica, extraordinária. Em termos de Nordeste é a maior”. E não deixa de completar antes da próxima pergunta, “É a mais linda do Brasil”.

Com a resposta na ponta da língua, a fundadora crava o dia da criação: 17 de fevereiro de 1991. A torcida escolheu como mascote o Leão, por sua força, coragem, liderança e poder. E a imagem do animal ficou atrelada ao Fortaleza. O lançamento oficial foi no programa de rádio tricolor “A Voz da Fiel”, sob o comando de Emanuel Magalhães.



“O Fortaleza é uma paixão, e paixão você acompanha, aonde quer que vá. Você marca presença e mostra todo seu amor. Às vezes, é até um amor que ultrapassa certas barreiras e você fica “meu Deus, eu fiz isso?” (risos). Você faz tudo por um time de futebol. É inexplicável a paixão que se tem por um time. É muito diferente da paixão por uma pessoa. Quando os meninos me chamaram pra fazer parte da TUF, eu me senti muito feliz, muito gratificada.”

Segundo site especializado em torcidas organizadas¹, dois anos após a fundação, a TUF já somava 350 sócios. Nessa época, a sede se localizava no bairro Cidade dos Funcionários. Já no ano seguinte, em 1994, foi inaugurada a primeira sede no Centro de Fortaleza, na Rua Senador Alencar. No local, aconteciam reuniões, concentrações, festas e preparação para viagens.

Nos anos seguintes, o números de torcedores apaixonados pelo Fortaleza só cresceu. Foi explosivo. Em 1996, a TUF recebeu uma nova casa, na Rua Assunção, no bairro Aldeota. Segundo registros, nessa época a torcida já possuía mais de 560 associados.

Sem sede por dois anos por questões internas, restou aos membros do grupo organizar os encontros e reuniões nos estádios ou nas casas de amigos e churrascarias. Isso em nada afetou no crescimento do grupo, que chegou a somar 2 mil sócios no final de 1998. Foi inaugurada ainda uma nova sede, na Rua Senador Alencar, no Centro.

Nesse meio tempo, Fátima trilhava caminhos na TUF. Em um roteiro regado a acasos e prontidão, a secretária-geral do Fortaleza chegou a presidência da maior torcida organizada do Norte e Nordeste. Ela conta que uma série de casualidades levou-a ao cargo.

“O Eberson Martins foi para a presidência e o Paulo Figueiredo, que era filho do coronel Figueiredo, o chefe da Casa Civil, foi para vice. No biênio de 1993/94, o Paulo Figueiredo foi o presidente e eu, a vice”, até aí tudo simples e natural. A surpresa pegou Fátima (prevenida) após uma partida entre Fortaleza e Ceará, em Baturité.

Um conflito entre TUF e Cearamor (uma das torcidas organizadas do Ceará Sport Clube), chegou aos ouvidos do coronel, que não escondeu o desagrado. Não queria filho metido naquilo. Paulo então se viu obrigado a renunciar e daí veio o pedido inesperado: “Fátima, pelo amor de Deus, você assume a TUF?”. Apesar da admiração do momento, ela tinha uma resposta determinada na ponta da língua: “Não tem problema não, eu assumo. Tô aqui para isso!”. E deu certo. Foi eleita a primeira presidenta de uma organizada no Norte-Nordeste.

No cargo, Fátima cumpriu dois anos de mandato. A felicidade era sem tamanho. Estar no comando de uma multidão de torcedores que dividiam o mesmo amor com ela era impagável. “Foi maravilhoso. A gente viajava, fazia as caravanas... Eu tinha um megafone, onde eu

1- Artigo da Organizadas Brasil sobre a Leões da T.U.F (Torcida Uniformizada do Fortaleza). <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/LEOES-DA-TUF-TORCIDA-UNIFORMIZADA-DO-FORTALEZA-298.html>

convocava a torcida”, conta.

Fátima ainda destaca as ações sociais realizadas na época. “Na época, fundamos o bar da TUF, onde arrecadávamos dinheiro para fazer as festas nos estádios. E ficava bonito, viu! Deu certo, foram anos de glórias, bem gratificante”.



Mesmo com as inúmeras felicidades, problemas transversais bateram na porta. “Quando eu assumi começaram os problemas do pessoal discriminando porque tinha uma mulher. Meu irmão mais velho ficava indignado, não gostava muito e pediu que eu não tentasse a reeleição”, conta.

Apesar das críticas recebidas em casa, Fátima conquistou o res-

peito e a admiração de todos dentro do grupo. As opiniões negativas vinham de fora, de quem achava que uma mulher não poderia presidir uma torcida organizada. E se enganaram. “Depois aceitaram numa boa, viram que não é bem assim. Ao contrário, uma mulher dirige muito bem uma torcida organizada, uma empresa, qualquer coisa. Essa história de que mulher não é capacitada é conversa pra boi dormir, minha filha. Mulher é muito capacitada”.

Tendo conquistado espaço na liderança e mostrado que é capaz, Fátima não buscou a reeleição. Mas se engana quem pensa que ela se afastou da TUF. Como ela bem diz, é da **velha guarda**. Não larga o antigo amor. “Eu saí da TUF, mas, na verdade, nunca saí da TUF. Eu continuo como membro até hoje. Nunca larguei, nunca deixei.”, compartilha com ar de riso.

Surgimento das organizadas

Seja nas rimas e versos de Caetano e Martinho da Vila ou nos livros de história, a sabedoria popular é a mesma: O Brasil é o país do futebol. Seja pelas cinco Copas do Mundo conquistadas ou pela história marcada por belos dribles, jogadas e gols, é do Brasil esse título ilustre. O esporte se popularizou rapidamente no país, e já na década de 20, os estádios lotados assistiam às partidas de futebol. Era quase inadmissível não ter um clube do coração.

Com o crescimento no número de pessoas que passaram a curtir apaixonadamente o futebol, os grupos começaram a se reunir para frequentarem os estádios juntos, até que na década de 40 surgiram as primeiras torcidas uniformizadas no Brasil.

Muitos cronistas e estudiosos do esporte, como Máximo Pimenta e Luiz Henrique de Toledo², acreditam que as torcidas organizadas atuais derivam de charangas, bandas que incluem instrumentos de sopro e percussão.

Essas organizadas, como conhecemos hoje em dia, além de levantar os espectadores do futebol e animar a experiência de assistir a uma partida no estádio e embalar o time, tinham a missão de fiscalizar as diretorias dos clubes. Logo o movimento que era restrito aos estádios, ganhou as ruas.

Tempos difíceis

A disputa entre Fortaleza e Ceará marcou também a história das torcidas organizadas. Os cantos e a rivalidade nas arquibancadas tornavam a atmosfera do Clássico-Rei ainda mais competitiva e emocionante, até que passou do ponto. Foram inúmeros os casos em que essa disputa desmedida avançou os limites e se transformou em violência. Dentro e fora dos espetáculos.

A queda de braço entre as torcidas chegou ao ápice em 2012. Neste ano, após atos de violências ocorridos antes de um duelo entre Fortaleza e Paysandu, no Estádio Presidente Vargas, torcedores do Leão portando adereços e objetos que identificassem torcida organizada ficaram suspensos do PV por 90 dias.

Para facilitar a identificação de quem cometesse esses atos e punir os infratores, Ministério Público, Polícia Militar do Ceará, Secretaria do Esporte e Lazer de Fortaleza, Federação Cearense de Futebol e as referidas organizadas firmaram um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Assinado em abril de 2012, o documento previa que as torcidas teriam de fazer um cadastro junto aos órgão de segurança.

Na cláusula quarta do documento, constava o compromisso das torcidas de evitarem violência, tumultos, brigas, incitação à violência etc., sob penas das sanções descritas no documento, entre elas o pagamento de multa de dez mil reais por descumprimento de qualquer um dos itens.

Após o fim do prazo para o cadastro dos integrantes das torcidas organizadas, o presidente da Cearamor, Jeysivan Silva, confirmou que apenas 1.500 cadastros haviam sido realizados, de um total de cerca de 6 mil pessoas que fazem parte da torcida. Na TUF, 1.400 cadastros foram confirmados pelo presidente Eliesio Afonso. Ao todo seriam aproximadamente 7 mil integrantes, na época.

Em 2016, outro conflito nos estádios resultou em uma nova determinação judicial. A juíza Antonia Dilce Rodrigues Feijão determinou o fim da Cearamor, da Torcida Uniformizada do Fortaleza e da Jovem Garra Tricolor. As entidades entraram com um recurso, que foi negado.

Dois anos depois, uma chacina no bairro Benfica chamou atenção

Justiça do CE nega primeiro recurso de TUF e Cearamor contra extinção

Torcidas organizadas de Fortaleza e Ceará foram extintas em decisão de junho e perdem outra batalha. Cabe recurso à decisão da juíza Antônia Dilce Rodrigues Feijão

Por **Thais Jorge**
Fortaleza, CE



Cearamor segue extinta (Foto: Kid Júnior)

Em decisão proferida nesta sexta-feira (8), a juíza Antônia Dilce Rodrigues Feijão, titular da 36ª Vara Cível da Comarca de Fortaleza, negou provimento aos **embargos declaratórios da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), do Fortaleza, e da Torcida Organizada Cearamor (TOC), do Ceará**, após estas serem extintas. Portanto, as torcidas citadas seguem afastadas dos estádios. Cabe recurso às organizadas da decisão.

Segundo a decisão da juíza, "não há

Créditos: Reprodução/Globoesporte.com/ce

para as organizadas novamente. Na Vila Demétrio, sede da TUF, foram baleados Carlos Victor, que morreu no local, Emilson Badeira e Adenilton da Silva - atendidos no hospital, não resistiram aos ferimentos.

Com isso, uma reunião entre representantes do Governo do Estado, Prefeitura de Fortaleza e forças de Segurança foi convocada e definiu uma série de medidas para conter a violência na cidade, em especial nos estádios ou envolvendo torcidas organizadas. Ficou definido que apenas torcedores cadastrados, com biometria facial registrada nos bancos de dados da Prefeitura de Fortaleza, teriam acesso aos estádios de futebol na capital cearense. Não houve a divulgação de um prazo para a medida entrar em vigor.

"Sempre que a gente saía, inclusive para outros estados, tinha um ônibus onde a gente fazia a festa. A TUF nunca decepcionou em termos de festa, sempre fez a alegria nas arquibancadas. Sempre que o Fortaleza entra em campo, tá lá todo mundo pra aplaudir, seja aqui, em outro estado, no interior, ela está sempre presente. A TUF faz parte da minha vida, da minha história, é como se fosse uma filha. A gente tem aquele amor, aquela paixão."



TUDO SOBRE

-  Ceará +
-  Fortaleza +





Sendo homenageada em 2006 como torcedora símbolo dando ponta pé inicial em jogo do Fortaleza, no Presidente Vargas. Créditos: Arquivo Pessoal

Memórias prazerosas

Fora da sala da presidência e longe de questões burocráticas, Fátima retornou às arquibancadas após o mandato. E assim seguiu por muito tempo. Mas com o passar dos anos, a vontade de estar no meio da multidão foi virando admiração. De longe. Foi trocando o estádio.

Fora da sala da presidência e longe de questões burocráticas, Fátima retornou às arquibancadas após o mandato. E assim seguiu por muito tempo. Mas com o passar dos anos, a vontade de estar no meio da multidão foi virando admiração. De longe. Foi trocando o estádio pelo sofá da casa.

“Depois de um tempo, a gente vai se acomodando, ficando quietinha, já não tem mais aquele pique todo, até pela própria idade, porque o tempo é implacável pra todo mundo, não é só pra mim não. Mas eu gosto, eu vibro, eu me emociono”.

Ciclo natural de quem já viveu muitas festas e felicidades e sabe o momento em que a tranquilidade é o ideal. Na memória, inúmeras partidas, dribles, defesas e gols. Todo jogo foi marcante. A celebração não se restringia apenas aos 90 minutos de bola rolando, começava no caminho para a partida.

Na caixa de memórias guarda também um 4 a 2 especial. Buscando entre as coleções de jogos marcantes que já gravou com os olhos,

“Eu comecei a gostar de futebol faz muito tempo, pelo amor de Deus, eu tô com 64 anos (risos). Faz muitos anos, muitas décadas (risos). Um tempo depois, começou a surgir aqui no estado o handebol, na época era handball. Eu já jogava na escola. O Fortaleza resolveu fazer um time na época e eu fui convidada para participar. Isso despertou ainda mais o amor pelo time, pelas cores, fui me interessando, achando muito bonito, e assim começou essa paixão.”

Fátima, de súbito, lembra de um em especial e sorri, satisfeita.

A década era 1980. Final de campeonato. Clássico-Rei. Ingredientes interessantes, hein? Torcedores acompanhavam pelo radinho de pilha a narração do lance a lance que passava aos olhos e não acreditavam na derrota que já parecia iminente. O Fortaleza estava em desvantagem por 2 a 0. Restavam 20 minutos para o apito final.

Bastou apenas esses mesmos 20 minutos para o time marcar quatro gols e sair com um placar de 4 a 2, na Arena Castelão e levantar a taça. Da arquibancada, Fátima não coube em si de felicidade. “São coisas que não têm preço, é uma alegria tão grande, uma emoção tão forte, que aquilo ali fica na retina do seu olho pro resto da vida”.



Passos no handebol

O amor ao futebol levou ao amor ao handebol. Aos 16 anos, Fátima foi convidada por Silvio Carlos Vieira Lima, então diretor de esportes amadores do Fortaleza, para defender a equipe. No clube, já havia equipe de futsal e basquete. Segundo a ex-jogadora, na sede social do Fortaleza da época, localizada na rua Belo Horizonte, próximo ao local onde hoje é a atual sede do clube, havia estrutura para a prática de diversas modalidades.

Cobrada pelos pais para mostrar bons resultados na escola, Fátima acabava tendo que deixar os treinos de lado. O processo não foi muito doloroso para ela, que não tinha pretensões de seguir carreira profissional no esporte. Era diversão, praticado e movido só por amor e por vontade de estar ali. “Era tipo uma brincadeira, mas que valia (risos). Era uma coisa sadia. Tempos atrás, as coisas eram mais sadias, eram melhores. Aquilo era muito gratificante”.

Com a mudança de gestão do clube, o time passou por problemas com as despesas e Fátima acabou saindo. “Saiu todo mundo junto (risos). Às vezes, o gestor não está em condições de arcar com muitas despesas e é preciso entender isso também. Um clube de futebol demanda muitas despesas, não é fácil não. É um empresa onde se gasta muito, e o retorno depende de como o time se comporta em campo”.

Em 2001, o time do Fortaleza voltou a incorporar uma equipe de handebol feminino e masculino. Nos anos de atuação, as equipes conquistaram dois títulos importantes: campeão brasileiro adulto feminino em 2002 e campeão brasileiro adulto masculino em 2004. Em 2007, a categoria feminina entrou de licença, retornando apenas em 2013, quando foi a vez do masculino dar uma pausa.

Desde o retorno do feminino, a equipe coleciona conquistas: hexacampeão cearense, vice-campeão brasileiro em 2013 em Belém-PA; campeão da liga nordeste em 2015, pentacampeão da Copa Superação de Quixadá. Sexto lugar da Liga Nacional em 2017.

Títulos em 2018 também não faltaram. Foram campeão cearense, campeão da Super Copa Rede Cuca, campeão da Olimpíadas Rede Cuca, campeão da Copa Metropolitana em Maracanaú, campeão da III Copa Handebol nova geração em Quixadá e campeão da III Copa

Crateús de handebol.

TRICOLOR É PENTA NO HANDEBOL FEMININO

11/FEV



Créditos: Reprodução/Fortaleza Esporte Clube

Marcas de derrotas e triunfos

Como todo relacionamento, também viveu momentos difíceis com o Fortaleza. Nas lembranças dos tempos complicados, destaca o período de oito anos em que o time esteve na Série C do Campeonato Brasileiro. “Tinha aquela parte de que tava tudo bem, tudo lindo e maravilhoso, mas quando chegava no final não dava certo. A gente sempre ficava esperançoso de que um dia as coisas iam mudar. E realmente mudaram, graças a Deus”.

O ano de 2017, guardado no coração pela torcida tricolor como o do acesso à Série B, tem um gosto especial para a secretária-geral. “Eu tinha uma certa relação de proximidade com os jogadores. Foi tão emocionante! Todo jogo era uma emoção diferente, e a gente tinha uma fé inabalável de que naquele ano a gente ia sair daquela situação. E graças a Deus conseguimos sair. Havia muita união”.

Esse foi um período de provações para o elenco tricolor. Era uma campanha instável. O time foi mal no Campeonato Cearense, foi eliminado nas primeiras fases de Copa do Nordeste e Copa do Brasil e



fez uma campanha bastante irregular na primeira fase da Série C. Contudo, as críticas e desconfianças ficaram para trás quando o juiz apitou o final da partida contra o Tupi, em Juiz de Fora.

Fátima acompanhou a saga de 90 minutos pela televisão, ao lado da mãe, do filho e da irmã. Preferiu permanecer em casa à pedido da mãe de 83 anos. “Tá com um tempo que eu não tô viajando, atendendo a esse pedido dela, porque ela fica nervosa. Ela sabe de tudo. Como ela acompanha, ela tem medo de que possa acontecer alguma coisa”.

A torcida em casa funcionou e a ex-comandante da TUF pode acompanhar a festa das arquibancadas e das ruas da capital, com o coração batendo no mesmo ritmo da massa tricolor e guardando mais um acesso emocionante para a caixa de recordações.

No ofício que acolheu

Uma série de troféus recém chegados da restauração, imagens de santos e um flanelógrafo com orações decoram a pequena sala de Fátima no estádio-sede do Fortaleza, o Alcides Santos. Receptiva, ela explica com calma quais as atividades que exerce como secretária-geral do clube.

“São tantas as atribuições... (risos) Mulher, eu faço os ofícios, os contatos com os conselheiros. Eu vou no departamento de sócio-torcedor, no de futebol. Tudo o que precisa eu tô lá. Eu sou a secretária do conselho deliberativo também. Faço as atas...”.

Antes mesmo de completar a resposta, ouvimos a primeira batida urgente na porta. Estava sendo solicitada para uma reunião. Com bom humor, Fátima pede um pouco de paciência e segue respondendo às questões. Emenda um assunto no outro e conta da sala onde trabalha. Revela o cansaço em ficar subindo e descendo escadas e comemora a conquista de um espaço no térreo. Aproveita a oportunidade e lança um ensinamento valoroso:

“A vida ensina muita coisa a gente. Eu sou espírita, e o espírita não é muito apegado a bens materiais, não. Dá mais valor ao ser humano, à pessoa, à dignidade, como as pessoas se comportam, faça o bem sem olhar a quem”, aconselha a gestora, que também é devota de Nossa Senhora Aparecida.

A história de como chegou à secretaria-geral do clube cearense envolve muito desapego. Isso porque a ex-presidenta da TUF era secretária regional do Banco Mercantil e Industrial do Paraná (Banmerindus), que acabou entrando em dificuldades financeiras e tendo parte incorporada pelo HSBC, e outra parte, pelo Banco Central, em 1997.

Fátima era representante responsável por prestar serviços ao banco atuando em diversos estados do Nordeste, de Pernambuco ao Maranhão, mas sempre estava no Fortaleza fazendo serviços voluntários. Por amor ao clube e conforto em estar na segunda casa que escolheu.

“Quando foi no dia 16 de setembro de 1999, o Jorge Mota assumiu, com a renúncia do Coronel Leonel. Ele foi e me chamou. Queria im-

plantar certas coisas e perguntou se eu viria para cá. Eu disse ‘na hora’ (risos)”.

Em 2001, ela saiu do emprego no banco para assumir o compromisso com o Fortaleza. “Tinha que estar aqui de manhã, de tarde e de noite (risos). No futebol é assim”. E os oito anos de trabalho dedicados à secretaria do clube vem dando resultados. É o que mantém Fátima feliz. Apesar de clichê, é certo: Não há lugar melhor no mundo do que o lugar que te faz bem. O Fortaleza para Fátima já é casa há muito tempo, e estar em casa é estar em paz.

“Como torcedora, é muito gratificante trabalhar no clube que você ama, estar no dia a dia acompanhando. Como profissional, você se sente realizada de fazer o que quer, no lugar que você sempre sonhou. Isso é muito importante na vida de um ser humano. Fazer o que você quer, com o que gosta, onde se sente feliz e realizada”, finaliza, com um sorriso que não é interrompido nem pelo susto tomado com outro chamado para a tal reunião.

Créditos: Arquivo Pessoal





Federação
Cearense de
Futebol
**COORDENADORA
DE FUTEBOL**

Cida Ferreira

23 anos

Naturalidade: Fortaleza



“A gente sofre, mas eu não abaixo minha cabeça, meu nariz segue empinado. Quem quiser ser uma pedra no meu sapato, não vai conseguir”

PAIXÃO
QUE VEM
DE BERÇO



PAIXÃO QUE VEM DE BERÇO

- Você tá na federação desde quando?
- Eu tô aqui desde janeiro de 2017.
- Como foi que você soube que dava para vir pra cá?
- Visão. Você tem que ter visão das oportunidades que o mercado

pode lhe oferecer e se destacar em tudo o que fizer. Eu desenvolver um bom trabalho é importante, para que as pessoas do mercado me notem. Isso tem que começar desde muito cedo, porque eu era uma profissional novíssima no mercado, as pessoas não me conheciam.

Com essa determinação no falar, **Maria Aparecida Ferreira** - ou apenas Cida, como é mais conhecida - tem uma rotina movimentada na sede da Federação Cearense de Futebol (FCF), localizada no bairro Benfica, em Fortaleza, há dois anos, diariamente. Foi em um final de expediente que a jovem gestora de 23 anos me recebeu para conversar pela primeira vez depois de um longo tempo de contato por redes sociais.

Enquanto coordenadora de futebol da FCF (no setor de diretoria de competições), Cida chegou para trabalhar apenas com o futebol feminino, mas acabou enveredando também para o masculino profissional. Além disso, ela faz parte da diretoria de estádios, é delegada do quadro da federação, faz curso de arbitragem...



Cida em curso de arbitragem, em foto publicada no perfil do Instagram em 2018. Créditos: Pedro Chaves

■ O Menina Olímpica trabalha com crianças e adultas do sexo feminino, tratando essa categoria do futebol como uma ferramenta de inserção, “quebrando paradigmas e desenvolvendo o ser humano”, como explica a descrição da página da AMO no Facebook. O projeto social surgiu em 2007 e, até 2018, alcançou cerca de 720 meninas e mulheres, entre 8 e 35 anos. O Menina Olímpica se tornou um clube esportivo em 2016 e, desde então, a equipe conquistou o Campeonato Cearense adulto em 2016 e foi bicampeã do Estadual sub 20 em 2017 e 2018.

■ Vale destacar que a montagem de equipes femininas é obrigatória para todos os times da Série A e para aqueles que irão disputar a Copa Libertadores da América, a partir de 2019. A iniciativa, vinda de uma parceria entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), começa a valer 40 anos após a liberação da prática do esporte por mulheres (a proibição aconteceu em 1941, no governo de Getúlio Vargas).

A gestora da FCF respira tanto futebol que o esporte não escapa aos olhos até mesmo nos dias livres. “Procuro sempre estar envolvida com o futebol”. Ela costuma acompanhar campeonatos europeus e os jogos do time do coração no Brasil, o qual preferiu não revelar.

A vida profissional de Cida teve início há seis anos. Quando ainda cursava Gestão Desportiva no Instituto Federal do Ceará (IFCE), foi voluntária em projetos sociais na área do futebol. “Eram projetos de um, dois, três dias e dos mais variados possíveis”, destacou, ressaltando a importância da experiência prévia para a função que ocupa atualmente.

Em seguida, surgiu a oportunidade de trabalhar na **Associação Menina Olímpica (AMO)**, colaborando, também voluntariamente, com a supervisão da equipe no cotidiano e lidando com questões burocráticas. “[Além disso], cuidava da elaboração de projetos para a captação de recursos. Eu passava pro presidente do clube, pro coordenador, e a gente acabava conseguindo coisas bem bacanas”, explicou.

Quando chegou ao Menina Olímpica, em 2016, e ao longo daquele ano, Cida percebeu diferenças relacionadas à organização do projeto em comparação a outras equipes de **futebol feminino** do Ceará.

“A gente notava que nenhuma equipe tinha projeto para a captação de recursos na época, só o Menina Olímpica. Mesmo sendo o primeiro ano que a equipe tava disputando a competição (Campeonato Cearense),

Créditos: Reprodução/Globo



Encontro com Fátima Bernardes >

Projeto 'Menina Olímpica' forma novos talentos do futebol feminino

4 min Exibição em 3 ago 2016

Chagas Ferreira explica que decidiu investir no futebol feminino porque percebeu que Fortaleza não tinha nenhum centro de treinamento para meninas

“Por incrível que pareça, o Menina Olímpica é um dos projetos com maior credibilidade por parte da mídia. Você encontrava matérias no Diário do Nordeste, saiu na Globo RJ, alcançou todo o Brasil no programa da Fátima Bernardes, saiu em TVs locais mesmo. Mas não era aquela cobertura de acompanhar todos os dias, todos os passos”.

Diário do Nordeste

HOME METRO POLÍTICA VERDE REGIÃO SEGURANÇA JOGADA NEGÓCIOS BLOGS ÚLTIMAS

A vez delas chegou

Por Renato 09:00 - 02 de Dezembro de 2016 #FOL2020-041028

Conheça o projeto social na Capital que formou o time campeão cearense de futebol feminino e revela talentos de ouro

Atividade

Iniciar

Instale e Compartilhe o 55x App

Seja 55x Convidado

Verificar App

NO REPÓRTER: FLAGREI ALGO DIFER PARA NÓS (85) 98887-5065

Treinamentos são realizados na Escola de Apropriação Esportiva, na Capital. [Ver artigo completo](#)

Créditos: Reprodução/Diário do Nordeste

conseguiram ser extremamente organizados e, conseqüentemente, chegaram ao título”, afirmou.

Em 2018, o Menina Olímpica estabeleceu parceria de cooperação com o Ceará Sporting Club, em um projeto do Alvinegro para incluir a categoria no clube e promover melhorias para a disputa do Campeonato Cearense daquele ano.

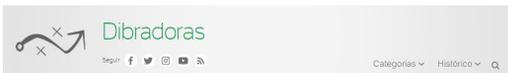
“O Menina Olímpica entrou com a expertise, um grupo de atletas de base e toda a comissão técnica. Já o Ceará entrou com a estrutura física, todo o aparato dos departamentos médico (fisiologia, dentista, fisioterapia, nutricionista), de academia e assistência social”, explicou Chagas Ferreira, coordenador técnico do projeto.

Um ponto destacado por Cida com relação à época em que estava no Menina Olímpica foi a cobertura midiática. Mesmo com a mínima atenção de boa parte dos veículos da grande imprensa direcionada ao futebol feminino, ela considera que o projeto tinha um lugar de destaque, mas que ainda não era o ideal.

Mesmo ainda vivendo sob a máxima de ser o “país do futebol”, a atenção da grande mídia destinada à categoria feminina no Brasil sempre foi preocupante. Devido à falta de incentivo por todos os lados - inclusive dos próprios veículos -, a modalidade foi desvalorizada muitos anos também pelos fãs do esporte. Porém, aos poucos, esse cenário está se transformando.

Nas coberturas locais e nacionais, os atletas das equipes de maior destaque têm seus passos seguidos e relatados cotidianamente por

Créditos: Reprodução/Dibradoras e Globoesporte.com



Com futebol feminino, Santos tem maior público do ano na Vila



Time feminino vira fenômeno de público e "desbanca" a Série A; entenda

Irânduba, clube amazonense, tem a maior marca das arquiabancadas do futebol feminino no país, com 25 mil. Entre médias do Brasileiro, time emplaca com mais de 15 mil

Por Silvio Lima, GloboEsporte.com — Manaus, AM
01/07/2017 19:01 - atualizado há um ano



programas de TV ou em páginas de jornais, além do vasto mundo das redes sociais. Aos times femininos, no entanto, sobram lugares menores na imprensa, como notas, ou, no máximo, a aparição em reportagens especiais.

Há ainda um caso bastante emblemático: durante as **Olimpíadas do Rio, em 2016**, a seleção brasileira feminina de futebol teve um início arrasador e bem melhor, quando comparado com a masculina, e isso causou grande frisson nos telespectadores. No entanto, passado o êxtase da competição, poucos seguiram acompanhando as jogadoras que representam o Brasil, como na Copa América de 2018, quando foram campeãs.

Apesar dessa situação, muitos(as) torcedores(as) comemoraram que a TV Globo irá transmitir a Copa do Mundo Feminina de Futebol, em 2019, pela primeira vez na história da emissora (o torneio já havia sido transmitido na TV aberta pela Band, em 2015). E não só isso: o evento conta também com narração e comentários de mulheres.

Amor antigo

Nas coberturas locais e nacionais, os atletas das equipes de maior destaque têm seus passos seguidos e relatados cotidianamente por programas de TV ou em páginas de jornais, além do vasto mundo das redes sociais. Aos times femininos, no entanto, sobram lugares menores na imprensa, como notas, ou, no máximo, a aparição em reportagens especiais.

Apesar dessa situação, muitos(as) torcedores(as) comemoraram que a TV Globo irá transmitir a Copa do Mundo Feminina de Futebol, em 2019, pela primeira vez na história da emissora (o torneio já havia sido transmitido na TV aberta pela Band, em 2015). E não só isso: o evento conta também com narração e comentários de mulheres.

“Acho que minha relação com o futebol começou quando eu tava no ventre da minha mãe”, revelou Cida, sem (ter motivo para) esconder que a paixão pela modalidade começou há mais tempo do que consegue imaginar.

Toda a fascinação por futebol pode ter uma explicação bastante plausível: praticamente toda a família de Cida também tem o mesmo sentimento pelo esporte, seja torcendo, praticando ou, ainda, incentivando uns aos outros à prática.

“Tenho lembrança de eu com seis, sete anos de idade correndo atrás de uma bola no pátio da nossa casa. Eu fui criada num campo, então eu tinha muito espaço para brincar”, falou, com nostalgia.

Criada em uma casa com os pais, quatro irmãos e duas irmãs, praticamente todos eram apaixonados por futebol - à exceção da mãe, que, segundo ela, “não gostava muito da ideia de ver suas filhas praticando futebol. ‘É coisa pra macho’, ‘não gosto nem que seus irmãos brinquem, quanto mais vocês!’, falando pras minhas duas irmãs e eu. Mas a gente era teimosa”.

Mesmo a contragosto da mãe, a irmã 10 anos mais velha foi uma das principais responsáveis por fazer florescer o interesse de Cida e da mais nova, Clara de Assis Castro Ferreira (atualmente com 21 anos), pelo esporte mais popular do país. A relação delas com o futebol é tão forte que duas seguiram carreira profissional na área - Clara é supervisora do time feminino do Ceará Sporting Club.

A trajetória da irmã de Cida também passou pela paixão por futebol na infância, pelo envolvimento com as atividades da Associação Menina Olímpica, até chegar à faculdade de Educação Física e ao cargo que ocupa atualmente no Ceará. “Quando surgiu a oportunidade, eu abracei e aqui estou aprendendo, colaborando e crescendo”, afirmou Clara.

A adolescência de Cida foi marcada pelo fascínio com os ídolos do time que torce no Brasil e das equipes europeias. Só que a paixão por torcer e jogar “de brincadeira” acabou se tornando algo mais sério. Passou a admirar Marta, reconhecer a importância do jovem Lionel Messi, a idolatrar Cristiano Ronaldo, Kaká e os Ronaldos brasileiros e a acompanhar com mais afinco o Campeonato Inglês - em especial, o Manchester United.

Com o passar do tempo, foi desenvolvendo um apreço maior por jogar futebol como hobby. “Eu me destacava no meio do pessoal jogando bola, e eu gostava, era muito prazeroso pra mim, sempre foi”, relembrou.

“[No ensino médio], eu tinha um professor que era preparador físico do Maranguape Esporte Clube. Aí, eu pensei: ‘valha, que massa! Vou lá ver se eles trabalham com o futebol feminino’”, falou, com empolgação.

Só que isso não agradava a mãe de Cida, que insistia na importância dos estudos na vida da filha. “Eu falei pra minha mãe e ela jogou um balde de água fria no meu sonho (risos). Eu lembro que ela disse: ‘você tem que estudar’, aí eu entrei em desespero (risos)”.

A desigualdade de gênero que insistiu em tentar separar as mulheres de qualquer parte do futebol persistiu durante muitos anos e ainda busca vir à tona todos os dias, das mais diversas formas. Isso se reflete nos mais diversos âmbitos do esporte, desde a própria prática enquanto atleta até os cargos mais altos na área, que ainda têm uma escassez de profissionais do sexo feminino.

Questões relacionadas às diferenças salariais, à dúvida sobre a orientação sexual e à capacidade que as mulheres que se envolvem amadora ou profissionalmente com o futebol não são recentes e não tendem a acabar de um dia para o outro. Por isso, se curvar diante dessas dificuldades não é uma opção.

Da prática à sala de aula

A situação começou a mudar de rumo quando a atual coordenadora de futebol da FCF perdeu a mãe, aos 16 anos. “Quando perdi a minha mãe, eu pensei em seguir por outro lado, porque não dava pra escolher esse caminho (de jogadora). Eu teria que fazer muitas coisas pra chegar no nível de outras meninas e acabei desistindo”, relembrou, com pesar.

Apesar do momento difícil, Cida teve que amadurecer rápido e seguir adiante. “Com essa idade, eu tinha responsabilidade de uma pessoa adulta, eu tinha que me virar pra estudar, pra trabalhar, pra tudo”, afirmou. “[Nessa época], senti que deveria investir meus es-

forços no meu desenvolvimento pessoal e profissional”.

Depois da turbulência, ela voltou a olhar para o futebol, mas não pensando na carreira de jogadora. Novas portas no esporte foram se abrindo para um universo, até então, novo na caminhada de Cida. Quando terminou o ensino médio, Cida ainda não conhecia o curso de Gestão Esportiva e estava decidida a estudar Ciências Sociais. **Assim que descobriu a gestão do esporte, não pensou duas vezes em tentar.**

“Pensei em estudar mesmo e graças a Deus consegui ter êxito nessa parte. Eu poderia ser uma pessoa frustrada porque eu não consegui [o que queria]? Poderia. Mas eu entendi que o melhor para minha vida, a partir daquele momento, seria estudar. Acho, inclusive, que consegui algo melhor”, disse.

Um espaço feminino?

Além de ter praticamente acabado de entrar no mercado de trabalho na época, o fato de ser mulher em um ambiente predominantemente masculino fazia com que ela tivesse de lutar mais por espaço. Mas, para ela, isso nunca foi um problema, mesmo tendo consciência de que tinha que trabalhar duas ou mais vezes mais que um homem para mostrar potencial.

“Se eu tenho que atingir uma meta, eu tenho que ser melhor sim, não vou chorar por isso. Tenho que dar duro. ‘O mercado não quer se abrir pra mim’, ‘o mercado não



Créditos: Pedro Chaves

aceita mulheres'. Não! Vai depender da minha forma de trabalho e do que eu me proponho a fazer para que eu chegue onde quero", acredita a jovem. Na prática, percebemos que existem outros desafios maiores em ambientes assim, como o silenciamento de vozes e demais problemas tão intrínsecos do machismo em locais de trabalho, mesmo que sejam velados.

Apesar do ambiente mais administrativo e reservado da federação, pude perceber, no breve momento em que aguardava o começo da entrevista, que o local conta com muitas funcionárias. Aproveitei para perguntar:

- Quando você chegou aqui, já tinha uma quantidade razoável de mulheres?

- Sim.

- E quais são os cargos que elas exercem?

- Aqui, a maioria das mulheres está em cargos de direção, de coordenação. A gente tem uma diretora financeira, uma de registros, uma gerente de comunicação. São três diretores e todo o resto [do quadro] é composto por mulheres. A gente até brinca com isso, dizendo que as mulheres tão mandando em tudo mesmo (risos). Rimos à beça disso, mas não encontramos isso em outras federações com muita frequência, principalmente em um ambiente como o futebol.

Realmente, o fato de terem muitas mulheres em cargos diretos ou, até mesmo, na gestão de federações de futebol não é muito comum. Baseado nas entrevistas feitas por telefone, a função mais ocupada por pessoas do sexo feminino nessas instituições eram de secretária, auxiliar administrativo, auxiliar financeiro, recepcionista, auxiliar de registro, e serviços gerais.

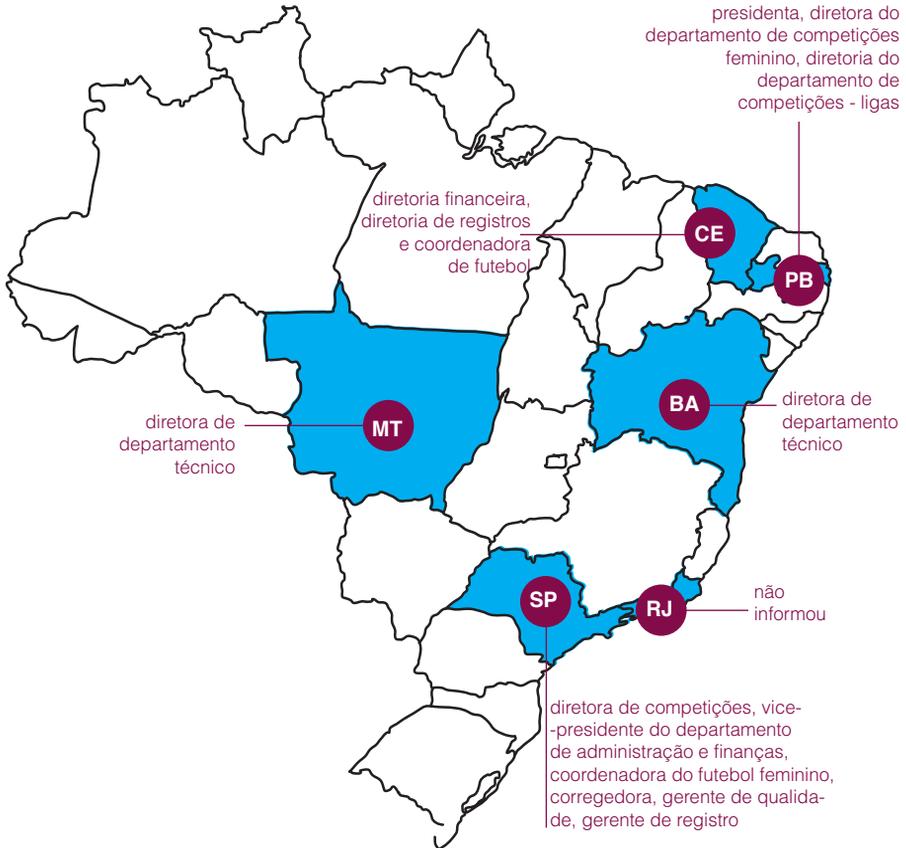
Na gestão, destaca-se que, das 27 federações de futebol do Brasil, apenas a paraibana possui uma presidente: Michelle Ramalho. Para além disso, outros cargos mencionados foram: diretora de departamento técnico (Bahia), diretora do departamento de competições feminino (Paraíba), diretoria do departamento de competições - ligas (Paraíba), diretora de competições (São Paulo), vice-presidente do departamento de administração e finanças (São Paulo), coordenadora do futebol feminino (São Paulo), corregedora, gerente de qualidade, gerente de registro (todas de São Paulo), e outras que fazem parte

dos conselhos de ética, fiscal e de atletas também da Federação Paulista.

INFOGRÁFICO

Mulheres dirigentes em federações de futebol

(Dados de 2018)



Sem medo das dificuldades

Com relação aos empecilhos cotidianos, Cida afirma tirar isso “de letra”. Por mais que, vez ou outra, pessoas do convívio a chamem de menina, devido à pouca idade - o que pode abrir margem para uma interpretação de inexperiência - ou a ser mulher, ela garante não ligar para esse tipo de situação.

“Se você for se estressar com tudo o que as pessoas disserem a seu respeito, você não cresce. Ou então você acaba sendo uma pessoa muito chata e que não é bem vista. Isso não faz muito parte do meu perfil. Eu procuro tirar no sarcasmo, na brincadeira”, opinou.

Respirando futebol desde muito nova, como ela mesma ressaltou durante vários momentos da entrevista, a gestora não dirige muita atenção ao machismo enfrentado na posição que ocupa. “Fui criada no meio de quatro homens. Eles sempre falaram comigo de igual para igual. Nunca dei muita atenção a isso [machismo]. As cabeças mais novas e a maioria das pessoas acaba vendo tanto seu esforço para conquistar um lugar num ambiente como o nosso, que elas acabam não dirigindo [o preconceito] diretamente, mas eu noto que existe”, afirmou.

Episódios de machismo ainda são muito comuns no meio esportivo em geral, especialmente no futebol. Com relação a gestoras, um caso



Corinthians 
@Corinthians

#RespeitaAsMinas #SemMiMiMi



Leila explica aditivos, diz que teve R\$ 80 milhões de prejuízo e avisa: 'Palmeiras já est...
lance.com.br

6:30 PM · 13 mai 18

454 Retweets 909 Curtidas

Créditos: Reprodução/Twitter

que teve bastante repercussão foi o tuíte do perfil oficial do Corinthians com a #RespeitaAsMinas - usada pelo próprio clube em campanha por mais respeito às mulheres no futebol - em uma notícia negativa com o nome da presidente da Crefisa, Leila Pereira.

Após uma série de críticas, inclusive por parte de corintianas, o clube se retratou, por meio de nota:

“O Sport Club Corinthians Paulista retirou do ar o tweet que utilizou a #RespeitaAsMinas devido à interpretação negativa que parte de sua torcida e de vários dos coletivos feministas com os quais se relacionou para construir a campanha. Em nenhum momento, o objetivo da postagem foi ofender ou diminuir a importância da luta pela igualdade entre homens e mulheres em qualquer contexto. Em respeito ao lugar de fala das mulheres que se manifestaram, o clube pede desculpas àqueles e àquelas que tenham se ofendido e reitera seu compromisso com essa luta, que é de todos”

Cida acredita que seu trabalho é importante para que outras meninas se interessem e enveredem pela área da gestão esportiva, da mesma forma que outras também “abriram uma brecha” para ela. Por isso, a gestora não deixa esse tipo de situação abalar suas vontades e ideais.



Da esquerda para a direita: Rayane Mendes, Leticia Alves, Cida, Arianny Kristinne, Camila Sousa, após a final do segundo turno do Campeonato Cearense de Futebol Feminino 2018. Créditos: Pedro Chaves/FCF

“A gente sofre, mas eu não abaixo minha cabeça, meu nariz segue empinado. Eu vou continuar com o meu trabalho, quem quiser ser uma pedra no meu sapato, não vai conseguir. Não é que eu seja feminista, mas querendo ou não, acaba que a gente se torna defensora dos direitos iguais. Estamos em um processo lento? Sim, mas não impossível”, afirmou.

Para ela, as dificuldades da inserção feminina na gestão esportiva são muito próximas aos problemas enfrentados em outras áreas do futebol. “É tanto que você olha pra esse mercado e encontra ainda pouquíssimas mulheres trabalhando, de uma forma geral”, pontuou, com base no conhecimento que possui do assunto.

Por meio das vivências, Cida entende que ainda **há muito o que caminhar nessa área**. Mesmo com os avanços - pessoais e coletivos -, a mão-de-obra qualificada (masculina e feminina) tem sido um dos fatores que ajudam a levar a gestão esportiva brasileira a outro patamar.

“A gente ainda tem muito a andar, mas acho que só a força do trabalho muda e consegue transformar realidades. Se, de repente, há 10 anos a gente não tinha uma realidade interessante, hoje a gente tem uma realidade massa em determinado setor, porque alguém fez alguma coisa pra que aquilo chegasse onde chegou. E, assim, a vida continua em evolução, a todo instante”, finalizou.

Epílogo

Karoline

Nasci em 1998, ano da 16ª edição do evento esportivo mais importante do planeta para mim. Obviamente, não tive a oportunidade de assistir em tempo real à Copa do Mundo da França - eu tinha entre quatro e cinco meses quando aconteceu. Mas o que me chamou a atenção, anos mais tarde, quando passei a gostar de futebol, foi justamente o fato de o Brasil ter perdido para a anfitriã na final, que conquistou seu primeiro título.

Felizmente, quatro anos depois, conseguimos o penta. Não tenho tantas recordações por causa da pouca idade - e dos jogos de madrugada do Mundial da Coreia e do Japão -, mas o que mais me marcou foi a imagem do capitão Cafu levantando a taça, tão clara na minha memória como poucas coisas da vida.

Coincidência ou não, minha paixão pelo futebol começou a ficar mais intensa também em uma Copa, a de 2010, na África do Sul. Aos 12 anos, assisti a todos os jogos possíveis quando fiquei de férias da escola e tive a primeira sensação amarga da minha vida de torcedora da seleção brasileira: a inesquecível queda nas quartas de final para a Holanda, de virada. A seleção holandesa conseguiu avançar até a final onde - ainda bem - perdeu para uma incrível Espanha, em um dos grandes jogos que eu já vi das Copas. Claro, meus dramas-alegrias com o futebol estavam apenas começando.

Chegando em momentos mais contemporâneos, desde o 3º semestre de faculdade, eu tinha em mente a vontade de fazer um trabalho de conclusão de curso sobre qualquer tema que envolvesse mulheres e esporte, tanto por eu ser mulher e apaixonada pelo universo esportivo, quanto pela relevância e importância de se dar visibilidade à presença feminina em ambientes ainda considerados essencialmente masculinos.

Em todos os anos de vivência nesse meio, primeiramente como torcedora e posteriormente como profissional, pude entender que ainda há muito o que se conquistar. Desde a simples desconfiança dos homens sobre as mulheres quanto a regras do futebol, do basquete, das lutas, até os questionamentos sobre a capacidade de uma

jornalista ou de uma dirigente na administração de qualquer área de um clube, o machismo é encontrado em rostos e atitudes que podem gerar a sensação de que o esporte não é um espaço pertencente às mulheres. E isso, como esse livro procurou demonstrar, não poderia ser menos verdadeiro.

Ao longo de todo o processo de apuração, surpreendi-me positivamente com os resultados alcançados pouco a pouco. É verdade que não consegui as informações “do dia para a noite”, mas foi mais rápido e menos difícil do que imaginei inicialmente. Por experiências prévias com clubes de futebol (até mesmo no próprio cotidiano de redação), pensei que o contato fosse ser dificultado, o que, conseqüentemente, viria a prejudicar o trabalho final.

Porém, estava enganada. Em clubes de maior expressão do futebol brasileiro, percebi profissionais solícitos em colaborar com a pesquisa. Por telefone, recebi muitos “boa sorte com o trabalho!”; por e-mail, outros “que temática interessante!”.

Quem me vê falar só maravilhas sobre esse processo pode até pensar: “mas não houve nenhum problema no meio do caminho?”. Claro que sim. Posso confirmar a máxima de que “nada na vida é fácil”, ainda mais por meio desta pesquisa. O tema deste livro-reportagem, surgido na primeira conversa (de corredor) com o Rafael, despertou-me bastante curiosidade e vontade de saber mais sobre.

Afinal, nos anos de universidade, tive a oportunidade de fazer trabalhos sobre colegas de profissão na área, sobre mulheres que torcem... Mas nunca havia parado para pensar naquelas que estão à frente de instituições e que, muitas vezes, não têm o devido reconhecimento.

Desde o começo, percebi que não existiam muitos estudos sobre o assunto. Nem mesmo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem os dados da quantidade de presidentas (pelo menos) dos clubes do Brasil. E foi aí que o trabalho “braçal” começou. Separei todos os clubes das primeiras divisões dos campeonatos estaduais, busquei contatos e chequei sites por informações extras.

Depois de coletados todos esses detalhes iniciais, fui estabelecendo os contatos. Alguns e-mails voltaram, outros telefones não existiam ou estavam errados, páginas no Facebook não eram atualizadas. Mas,

aos poucos, as primeiras respostas começaram a aparecer.

Depois de alguns meses buscando informações sobre o assunto, cheguei à primeira entrevista em profundidade, com a presidente do Atlético-CE, Maria Vieira. Depois, com Cida Ferreira, na Federação Cearense de Futebol. Por último, com Fátima Batista, do Fortaleza. Todas me fizeram ampliar minhas opiniões e pensamentos a respeito do assunto.

Mesmo nas dificuldades com as fontes naturalmente inalcançáveis, consegui exercitar a paciência e a melhor forma de abordá-las, algo com o qual talvez não tinha lidado ainda nos quatro anos de faculdade.

As mais de 300 ligações telefônicas, os mais de 100 e-mails enviados e as várias conversas encorpadas pelo WhatsApp e Messenger, além das visitas presenciais, construíram desde a base até o topo deste trabalho. O livro *Passa a bola pra elas* foi feito por mulheres, sobre mulheres, mas estará disponível para todos e todas que gostam de histórias (de futebol).

Beatriz

Por alguma razão que já não lembro mais - provavelmente só para completar time - coloquei meu nome em um interclasse da escola. No outro dia estava dentro da quadra correndo atrás da bola e sem ter a mínima ideia do que estava fazendo. Até hoje não sei de onde veio essa invenção (e coragem), mas é uma lembrança boa. Foi minha primeira e quase única partida da vida. Anos depois, tentei jogar mais uma vez (dessa vez de brincadeira, com umas amigas), e até balancei as redes com o gol mais desastrado que vi na vida. Mesmo assim, todo mundo comemorou e a sensação foi impagável.

Lembro de ter umas bolinhas pequenas, de frescobol e de plástico pela casa, mas não podia ficar chutando ou batendo, porque incomodava as pessoas. Também não podia jogar na rua. Talvez por isso nunca tenha desenvolvido essa habilidade com os pés. Flertei com o vôlei por um tempo, até cheguei a levar a sério, mas depois

tive outras prioridades e deixei de lado. Tive mais sucesso como espectadora.

O futebol sempre esteve no pano de fundo. Não lembro das comemorações e festas pela conquista do penta, mas lembro muito bem de ansiar pelo hexa desde que me entendo por gente, mesmo quando nem sabia direito o que isso significava. Da Copa da África do Sul, lembro dos ritmos, cores, sons, e principalmente de estar com outras meninas me arrumando para uma festa junina e acompanhando o jogo do Brasil pela TV de um celular - o que era uma super tecnologia na época - e claro, da derrota para Holanda.

Em 2014, fazia o terceiro ano do ensino médio, e negligenciei algumas tardes de estudo para vibrar pela seleção do Felipão, a qual eu defendia com todos os argumentos possíveis e tinha certeza que naquele ano o hexa viria. E em 2019, ano em que defendo este trabalho de conclusão de curso e termino minha graduação em Jornalismo, o mundo presencia a maior Copa do Mundo feminina.

Apesar dos olhos brilharem pelos Mundiais, foram os Brasileirões que me ganharam. Cresci ouvindo os comentários do meu pai sobre o Flamengo e principalmente, passando as tardes na casa dos meus padrinhos, onde aos domingos o meu padrinho vestia ritualisticamente a camisa do Robinho, sentava em frente a TV e dedicava sagrados 90 minutos a assistir o Santos jogar.

E foi acompanhando, mesmo de longe, os times brasileiros, que descobri que gostava mesmo desse mundo chamado futebol. Claro que sempre me questionavam sobre alguma regra ou a escalação completa de tal time, como se fosse um absurdo eu saber dessas informações.

Cheguei a anotar em um caderninho o nome de todos os jogadores do Santos, com peso, idade, altura... Tudo porque eu achava que tinha que ter resposta para tudo. Mas depois percebi que a gente quase nunca tem. Torcer é muito mais sobre sentir e se emocionar.

Na universidade, senti que tinha que procurar meu espaço e me descobrir no jornalismo. Achava que seria na moda - apesar de sair das aulas para ver os convidados da disciplina de jornalismo esportivo compartilhando experiências - mas estava errada.

Nas salas de aula da Universidade Federal do Ceará, ainda no

terceiro semestre de faculdade, ouvir a Wányffer Monteiro falar sobre as coberturas de futsal, dos ao vivos, das realizações, e quis isso para mim. Talvez a timidez e o medo de errar me impediram de aproveitar algumas oportunidades nesse meio, mas quando tive a chance de entrar no GloboEsporte.com, não pude deixar passar.

Foi uma das melhores escolhas que fiz na vida. Felizmente, também fui escolhida. Cresci como profissional, como pessoa e como jornalista esportiva. Aprendi com Thaís Jorge e outras tantas mulheres do meio, que não fogem da luta e me inspiram. E só tive mais certezas.

Com a chegada do Trabalho de Conclusão de Curso e a necessidade da escolha de um tema, o medo de me limitar como profissional me impediu de andar. Tentei temas relacionados a religião, feminicídio, que claro, são assuntos que tem a ver comigo, mas o problema é que não tinha entendido que não precisava criar a roda. Bastava parar e observar uma das coisas que mais amo na vida.

Então surgiu a Karol com uma multidão de dados coletados um a um, um trabalho bem feito e a proposta de construir o Passa a bola pra elas. Mais uma vez, não pude deixar passar. E sou só gratidão também por essa escolha.

Com essas mulheres aprendi sobre coragem, determinação e força. Algumas delas nem se conhecem, mas estão no mesmo time e agora ficarão eternizadas também nestas páginas.

O Passa a bola pra elas é também sobre chegar lá e ainda querer ir além. É sobre batalhas pessoais, mas também sobre conquistas coletivas. Como jornalista esportiva e mulher, sou duplamente grata às personagens, à Karol, pela parceria, e a você que leu. A sensação de entregar este livro a vocês é igual a do meu primeiro e único gol: impagável.



Referências bibliográficas

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CENTRALSUL. As donas da bola: as presidentes da dupla Rio-Nal. Disponível em: <http://centralsul.org/2014/as-donas-da-bola-as-presidentes-da-dupla-rio-nal/>. Acesso em maio de 2019.

DIBRADORAS. Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/03/colo-colo-se-torna-1o-clube-do-chile-a-incluir-cota-feminina-na-diretoria/>. Acesso em maio de 2019.

ESPN. Após o título, torcida do Fortaleza canta e pede a permanência de Rogério Ceni em 2019. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/4982831/apos-o-titulo-torcida-do-fortaleza-canta-e-pede-a-permanencia-de-rogerio-ceni-em-2019. Acesso em junho de 2019.

EXTRA. Flamengo apresenta instalações olímpicas e dá nome de Patricia Amorim à raia de nova piscina. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/flamengo/flamengo-apresenta-instalacoes-olimpicas-da-nome-de-patricia-amorim-raia-de-nova-piscina-19777674.html>. Acesso em março de 2019.

EXTRA. Patricia Amorim, ex-Flamengo, quebra silêncio de quatro anos: “Não quero nem ver o Ronaldinho Gaúcho”. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/extra-campo/patricia-amorim-ex-flamengo-quebra-silencio-de-quatro-anos-nao-quero-nem-ver-ronaldinho-gaucha-20794547.html>. Acesso em maio de 2018.

G1. Vítima na chacina do Benfica preparava festa de aniversário com torcedores, diz mãe. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/vitima-na-chacina-no-benfica-preparava-festa-de-aniversario-com-torcedores-diz-mae.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

G1. Justiça determina fim das três maiores torcidas organizadas no Ceará. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/justica-determina-fim-das-3-maiores-torcidas-organizadas-no-ceara.html>. Acesso em junho de

2019.

GAZETA ONLINE. Mulheres seguem em busca de igualdade no trabalho. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/economia/2017/04/mulheres-seguem-em-busca-da-igualdade-no-trabalho-1014050150.html>. Acesso em março de 2018.

GLOBOESPORTE.COM. Após extinção, Cearamor, TUF e JGT recorrem; MP-CE não crê em volta. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ce/futebol/noticia/2016/06/apos-extincao-cearamor-tuf-e-jgt-recorrem-mp-ce-nao-cre-em-volta.html>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. Flamengo e Ronaldinho chegam a acordo; clube vai pagar R\$ 17 milhões. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/02/flamengo-e-ronaldinho-chegam-acordo-clube-vai-pagar-r-17-milhoes.html>. Acesso em março de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. Futebol no Ceará e handebol no Fortaleza: o espaço das mulheres nos clubes de elite do estado. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ce/noticia/futebol-no-ceara-e-handebol-no-fortaleza-o-espaco-das-mulheres-nos-clubes-de-elite-do-estado.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. Justiça determina extinção de TUF, JGT e Cearamor após tumultos. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ce/futebol/noticia/2016/06/justica-determina-extincao-de-tuf-jgt-e-cearamor-apos-tumultos.html>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. Mulheres sem poder: participação feminina nas eleições dos clubes ainda é pequena. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pr/futebol/noticia/mulheres-sem-poder-participacao-feminina-nas-eleicoes-dos-clubes-ainda-e-pequena.ghtml>. Acesso em novembro de 2018.

GLOBOESPORTE.COM. Organizadas cadastraram menos da metade dos integrantes do MP-CE. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ce/noticia/2012/09/cearamor-e-tuf-cadastraram-menos-da-metade-dos-integrantes-no-mp.html>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. Perícia conclui que incêndio em ginásio do Flamengo foi acidental. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/2013/01/pericia-conclui-que-incendio-em-ginasio-do-flamengo-foi-acidental.html>. Acesso em março de 2019.

GOMES, Euza Maria de Paiva. A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
GOMES, Euza Maria de Paiva et al. As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas do Flamengo. *Podium Sport, Leisure and Tourism Review*, v.1(1), p. 151-173, 2012.

IBGE. Censo Demográfico Rio Grande do Sul 1970 - Resultados segundo as microrregiões e os municípios. IBGE, 1970. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t21_rs.pdf. Acesso em fevereiro de 2019.

LANCE. Leila Pereira é eleita conselheira do Palmeiras com votação recorde. Disponível em: <https://www.lance.com.br/palmeiras/leila-pereira-eleita-conselheira-com-votacao-recorde.html>. Acesso em outubro de 2018.

MARQUES, Raoni Oliveira. Guerreiras do Leão: gênero e torcidas organizadas. Monografia para conclusão do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.lajusufc.org/wp-content/uploads/2013/10/Guerreiras-do-le%C3%A3o-monografia-finalizada.pdf>. Acesso em junho de 2019.

MPF. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. Disponível em: <http://mpce.app-h.etic.ce.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/A%C3%87%C3%830-CIVIL-P%C3%9ABLICA-NUDTOR-EXTIN%C3%87%C3%830-DAS-TORCIDAS->

ORGANIZADAS-TUF-JGT-e-CEARAMOR.pdf. Acesso em junho de 2019.
O POVO. Ministério Público cobra extinção das torcidas organizadas.
Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/ministerio-publico-cobra-extincao-das-torcidas-organizadas-apos-chacin.html>. Acesso em junho de 2019.

O POVO. Morre torcedor do Fortaleza atropelado em passeata; clube lamenta em nota. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/morre-torcedor-do-fortaleza-atropelado-em-passeata-clube-lamenta-em-n.html>. Acesso em junho de 2019.

ORGANIZADAS BRASIL. Leões da TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza). Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/LEOES-DA-TUF-TORCIDA-UNIFORMIZADA-DO-FORTALEZA-298.html>. Acesso em junho de 2019.

PORTAL GAÚCHA ZH. Morre a primeira mulher presidente de clube no Brasil. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2010/03/morre-a-primeira-mulher-presidente-de-clube-no-brasil-2827670.html>. Acesso em março de 2018.

PORTAL IG. A partir de 2019, clube sem futebol feminino não irá para Liberta. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2017-01-26/exigencia-futebol-feminino.html>. Acesso em março de 2018.

SHAW, Sally; HOEBER, Larena. “A Strong Man Is Direct and a Direct Woman Is a Bitch”: Gendered Discourses and Their Influence on Employment Roles in Sport Organizations. *Journal of Sport Management*, v. 17(4), p. 347-375, 2003.

TRIBUNA DO CEARÁ. Primeira cearense presidente de um clube se destaca no futebol. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/futeboles/futebol-cearense/primeira-cearense-presidente-de-um-clube-se-destaca-no-futebol/>. Acesso em março de 2018.

UOL. Luta contra o destino: Leila Pereira, da Crefisa, não se arrepende de não ter tido filhos e diz: “Dinheiro traz muita felicidade”. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/entrevista-leila-pereira-da-crefisa.htm>. Acesso em maio de 2018.

Lista de entrevistados

André Ribeiro (repórter da Rádio Verdes Mares)
Aparecida Ferreira
Cezar Ângelo Bagatini (irmão de Jurema Bagatini Ramos)
Chagas Ferreira (mentor da Associação Menina Olímpica)
Christina Muniz (executiva de Administração e Planejamento do Grêmio-RS)
Clara Ferreira (superintendente do futebol feminino do Ceará)
Dorizelha Rocha (vice-presidenta do Vila Nova-GO)
Euza Maria de Paiva Gomes (pesquisadora e autora do livro “A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas”)
Fátima Batista
Felipe Zito (repórter do Globoesporte.com/sp)
Janir Júnior (chefe de reportagem de futebol no Globoesporte.com)
Maria Vieira
Rafaela Escalante (ex-presidenta do Plácido de Castro-AC)
Silvana Goellner (professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora das temáticas gênero, esporte e futebol feminino)
Sirlei Dalla Lana (ex-presidenta do Internacional de Santa Maria)
Sônia Andrade (vice-presidenta do Vasco-RJ)
Tatiana Roma (diretora da mulher do Náutico-PE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANA KAROLINE TAVARES PEREIRA
BEATRIZ LIMA DE CARVALHO

**PASSA A BOLA PRA ELAS: PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GESTÃO
DO FUTEBOL BRASILEIRO**

FORTALEZA - CE
2019

ANA KAROLINE TAVARES PEREIRA
BEATRIZ LIMA DE CARVALHO

**PASSA A BOLA PRA ELAS: PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GESTÃO DO FUTEBOL
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

FORTALEZA
2019

ANA KAROLINE TAVARES PEREIRA
BEATRIZ LIMA DE CARVALHO

PASSA A BOLA PRA ELAS: PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GESTÃO DO FUTEBOL
BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Rafael Rodrigues da Costa (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Ms. Kamila Bossato Fernandes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Allana Kerly Lima Alves
Bacharel em Jornalismo

Thaís Jorge de Freitas
Bacharel em Jornalismo

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas que se dispuseram a contribuir com a pesquisa de alguma forma, seja por meio de entrevistas diretas ou repassando contatos de outras fontes importantes. Sem dúvidas, a ajuda recebida em um dos momentos mais estressantes do trabalho foi bastante válida.

Ao nosso orientador, Rafael, que ajudou a dar à luz ao tema quando tudo ainda parecia enevoado, e encorajou a trazer mais volume de ideias, informações e detalhes ao trabalho. Sabemos o esforço que foi acompanhar o nosso trabalho e agradecemos pelo cuidado e paciência. Suas palavras de apoio nos deram segurança para seguir até aqui.

Às jornalistas Thaís Jorge e Allana Alves, bem como à mestre Kamila Fernandes, por aceitarem ouvir a história primeiro.

Aos intermediários dos 102 clubes e às 26 federações de futebol do Brasil que responderam de alguma forma, negativa ou positivamente, às perguntas iniciais; aos colegas assessores que facilitaram a tentativa de entrar em contato com as dirigentes.

À memória de Jurema Bagatini, à Sirlei Dalla Lana, Sônia Andrade, Christina Muniz, Tatiana Roma, Dorizelha Rocha e Rafaela Escalante e à todas as mulheres que aceitaram conversar conosco, tendo entrado ou não no trabalho final, com boas histórias, para compor o perfil das dirigentes brasileiras.

Às Marias, Vieira, de Fátima e Aparecida. Nordestinas, incansáveis e determinadas, essas três mulheres, escolhidas para os capítulos em profundidade representam muito do que tínhamos em mente sobre aquelas que lutam diariamente por espaço em um ambiente machista, seja ele qual for.

Beatriz

Este livro encerra um dos capítulos mais importantes da minha vida: a graduação. Os quatro anos na universidade foram de muitas alegrias, tristezas, realizações, e sem dúvidas, de muito crescimento. Mas eles só foram possíveis graças a muitas pessoas.

Devo agradecer primeiro a Deus, que sempre foi bom comigo, me presenteou com grandes oportunidades, concedeu a força e coragem pedida em cada oração e me cercou de pessoas maravilhosas, que foram essenciais nesta caminhada.

Aos meus pais, Eliene e Rogério, que me incentivaram e investiram na minha educação, e em especial a minha mãe, uma das pessoas mais generosas que conheço na vida. Por todo o esforço investido na minha criação, por cada conselho dado ao longo desses 21 anos, pelas palavras de alento quando as coisas pareciam difíceis e por nunca me deixar desistir de nada na vida. Os maiores ensinamentos foram seus.

Fui criada também por outras grandes mulheres, que tem parte nesta vitória. À Vovó Afonsina, que entendeu minhas ausências durante esses anos de graduação, que me ajudou como pôde e que há muitos anos me presenteou com meus primeiros livrinhos de Clássicos. Agora é minha vez de entregar o presente. À minha tia Elenice e à minha prima Gardene, que sempre estiveram comigo desde os primeiros passos. Ao menininho Arthur, que desperta a criança implicante dentro de mim e que me ensina tanto sobre amor e inocência só com o olhar. E aos demais familiares pelo apoio, entusiasmo e incentivo.

À Karol, minha parceira de projeto, de jornalismo esportivo e de vida. Não poderia ter tido uma dupla melhor. A amizade construída nos primeiros semestres que só evoluiu com o tempo. Obrigada por trazer sua objetividade e sagacidade para a minha vida e pela conversas despreziosas sobre qualquer assunto. Agradeço também pela confiança e espero que nossa parceria não pare aqui. Sua contribuição na minha vida é, agora ainda mais, eterna.

Àqueles com quem criei fortes laços durante a convivência nestes quatro anos. Fabrício, Lorena, Sâmia, Heloísa, Grasy, Isabela e Ester sem vocês as tardes na faculdade não teriam tanta graça, os obstáculos superados, seriam ainda maiores e as vitórias teriam um sabor diferente. Vocês são alegria e tenho sorte de ter cada um.

À Suzana Mesquita, que conheci fazendo dobraduras de papel nas aulas de sociologia e se tornou minha pessoa inseparável. Sou grata por me acolher como família, por ter sempre as palavras certas, por sempre estar ao meu lado e por dividir comigo tristezas, alegrias, sortes de tarô e tardes vendo De repente 30. Você é sem dúvidas um dos maiores presentes da UFC.

Aos amigos que tornaram a vida em Fortaleza mais prazerosa, me lembravam a importância de desopilar de vez em quando e nunca me deixaram perder o sotaque puxado no “d” por completo. À Isabelly, Thierry, Michel e Reijane. Em especial essa última, a qual não tenho palavras suficientes para descrever o quanto já fez por mim. Obrigada pelos quase cinco anos de paciência, principalmente, quando esqueço as coisas em cima da cama e você quer dormir, pelo cuidado e pelos abraços. Você é uma irmã.

À Universidade Federal do Ceará, que foi minha base e casa durante estes anos, e aos muitos projetos onde aprendi tanto sobre jornalismo e sobre ser uma pessoa melhor. Obrigada à Liga Experimental de Comunicação e ao Programa de Educação Tutorial (PETCom), pelas experiências valiosas. A cada mestre por cada lição.

Aos muitos amigos-família com os quais sempre pude contar. Cristiano Rocha, Lúcia Viana, Eusilea, Nenê, Glauciene, Tainá, Herlândio, Marcos, Salete, Samuel, Marcos Vitor, Tales Matheus, Jayane e Clara.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos profissionais que tanto me ensinaram nesta caminhada. À editoria de esporte do Sistema Verdes Mares, onde recebi muitas oportunidades e aprendi com os melhores. E sou especialmente grata à equipe do GloboEsporte.com que me acolheu em 2017, quando ainda vivíamos na salinha de vidro. Obrigada Roberto Leite pela confiança depositada em mim. Obrigada Juscelino Filho e Thaís Jorge por acompanharem cada passo, pelo estímulo diário, pela evolução, por celebrar minhas pequenas vitórias, pelas risadas e pela amizade que construímos. Vocês são gigantes e sou feliz por ter contado com pessoas tão boas em um meio tão competitivo.

Sou abençoada por ter encontrado tanta gente generosa, sincera e acolhedora neste caminho. Namastê!

Karoline

Foram embora quatro anos e meio de muito aprendizado e vivências das mais diversas, mas também de desgastes, como acontece em qualquer processo de desenvolvimento de uma faceta do ser humano. Algumas pessoas, sejam muito próximas ou nem tanto, surgiram nesse período para ensinar e agregar à minha trajetória, com conhecimentos técnicos e (ainda melhor) com ricas histórias construídas na vida.

Primeiramente, agradecer a Deus por cada oportunidade concedida e cada momento de convivência com grandes pessoas, que me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus pais, Cristina e Edilson, que desde muito cedo me ofereceram suporte para que eu me tornasse alguém com muita vontade de aprender e ser melhor. Acompanhar minha mãe em aulas desde os cinco anos de idade, mesmo em momentos de muita dificuldade, foi muito importante nesse processo. As palavras de apoio quando as coisas não estavam bem e os incentivos quando o retorno era positivo jamais serão esquecidos.

À memória dos meus avós maternos, Flávio e Auristela, que por pouco não poderão marcar presença no dia da defesa e da tão sonhada colação de grau. Certamente, juntos com meu primo Everton, irão desfrutar destes momentos lindos onde quer que estejam.

Agradecer também à Beatriz, que chegou nos acréscimos do segundo tempo para somar ao projeto. Ajuda que veio de forma leve. Entre risadas, novas lições de escrita e de modos de observar a vida. Pelos anos da amizade que só cresceu ao longo do tempo de curso e pelo apoio nesses últimos meses de produção, o meu mais sincero agradecimento.

Aos amigos Ester, Fabrício, Grasielly, Heloísa, Isabela, Sâmia e Suzana pelas risadas e muitos momentos de descontração durante a graduação. Da relação construída em partidas de UNO antes das aulas do primeiro semestre às conversas sobre jornalismo, mercado de trabalho e outros assuntos de jovens adultos. Especialmente à Suzana, que compartilha comigo histórias há exatos 16 anos, da alfabetização até hoje.

À Universidade Federal do Ceará, por ter se tornado lar durante quatro intensos anos. Por cada laço construído e cada aprendizado sobre a profissão que escolhi. Por cada projeto que abracei com muito amor (especialmente a LIGA Experimental de Comunicação e a Simulação da Organização das Nações Unidas - SONU) e que mostram que ensino, pesquisa e extensão, juntos, são fundamentais no crescimento dos alunos.

Os agradecimentos também se estendem a cada profissional que marcou o começo da minha trajetória no mercado. À minha primeira chefe, Juliana, que, além de me ensinar o trivial para o dia a dia, deu liberdade para que minhas ideias tomassem conta do local de trabalho, a partir de pautas pensadas com muito carinho. Essa preparação foi fundamental para dar mais confiança a mim mesma e serviram de base para as experiências que vieram a seguir.

Aos meus atuais chefes, Marília e Germano, que me acolheram da melhor forma no retorno à redação. Que me guiaram em uma situação completamente nova e que tornam os momentos entre as (pesadas) pautas diárias mais divertidos. Certamente, cada aprendizado nessa passagem por redação são essenciais para a minha formação enquanto profissional.

À oportunidade que me foi concedida de passar algumas semanas trabalhando diretamente com o Esporte do Sistema Verdes Mares, editoria pela qual tenho um apreço especial e para cuja temática deste trabalho está voltada. E aos amigos e colegas de redação que participaram de todo o processo nos últimos dois anos.

Aos meus antigos professores, especialmente os de português e redação, por cada “puxão de orelha” que me fizeram aprender. Muitas vezes, ganhamos mais com os erros do que com os próprios acertos. E isso me ajudou a seguir.

À Karine, Dídio, Erick, Rômulo e Saulo, que, na bancada do programa 5 Toques, da Rádio Universitária, participaram do meu desenvolvimento no rádio e também ajudaram na caminhada profissional, sem esquecer das rivalidades nas paixões esportivas. Os agradecimentos são dirigidos, da mesma forma e intensidade, ao Futebol por Elas e ao Torcedores.com, os quais me auxiliaram a aperfeiçoar a arte da escrita.

Com certeza, pelo menos uma pequena parte do resultado deste projeto não teria sido da maneira que foi sem todos que se encontraram comigo nesses breves e enriquecedores anos de graduação. Gratidão sempre!

RESUMO

A trajetória da mulher no futebol, assim como em outros setores da sociedade, é marcada pela luta por conquista de espaço. Quanto maior o protagonismo que essas mulheres buscam, mais árduo é o caminho. Ao longo dos anos, a parcela de pessoas do sexo feminino que ascenderam a altos cargos de gestão dentro dos clubes de futebol é mínima, em comparação a outras funções menos valorizadas nessas instituições. O livro-reportagem **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro** tem o objetivo de trazer parte da história das cartolas e outras mulheres que compõem o topo do principal esporte do país, desde as pioneiras, que abriram caminho para as que vieram posteriormente, até a quantidade e os cargos que essas profissionais ocupam nos clubes, a nível nacional. O trabalho teve também o desafio de entender quais dificuldades as gestoras enfrentam diariamente, seja na vida profissional ou na vida pessoal. O presente relatório mostra o processo de desenvolvimento do tema principal, as decisões editoriais para texto e projeto gráfico e as formas de apuração, entre outros tópicos. Por meio do **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro**, as autoras pretendem tornar a temática mais presente nas discussões sobre igualdade de gênero no esporte.

Palavras-chave: Mulheres; Futebol; Dirigentes; Brasil; Igualdade.

ABSTRACT

The trajectory of women in football, as in other sectors of society, is marked by the struggle for space. The greater the protagonism that these women seek, the more arduous the path. Over the years, the share of female people who have risen to high management positions within football clubs is minimal, compared to other less valued roles in these institutions. The book **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro** has the goal of bringing part of the history of forewomen and other women who make up the top of the country's main sport, from the pioneers, who have paved the way for those who came later, to the quantity and the positions that these professionals occupy in the clubs, at national level. The work also had the challenge of understanding what difficulties managers face on a daily basis, whether in professional life or personal life. This report shows the development process of the main topic, the editorial decisions for text and graphic design and the forms of research, among other topics. **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro** intends to make the theme more present in the discussions on gender equality in sport.

Key-words: Women; Football; Forewomen; Brazil; Equality.

RESUMEN

La trayectoria de la mujer en el fútbol, así como en otros sectores de la sociedad, está marcada por la lucha por conquista de espacio. Cuanto mayor es el protagonismo que estas mujeres buscan, más arduo es el camino. A lo largo de los años, la proporción de personas femeninas que han ascendido a altos cargos de gestión dentro de los clubes de fútbol es mínima, en comparación con otras funciones menos valoradas en esas instituciones. El libro **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro** tiene el objetivo de traer parte de la historia de las líderes y otras mujeres que componen la cima del principal deporte del país, desde las pioneras, que abrieron camino para las que han venido posteriormente, hasta la cantidad y los cargos que esas profesionales ocupan en los clubes a nivel nacional. El trabajo tuvo también el desafío de entender qué dificultades las gestoras enfrentan diariamente, tanto en la vida profesional o en la vida personal. El presente informe muestra el proceso de desarrollo del tema principal, las decisiones editoriales para texto y diseño gráfico y las formas de escrutado, entre otros tópicos. Por medio de **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro**, las autoras pretenden hacer la temática más presente en las discusiones sobre igualdad de género en el deporte.

Palavras-chave: Mujeres; Fútbol; Líderes; Brasil; Igualdad.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Capa do produto.....	31
Figura 2 - Iconografia aplicada na página (linhas e destaque)	32
Figuras 3 e 4 - Abertura de capítulo	33
Figura 5 - Páginas especiais	34
Figuras 6 e 7 - Infográficos	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Empoderamento Feminino.....	14
1.2 Igualdade de gênero e futebol.....	16
1.3 Justificativa.....	16
2. OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo geral.....	17
2.2 Objetivos específicos.....	17
3. SUPORTE ADOTADO	18
4. ESTRUTURA DO PRODUTO	21
4.1 Pauta (produção).....	21
4.2 Apuração.....	23
4.3 Pré-entrevistas.....	26
4.4 Entrevistas.....	27
4.5 Título do livro.....	28
4.6 Nomes dos capítulos.....	28
5. PROJETO GRÁFICO	31
5.1 Capa.....	31
5.1 Iconografia.....	32
5.2 Páginas de abertura.....	32
5.3 Infográficos.....	34

6. CONCLUSÃO.....	36
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
8. ANEXO I - LISTA DE ENTREVISTADOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O futebol é assunto de jornal, de boteco, de roda de amigos e se faz cotidiano na vida do brasileiro. Histórica, essa relação entre futebol e Brasil se expressa de muitas maneiras, seja no lazer, na aquisição de um ingresso para partida ou da camisa do time do coração. O futebol representa comportamento, linguagem e interesses de muitas pessoas, independente de faixa etária ou classe (SANTOS, 2005).

Esse amplo assunto vem sendo estudado durante o passar dos anos sob as mais diversas óticas, mas ainda caminha a passos curtos nas discussões sobre gênero. O presente trabalho se propõe a explorar temas como liderança e gênero no futebol, assuntos de pesquisa que em conjunto, são pouco explorados no Brasil e no mundo.

1.1 Empoderamento feminino

O empoderamento se dá no aumento do poder e controle sobre as decisões e problemáticas que determinam a vida do sujeito. O empoderamento feminino é uma consciência coletiva, que se entrecruza com as dimensões de gênero, raça/etnia, classe, cultura, história. Ela é expressada por ações que implicam na defesa das especificidades das mulheres, da luta pela igualdade com os homens no acesso a direitos e a espaços e no desaparecimento dos mecanismos de poder patriarcais (OLIVEIRA, 2013).

Historicamente, as mulheres são cerceadas em diversos setores de sua vida, seja no trabalho, em casa ou na sociedade em geral. A naturalização das normas ligadas aos “papéis” masculinos e femininos se instaurou intimamente nas concepções tradicionais, e ainda atuais, de gênero. Para Cortez e Souza (2008), o gênero é entendido como um componente que, na nossa sociedade, implica “hierarquização dos sexos”: de um lado temos o homem forte, racional e ativo, que representa o poder, e uma mulher sensível, emotiva e passiva, com mínimo de potência. Segundo Pinto e Braga (2015):

O patriarcado sustenta seu discurso machista por meio de diversos aparelhos ideológicos, sendo salutar observar que a Escola, a Igreja e o Estado são os principais mecanismos que efetivam esta cultura misógina, pois estas instituições estão radicadas

na estrutura do sistema ideológico supracitado. Desta forma, a imposição do masculino sobre o feminino difunde-se em nossa sociedade e passa despercebida pelos nossos olhos. (PINTO e BRAGA, 2015)

Apesar da força da estrutura patriarcal presente na sociedade, há o crescente aumento de movimentos que visam ao desaparecimento dessa estrutura de poder fundada na opressão das mulheres. Esses movimentos prezam pelas mudanças sociais, de mentalidades, crenças, usos e costumes.

Apesar de ser um aspecto marcante em nossa cultura, essa dicotomia rígida [homem detentor do poder e mulher frágil] vem sofrendo, ao longo dos anos, uma série de abalos, decorrentes principalmente dos avanços das conquistas femininas relativas à inserção da mulher em espaços considerados “masculinos”. Essas conquistas permitem à mulher, categoria submetida a processos de exclusão pelo grupo dominante masculino, ferramentas para se empoderarem e conseguirem lutar por maior autonomia. (CORTEZ E SOUZA, 2008)

A Organização das Nações Unidas lançou em 2010, os princípios de empoderamento das mulheres, a fim de pôr em prática seus propósitos para um mundo melhor. São eles:

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

1.2 Igualdade de gênero e futebol

Gênero é a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. O termo se diferencia do sexo por não se tratar de algo determinado pela natureza, de características anatômicas. Tem relação com construções sociais e culturais que envolve processos, vivências e identidade desenvolvidas ao longo da vida (GOMES, 2012).

O ambiente esportivo foi, ao longo da história, tido como espaço masculino. Durante a era Getúlio Vargas, as mulheres foram proibidas de jogar futebol e outros esporte considerados masculinos, por um decreto que durou quase 40 anos no Brasil. Mesmo assim, as jogadoras insistiam em praticar o esporte. Essa determinação tem reflexos negativos no esporte até hoje, quando se fala em desenvolvimento, visibilidade e salários.

Apesar dos obstáculos, cada vez mais mulheres têm conquistado seus espaços em esportes predominantemente masculinos, mas ainda enfrentam dificuldades relacionadas a oportunidades, patrocínios e desigualdade de salários. Contudo, elas vêm participando de feitos históricos e tomando o protagonismo para si, como com Marta, seis vezes melhor do mundo eleita pela FIFA e maior artilheira de Copas do Mundo.

1.3 Justificativa

O livro-reportagem “Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro” surge no mundo acadêmico e editorial para suprir uma lacuna. Ele vem apresentar dados e informações inéditos e atualizados sobre o número de mulheres em cargos de gestão nos clubes brasileiros, bem como contar a história dessas personagens que não são tradicionalmente ouvidas como são neste produto de profundidade.

A importância de uma obra sobre este tema é, acima de tudo, trazer à tona o debate sobre a presença (ou ausência dela) de mulheres nos cargos de comando mais importantes dentro dos clubes de futebol no país, em um esporte que ainda é um dos mais machistas.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

A produção do **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro** tem como objetivo principal viabilizar o conhecimento sobre a atuação de mulheres em cargos de presidência ou gestão nos estados brasileiros, em especial no Ceará, e a representatividade deste público neste setor.

2.2 Específicos

- Fomentar a discussão acerca da representatividade feminina no futebol e nos cargos de diretoria de times esportivos
- Contar histórias de mulheres que alcançaram êxito na busca por uma carreira na área da gestão esportiva
- Trazer dados e estatísticas inéditas sobre a participação feminina nas diretorias e comissões dos clubes de futebol do Brasil
- Resgatar a história de mulheres pioneiras na presidência/cargos de chefia de times brasileiros
- Incrementar a discussão sobre o machismo no futebol, com um olhar sobre um tema geral (a inserção das mulheres em altos cargos de clubes) que não é tão discutido em debates que envolvem gênero e esporte

3 SUPORTE ADOTADO

O jornalismo é uma atividade profissional cujo objetivo mais prático é o de coletar e filtrar informações que serão repassadas ao público por meio de uma plataforma determinada. Segundo SOUSA, J (2008), os fenômenos jornalísticos datam da Antiguidade, quando são chamados por ele de “pré-jornalísticos”. Foi nesse período que as pessoas começaram a contar histórias e a repassar informações, por necessidade.

O autor afirma que, mais precisamente entre os séculos IX e VIII a.C., a Grécia começou a intensificar os estudos em áreas hoje bastante familiares ao jornalismo, incluindo a literatura:

A retórica, ligada à política e ao direito (vida nos tribunais), a literatura, a historiografia e os relatos geográficos e etnográficos foram, assim, alguns dos contributos dos antigos gregos para a fixação, muitos séculos depois, dos valores e formas de agir dos jornalistas, bem como para a definição dos formatos e dos conteúdos jornalísticos, ou seja, para a fixação das estruturas típicas das matérias jornalísticas e dos temas abordados pelo jornalismo. (SOUSA, J, p. 7, 2008)

Os cantos da *Ilíada*, de Homero, são apontados por Sousa como textos contendo os primórdios do *lead* (parágrafo inicial que contém as principais informações da notícia) e da pirâmide invertida (texto estruturado da informação mais para a menos importante).

O advento da escrita veio para documentar os relatos orais passados de geração para geração, ao longo da história. Posteriormente, com a técnica de impressão facilitada, as notícias passaram a ser publicadas em livros ou opúsculos, geralmente com uma grande quantidade de páginas.

Os livros noticiosos são, portanto, mais diversificados nos conteúdos e estilos do que as folhas volantes e outras publicações noticiosas ocasionais monotemáticas, agrupando quer notícias “sérias” e com valor histórico, quer notícias “populares” e “sensacionalistas”. Podemos considerar esses livros como uma espécie de anuário noticioso, com ambições simultaneamente historiográficas e jornalísticas, numa época em que as fronteiras entre jornalismo e historiografia não estavam definidas. Os livros noticiosos são, enfim, com

propriedade, relações periódicas de notícias de grande volume e extensão. (SOUSA, J, p. 73, 2008)

A literatura, por outro lado, não era relacionada à transmissão de informações da realidade. Silva (apud BULHÕES, 2007) indica que a linguagem é o principal objeto dos textos literários:

Dessa forma, sobre a relação da literatura e o compromisso com o real “pode-se afirmar que a literatura nem chega a representar a realidade, mas recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual”. (SILVA, apud BULHÕES, 2007, p.14)

Com o passar dos anos, os livros noticiosos foram aperfeiçoados e incorporados com mais frequência ao universo jornalístico. Conforme Rocha e Xavier (apud Neveu 2003), o *New Journalism* derrubou as barreiras entre jornalismo e literatura. WOLF (1975) explica qual o mote deste novo jornalismo:

A ideia era fornecer a descrição objetiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens. (ROCHA e XAVIER, apud WOLF, 1975, p.35)

O *New Journalism* tinha como preocupação a mudança de dois fatores em relação ao jornalismo tradicional: o tempo de apuração (que, antes, podia demorar dias ou meses) e a abordagem do contexto e dos personagens envolvidos na história (antes, mais superficial e que procurava tornar os dados mais importantes que os detalhes).

A partir disso, segundo Sousa, desenvolveu-se, entre outros gêneros, o jornalismo informativo de criação, que tende a valorizar mais a forma do que os dados apresentados em si.

Assim sendo, os livros-reportagem podem possuir características vindas de duas áreas diferentes de estudo: o jornalismo, por meio dos relatos dos fatos; e a literatura, que pode ser percebida não só por meio da linguagem, mas também do formato adotado no trabalho.

Levando esses aspectos em consideração, as autoras adotaram o livro-reportagem como suporte para o trabalho porque permite, de maneira leve, trazer informações apuradas ao longo

do processo produtivo (por meio de textos e infográficos), como também relatar a história de vida das personagens que se dispuseram a participar do projeto.

4 ESTRUTURA DO PRODUTO

A construção deste trabalho teve como base os princípios básicos do processo jornalístico. Após a definição do tema principal e dos objetivos, houve a elaboração da pauta. Nela, foram definidas as etapas da produção, quais e com quem seriam realizadas as pré-entrevistas, os critérios para selecionar as entrevistadas, o método de apuração e o que seria feito na pós-produção.

4.1 Pauta (produção)

Segundo NETO e BRITO (2010), o processo de produção de um livro-reportagem se dá da mesma forma que de uma grande reportagem, partindo da elaboração da pauta, apuração, redação e, por fim, a edição do material.

Em outras palavras, o jornalista deve encontrar um tema atrativo, relevante e extenso que justifique sua publicação; em seguida, elaborar um projeto, incluindo custos e planejamento gráfico. (NETO e BRITO, p. 5, 2010)

O primeiro passo para a elaboração da pauta deste trabalho foi a delimitação do tema, de abrangência nacional. A partir disso, algumas perguntas começaram a surgir: existem mulheres que ocupam a presidência de times de futebol no Brasil? Se sim, em quais? Quais são os cargos de gestão dentro de clubes de futebol? Quais destas funções possuem mulheres no comando? Quais outros cargos essas mulheres têm dentro destas instituições esportivas?

Para responder a estas e outras perguntas do senso comum, foi realizado um levantamento com todos os times que disputaram as Séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro em 2018 (130) e as 27 federações de futebol, além do Atlético-CE (antigo Uniclínic), que é presidido por uma mulher, mas não fazia parte de nenhuma das quatro divisões do futebol brasileiro no ano citado. As equipes foram distribuídas da seguinte forma:

- Região Norte: 18 times
 - Acre (3)
 - Amazonas (2)
 - Amapá (3)
 - Pará (4)
 - Rondônia (2)
 - Roraima (2)
 - Tocantins (2)
- Região Nordeste: 39 times
 - Alagoas (5)
 - Bahia (6)
 - Ceará (4)
 - Maranhão (4)
 - Paraíba (3)
 - Pernambuco (8)
 - Piauí (2)
 - Rio Grande do Norte (4)
 - Sergipe (3)
- Região Centro-Oeste: 14 times
 - Distrito Federal (2)
 - Goiás (6)
 - Mato Grosso (4)
 - Mato Grosso do Sul (2)
- Região Sudeste: 35 times
 - Espírito Santo (2)
 - Minas Gerais (9)
 - Rio de Janeiro (9)
 - São Paulo (15)
- Região Sul: 24 times

- Paraná (8)
- Rio Grande do Sul (8)
- Santa Catarina (8)

Além disso, ficou definido um capítulo histórico, que contaria a trajetória da primeira mulher presidenta de um clube de futebol no Brasil, Jurema Bagatini Ramos, baseado em registros e entrevistas com parentes, uma vez que ela faleceu em 2010. Outras mulheres que ocuparam o cargo máximo em equipes de futebol também seriam citadas neste capítulo.

Os outros capítulos seriam de perfis de dirigentes cearenses, escolhidas pela relevância que cada uma delas tem nas instituições onde trabalha, pela proximidade geográfica e facilidade no contato, em relação a gestoras de outros estados. Um último capítulo seria de comparação entre o futebol brasileiro e uma das cinco maiores ligas de futebol do mundo, a espanhola, no que diz respeito a mulheres que ocupem funções de gestão nos 20 clubes das primeiras divisões dos dois países.

4.2 Apuração

A pesquisa e captação de informações é o momento mais importante do jornalismo, segundo Lage. Para o autor (NETO e BRITO apud LAGE, 2003), é necessário compreender os dados baseado no nível de entendimento das informações obtidas.

Não é necessário apenas divulgar informações, mas, organizá-las de forma compreensível, ainda que não seja em narrativa linear (uma das possibilidades de angulação do livro-reportagem). (NETO e BRITO apud LAGE, 2003)

Dos 130 clubes contactados, houve 102 respostas; das 27 federações, apenas a Roraimense não tinha um contato telefônico ou de e-mail válido disponível. Em dois estados, não foram obtidas respostas: Espírito Santo e Mato Grosso do Sul, com duas equipes cada. Outros 26 times não deram retorno, ou por falta de contato ou porque não atenderam telefone/responderam e-mail:

- Alagoas: CSA e Murici
- Amapá: Macapá e Santos
- Amazonas: Nacional
- Distrito Federal: Brasiliense
- Espírito Santo: Atlético de Itapemirim e Espírito Santo
- Goiás: Itumbiara
- Maranhão: Cordino e Moto Club
- Mato Grosso: Dom Bosco
- Mato Grosso do Sul: Corumbaense e Novoperário
- Minas Gerais: Boa Esporte
- Pará: Independente e São Raimundo
- Pernambuco: Belo Jardim e Flamengo
- Piauí: 4 de Julho
- Rio Grande do Sul: São José
- Rondônia: Barcelona
- Roraima: Baré
- Santa Catarina: Brusque
- São Paulo: Bragantino e Mogi Mirim
- Sergipe: Sergipe
- Tocantins: Interporto

Ao longo de todo o processo, das equipes que responderam aos contatos iniciais, 18 possuíam mulheres em algum cargo de gestão, seja na presidência, vice-presidência, diretorias ou coordenadorias. Destes, apenas o Imperatriz-MA não informou quais dessas funções eram de pessoas do sexo feminino (possuem duas mulheres em cargos deste tipo).

- Presidentas: Atlético-CE, Plácido de Castro-AC e Tupi-MG
- Vice-presidentas: Corinthians-SP, Vasco-RJ e Vila Nova-GO

- Diretora de Patrimônio: Remo-PA
- Diretora Jurídica: Vila Nova-GO
- Diretoras Financeiras: Globo-RN e Salgueiro-PE
- Diretoras Executivas de Marketing: Sport-PE e Confiança-SE
- Diretora de Responsabilidade Social: Paysandu-PA
- Diretora da Diretoria da Mulher: Náutico-PE
- Executiva de Administração e Planejamento: Grêmio-RS
- Coordenadoras de Futebol Feminino: Ferroviária-SP e São Raimundo-RR
- Secretária-Geral: Fortaleza-CE
- Gerente de Gestão: Náutico-PE
- Gestora de Contratos: Globo-RN

No caso das federações, os cargos eram distribuídos da seguinte forma:

- Paraíba: presidenta, diretora do departamento de competições feminino, diretoria do departamento de competições - ligas
- Ceará: diretoria financeira, diretoria de registros e coordenadora de futebol
- Bahia: diretora de departamento técnico
- Mato Grosso: diretora administrativa
- São Paulo: diretora de competições, vice-presidente do departamento de administração e finanças, coordenadora do futebol feminino, corregedora, gerente de qualidade, gerente de registro

Durante os meses de tentativas de contato com os clubes de futebol escolhidos, aconteceram episódios curiosos. Uma das primeiras respostas recebidas por e-mail foi do Grêmio Anápolis: “Não é por machismo, rrsrrs, mas o Grêmio não tem nenhuma mulher na direção”.

Além disso, alguns contatos com clubes de estados distantes foram mais fáceis do que com os poucos times locais. As respostas de Palmeiras e São Paulo, por exemplo, chegaram imediatamente após as ligações e e-mails. Por outro lado, as assessorias de duas personagens

importantes do livro não responderam a cerca de quatro meses de tentativas de contato.

Além da coleta de dados quantitativos sobre as equipes de futebol pelo Brasil, foram realizados dois questionários, por meio do Google Forms. Um tinha o objetivo de analisar a avaliação dos torcedores do Flamengo sobre o mandato de três anos da ex-presidenta Patricia Amorim, com as seguintes perguntas: Quando começou a torcer para o Flamengo? / Você conhece Patricia Amorim? (Sim - Não - Talvez) / Como você avalia a gestão Patricia Amorim (2010-2012) (Ótima - Boa - Regular - Ruim - Péssima) / Justificativa da pergunta anterior / Quais as diferenças entre os mandatos de Patricia Amorim e Rodolfo Landim (atual presidente)? / Você é a favor do retorno de Patricia Amorim para alguma função no clube? / Você lembra da chegada de Ronaldinho Gaúcho ao Flamengo? (Sim - Não - Talvez) / Como foi sua emoção como torcedor?

Este formulário teve divulgação realizada por meio do Twitter, com a ajuda de jornalistas que cobrem a equipe carioca. Ao todo, foram coletadas 126 respostas, de homens e mulheres de diferentes faixas etárias e que começaram a acompanhar o Flamengo em momentos diferentes.

Aplicamos um questionário também para os torcedores do Palmeiras, para saber qual imagem eles têm da proximidade de Leila Pereira ao clube. As perguntas do formulário foram: Quando começou a torcer pelo Palmeiras? / Você conhece Leila Pereira? / Como você avalia a situação do clube antes e depois do patrocínio da Crefisa? Quais foram as principais mudanças? / Você apoiaria a candidatura de Leila para a presidência do Palmeiras? / Justifique a resposta da questão anterior. / Como você avalia a participação midiática de Leila Pereira?

Este segundo questionário teve menos respostas que o anterior (19), mas foi pertinente para os objetivos da pesquisa quanto à importância da figura da empresária para o alviverde paulista.

4.3 Pré-entrevistas

A partir do entendimento de quais eram os clubes com mulheres no comando em algum cargo, teve início o processo de pré-entrevista, para a posterior escolha das personagens do livro. Dentre as 33 mulheres, foram escolhidas sete para uma conversa iniciais. As escolhas foram

baseadas na relevância do cargo para o futebol do clube.

Com relação às perfiladas, também foram realizadas pré-entrevistas, para nortear as entrevistas em profundidade, que seriam feitas presencialmente. As respostas iniciais serviram para compor os principais tópicos a serem abordados em cada um dos capítulos.

Para essa parte do livro, foram escolhidas três mulheres: a presidenta do Atlético-CE, a secretária-geral do Fortaleza Esporte Clube e a coordenadora de futebol da Federação Cearense de Futebol (FCF).

4.4 Entrevistas

Segundo MEDINA (1986), as entrevistas se encaixam em dois grupos: aquelas que têm o objetivo de espetacularizar e outras em profundidade, voltadas à compreensão. No caso do aprofundamento, existem cinco tipos: entrevista conceitual, entrevista/enquete, entrevista investigativa, confrontação/polemização e perfil humanizado.

O presente trabalho utilizou este último tipo para as três entrevistas em profundidade realizadas. Sobre o perfil humanizado, a autora afirma:

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Essa é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, p.18, 1986)

Das seis pré-entrevistadas de outros lugares do Brasil, foram selecionadas cinco, cada uma representando uma região do país: a então presidente do Plácido de Castro-AC, do Norte; a diretora da Diretoria da Mulher do Náutico-PE, do Nordeste; a vice-presidenta do Vila Nova-GO, do Centro-Oeste; a vice-presidenta do Vasco-RJ, do Sudeste; e a executiva de planejamento e administração do Grêmio-RS, do Sul.

Já as entrevistas em profundidade foram realizadas nas respectivas sedes dos clubes e da federação. Com uma das entrevistadas, houve a oportunidade de conhecer a estrutura do Centro

de Treinamento; com as outras, foi possível conhecer alguns dos demais funcionários do local.

4.5 Título do livro

O nome do livro, “**Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro**”, traz uma referência direta ao futebol e, ao mesmo tempo, serve como metáfora para indicar que as mulheres estão preparadas e capacitadas para assumir papéis que antes não eram considerados adequados para elas, que poderiam abalar sua feminilidade. Este é o momento certo para que elas, se assim a desejarem, recebam “a bola”, a responsabilidade, a função que lhes cabe muito bem.

4.6 Nomes dos capítulos

O livro começa com uma crônica, intitulada “**A parte que nos cabe**”. O texto traz a história de Maria, que poderia ser qualquer mulher: os olhares diferentes, as dificuldades do cotidiano, a inferiorização. O nome foi pensado justamente no sentido de que, por muitos anos, cabiam às mulheres apenas funções e lugares pré-determinados pelos homens. Hoje, a parte que nos cabe é muito maior que isso, basta que lutemos e nos capacitemos para alcançá-la.

O primeiro capítulo, “**Pontapé inicial**”, traz a história de três mulheres que, de certa forma, iniciaram todo o caminho de dirigentes no futebol brasileiro. Começa com a história de **Jurema Bagatini Ramos**, a primeira presidenta de um clube de futebol no país, o Encantado, da cidade de mesmo nome, no interior do Rio Grande do Sul. Pelas memórias do irmão, Cezar Ângelo Bagatini, das folhas de documentos e recortes de jornal com matérias da época, a ex-mandatária foi a precursora da posição no Brasil. Em seguida, são também trazidas brevemente as trajetórias de **Sirlei Dalla Lana** e **Marlene Colla Matheus**, ex-presidentas do Internacional de Santa Maria, do município homônimo, também no Rio Grande do Sul, e do Corinthians, respectivamente.

O segundo capítulo, “**Mulheres no topo do futebol no Brasil**”, é dividido em três partes. Na primeira, com o nome “**A cartola é delas**”, as histórias de cinco gestoras, dos cinco cantos do Brasil, se entrelaçam em uma só. **Sônia Andrade**, vice-presidenta do Vasco-RJ, **Christina**

Muniz, Executiva de Planejamento e Administração do Grêmio-RS, **Tatiana Roma**, diretora da Diretoria da Mulher do Náutico-PE, **Dorizelha Rocha**, vice-presidenta do Vila Nova-GO e **Rafaela Escalante**, presidenta do Plácido de Castro-AC até 2018, têm em comum a paixão pelo esporte e a vontade de se manter em um lugar que também é delas por direito.

Em seguida, o capítulo dois apresenta uma “**Jornada de sorte e (muito) revés**”. **Patricia Amorim**, primeira e, até hoje, única presidenta da história do Flamengo, passou por uma fase muito turbulenta nos três anos de mandato que teve no clube, de 2010 a 2012. A partir do relato de jornalistas que cobriram a equipe na época, André Ribeiro e Janir Júnior, fizemos uma recapitulação da trajetória da polêmica gestão de Patricia, com os altos e baixos, além de trazer também a opinião de torcedores.

A última parte deste capítulo, intitulada “**De empreendedora visionária à provável cartola**”, traz o começo da relação de **Leila Pereira**, presidenta da Crefisa, com o Palmeiras, que tem a empresa de crédito pessoal como principal patrocinadora. Também sob a ótica de um setorista (Felipe Zito), traçamos a trajetória de Leila desde esse momento inicial até a possível candidatura à presidência, sucedendo o dirigente Maurício Galiotte.

“**Quando o acaso rege o destino**” é o terceiro capítulo. Conta a história de **Maria Vieira**, presidenta do atual Atlético Cearense. Na época da entrevista, quando o clube ainda era conhecido como Uniclinc, ela falou sobre sua história, desde os tempos de criança, quando ouvia futebol no rádio, até os desafios diários da função.

O quarto capítulo, intitulado “**Eco de paixão entre hinos e batuques das arquibancadas**”, traz a história de **Fátima Batista**, secretária-geral do Fortaleza e ex-presidenta da TUF, uma das principais torcidas organizadas do clube. A gestora fala sobre a infância, em que acompanhava jogos no Estádio Presidente Vargas, o momento em que foi convidada para o time amador de handebol do Tricolor e todo o amor que se desenvolveu pelo clube a partir de então.

No quinto e último capítulo, “**Paixão que vem de berço**”, **Cida Ferreira**, coordenadora de futebol da Federação Cearense, relata a trajetória profissional e o amor pelo futebol até a chegada ao atual cargo. Ressalta também a importância do futebol feminino e de uma maior visibilidade para a categoria.

Em uma versão prévia, havia um sexto capítulo, que trazia uma comparação da temática do livro entre o Brasil e a Espanha, uma das cinco maiores ligas de futebol do mundo. O texto trazia a análise de uma jornalista brasileira que trabalha naquele país e um breve histórico das antigas presidentas que passaram pelos clubes ao longo da história. Como uma decisão editorial, resolvemos removê-lo da edição final do livro.

5 PROJETO GRÁFICO

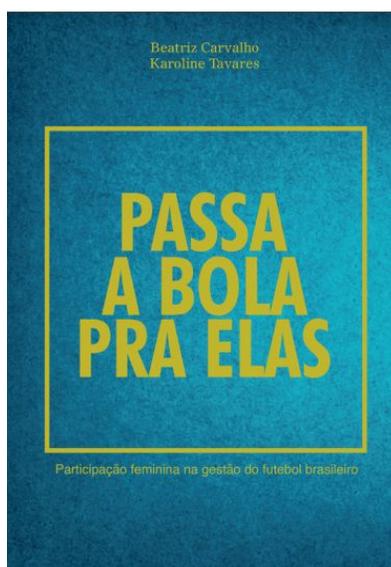
O projeto gráfico do livro foi inteiramente desenvolvido pelo jornalista Paulo Cardoso e se baseia no conceito de caixa de arquivos, que remetem aos documentos, velhos conhecidos das personagens e parceiro das autoras na construção deste produto. Por isso, foram escolhidos elementos específicos como recortes, mapas, clipes de papel e papéis.

5.1 Capa

No projeto foi priorizado o uso de três cores principais, além do preto e branco: o azul ciano, vinho marsala e amarelo brilhante. Essa escolha foi feita com base em um estudo das autoras do mercado editorial de livros sobre esportes. Buscando fugir das cores óbvias como o verde, montou-se essa paleta de cores. Na composição da capa foi escolhida a combinação do azul no fundo e do amarelo ouro no título.

No centro temos o nome da publicação em caixa alta e bold, e uma borda ao redor. Acima vêm os nomes das autoras e logo abaixo o subtítulo completa a composição. Optou-se por essa distribuição dos elementos para uma melhor harmonização com componentes.

Figura 1 - Capa do livro

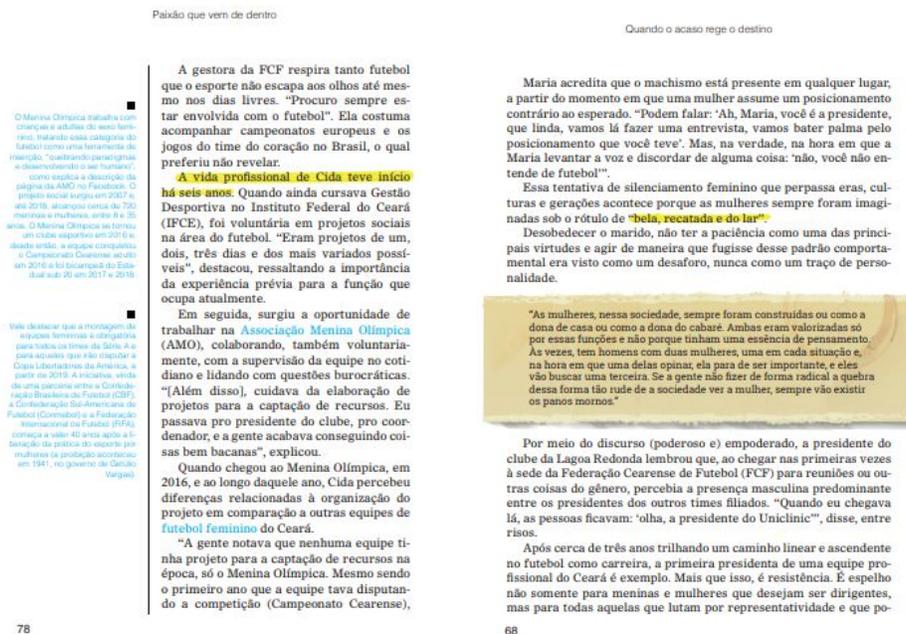


5.2 Iconografia e destaques

Além disso, as páginas de texto dão destaque a dados e frases marcantes. Algumas palavras e frases ainda estão marcadas de amarelo ao longo do texto a fim de tornar a página mais dinâmica e guiar a leitura.

As anotações laterais de página trazem curiosidades, dados adicionais, detalhes e fatores que não entraram no texto ou que ajudam na contextualização do leitor e a melhor compreender um termo ou história citada durante a leitura. O mesmo acontece com os prints de matérias apresentados ao longo do texto, que contribuem para o caráter noticioso e factual.

Figura 2 - Exemplo de iconografia aplicada na página (linhas e destaque)



5.3 Páginas de abertura e páginas especiais

A abertura de cada capítulo simula uma ficha de cadastro, constando o nome da personagem, idade, função e naturalidade. Consta também uma frase da personagem. A ideia é que o leitor fique imerso no tema também por meio do design do livro, que cria esse ideal de documento, informações confidenciais.

Na segunda abertura de capítulo, temos o título acompanhado de uma seta, que guia o

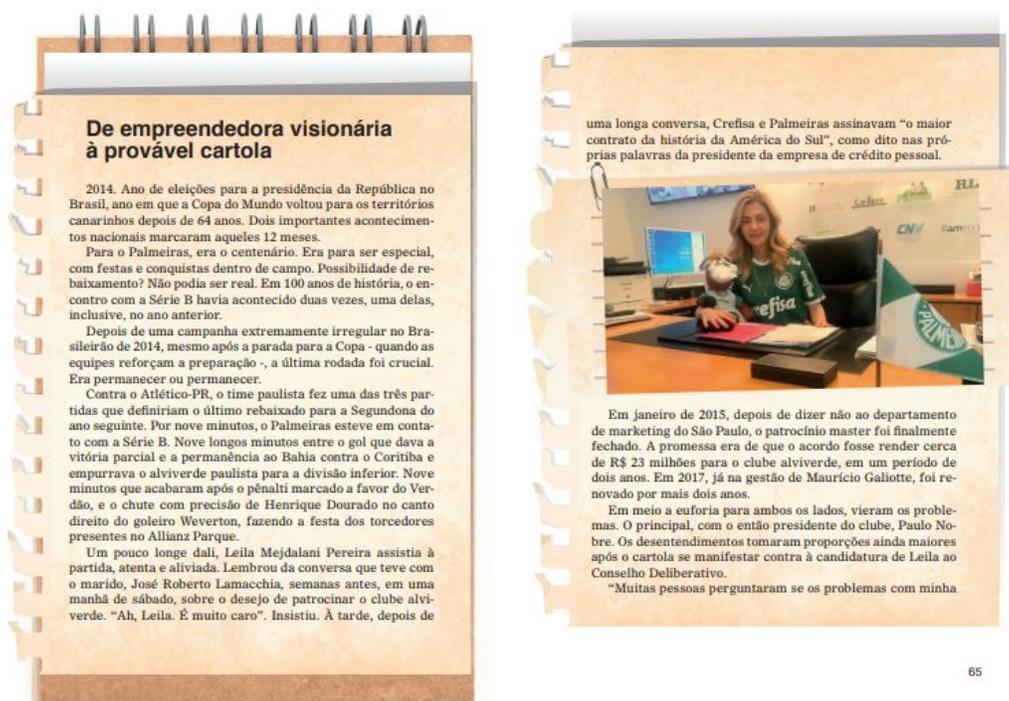
leitor para o início do texto.

Figuras 3 e 4 - Exemplos de páginas de abertura de capítulo



Trazemos também informações adicionais nas páginas especiais. Estas apresentam um design diferente das demais, com um fundo que lembra papéis, folhas de caderno e se destacam. A diferenciação é importante para deixar claro que essas páginas não continuam a narrativa principal, mas a complementam isoladamente.

Figura 5 - Exemplo de página especial



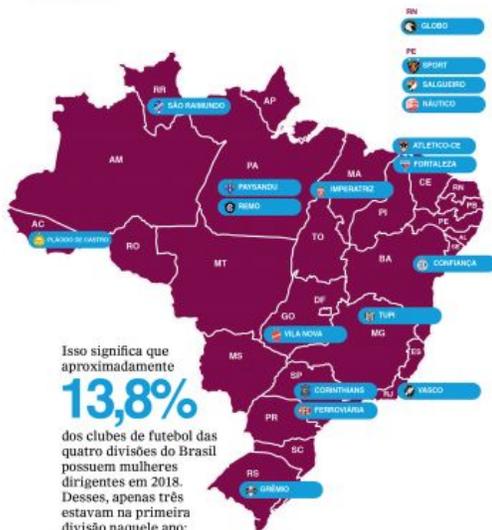
5.4 Infográficos

Entre os capítulos também encontram-se objetos de imersão, como infográficos, boxes, mapa e fotos que ajudam o leitor a se situar na história. Logo no início do livro, o leitor irá se deparar com dois infográficos que são fruto de uma grande pesquisa. No primeiro deles, pode-se observar quantas mulheres estão em cargos de gestão e em quais clubes. No segundo, é possível saber quais cargos são ocupados por elas. No capítulo 5 consta um terceiro infográfico, sobre a representatividade feminina nas Federações de Futebol brasileiras.

Figuras 6 e 7 - Exemplos de infográficos

Quantas e em quais clubes

Dos 130 times pesquisados, das Séries A a D do Campeonato Brasileiro de 2018 e o Atlético Cearense (que não participava de nenhuma das quatro divisões naquele ano), 18 contavam com mulheres em algum cargo da diretoria.



Isso significa que aproximadamente **13,8%** dos clubes de futebol das quatro divisões do Brasil possuem mulheres dirigentes em 2018. Desse, apenas três estavam na primeira divisão naquele ano: Corinthians, Vasco e Sport.

Desse total...

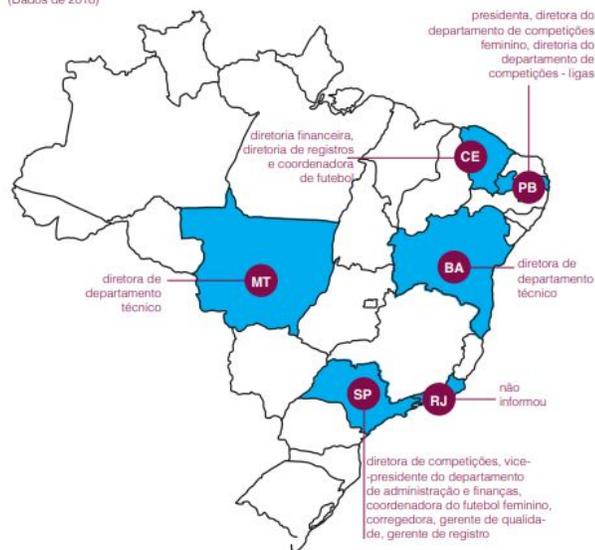


*Imperatriz-MA não informou quais cargos de gestão eram ocupados por mulheres

INFOGRÁFICO

Mulheres dirigentes em federações de futebol

(Dados de 2018)



6 CONCLUSÃO

Por meio de pesquisas quantitativas e entrevistas em profundidade, o livro **Passa a bola pra elas: participação feminina na gestão do futebol brasileiro** quis trazer com mais ênfase um tópico ainda pouco presente nas discussões de gênero no futebol. Com relatos fortes e que tentam mostrar a realidade do cotidiano dessas mulheres que lidam diretamente com tarefas de um esporte ainda considerado masculino, mesmo em 2019, pode-se entender quais os principais desafios de algumas dessas gestoras, seja quanto à vida pessoal ou à vida profissional, principalmente.

As conversas à distância, mesmo que dificultadas pelos quilômetros que separam entrevistadoras e entrevistadas, puderam ajudar a entender como é o dia a dia de mulheres de outras partes do Brasil, desde lugares com pouquíssima tradição no futebol, como o Acre, até as cidades que têm neste esporte um dos principais motores, como o Rio de Janeiro. Apesar das singularidades, as histórias puderam ser entrecruzadas a partir de vários pontos em comum entre elas.

Com as entrevistas presenciais, foi possível conhecermos a fundo três mulheres importantes para o crescimento do futebol cearense. Maria Vieira, Fátima Batista e Cida Ferreira são pontos de destaque não apenas por serem mulheres, mas pelo trabalho que conduziram e conduzem nos respectivos cargos nos clubes e na federação. Escutá-las e aprender um pouco com cada uma fez parte do processo enriquecedor de feitura do livro.

Assim, o **Passa a bola pra elas** é sobre mulheres que buscam e querem ser ouvidas e respeitadas pela profissão escolheram, como qualquer outra pessoa. É sobre mulheres que têm sonhos e paixões. Paixão pelo esporte, paixão pelo que se faz. Esperamos que o projeto não pare por aqui, porque ainda existem muitas outras histórias a serem contadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CENTRALSUL. **As donas da bola: as presidentes da dupla Rio-Nal.** Disponível em: <http://centralsul.org/2014/as-donas-da-bola-as-presidentes-da-dupla-rio-nal/>. Acesso em maio de 2019.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. **Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 2, n. 24, p.171-180, dez. 2008. Anual. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

DIBRADORAS. **Colo Colo se torna 1º clube do Chile a incluir cota feminina na diretoria.** Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/03/colo-colo-se-torna-1o-clube-do-chile-a-incluir-cota-feminina-na-diretoria/>. Acesso em maio de 2019.

ESPN. **Após o título, torcida do Fortaleza canta e pede a permanência de Rogério Ceni em 2019.** Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/4982831/apos-o-titulo-torcida-do-fortaleza-canta-e-pede-a-permanencia-de-rogerio-ceni-em-2019. Acesso em junho de 2019.

EXTRA. **Flamengo apresenta instalações olímpicas e dá nome de Patricia Amorim à raia de nova piscina.** Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/flamengo/flamengo-apresenta-instalacoes-olimpicas-da-nome-de-patricia-amorim-raia-de-nova-piscina-19777674.html>. Acesso em março de 2019.

EXTRA. **Patricia Amorim, ex-Flamengo, quebra silêncio de quatro anos: “Não quero nem ver o Ronaldinho Gaúcho”.** Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/extra-campo/patricia-amorim-ex-flamengo-quebra-silencio-de-quatro-anos-nao-querer-nem-ver-ronaldinho-gaucha-20794547.html>. Acesso em maio de 2018.

G1. **Vítima na chacina do Benfica preparava festa de aniversário com torcedores, diz mãe.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/vitima-na-chacina-no-benfica-preparava-festa-de-aniversario-com-torcedores-diz-mae.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

G1. **Justiça determina fim das três maiores torcidas organizadas no Ceará.** Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/justica-determina-fim-das-3-maiores-torcidas-organizadas-no-ceara.html>. Acesso em junho de 2019.

GAZETA ONLINE. **Mulheres seguem em busca de igualdade no trabalho.** Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/economia/2017/04/mulheres-seguem-em-busca-da-igualdade-no-trabalho-1014050150.html>. Acesso em março de 2018.

GLOBOESPORTE.COM. **Após extinção, Cearamor, TUF e JGT recorrem; MP-CE não crê em volta.** Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/ce/futebol/noticia/2016/06/apos-extincao-cearamor-tuf-e-jgt-recorrem-mp-ce-nao-cre-em-volta.html>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. **Flamengo e Ronaldinho chegam a acordo**; clube vai pagar R\$ 17 milhões. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/02/flamengo-e-ronaldinho-chegam-acordo-clube-vai-pagar-r-17-milhoes.html>. Acesso em março de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. **Futebol no Ceará e handebol no Fortaleza**: o espaço das mulheres nos clubes de elite do estado. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ce/noticia/futebol-no-ceara-e-handebol-no-fortaleza-o-espaco-das-mulheres-nos-clubes-de-elite-do-estado.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. **Justiça determina extinção de TUF, JGT e Cearamor após tumultos**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ce/futebol/noticia/2016/06/justica-determina-extincao-de-tuf-jgt-e-cearamor-apos-tumultos.html>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. **Mulheres sem poder**: participação feminina nas eleições dos clubes ainda é pequena. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pr/futebol/noticia/mulheres-sem-poder-participacao-feminina-nas-eleicoes-dos-clubes-ainda-e-pequena.ghtml>. Acesso em novembro de 2018.

GLOBOESPORTE.COM. **Organizadas cadastraram menos da metade dos integrantes do MP-CE**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ce/noticia/2012/09/cearamor-e-tuf-cadastraram-menos-da-metade-dos-integrantes-no-mp.html>. Acesso em junho de 2019.

GLOBOESPORTE.COM. **Perícia conclui que incêndio em ginásio do Flamengo foi acidental**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/2013/01/pericia-conclui-que-incendio-em-ginasio-do-flamengo-foi-acidental.html>. Acesso em março de 2019.

GOMES, Euza Maria de Paiva. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

GOMES, Euza Maria de Paiva. et al. **As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas do Flamengo**. Podium Sport, Leisure and Tourism Review, v. 1(1), p. 151-173, 2012.

GOMES, Euza Maria de Paiva; GOMES, Julio Cesar. **O caso da Confederação Brasileira de Ginástica**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3139/1/Rodrigo%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: julho de 2018.

IBGE. **Censo Demográfico Rio Grande do Sul 1970** - Resultados segundo as microrregiões e os municípios. IBGE, 1970. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t21_rs.pdf. Acesso em fevereiro de 2019.

LANCE. **Leila Pereira é eleita conselheira do Palmeiras com votação recorde.** Disponível em: <https://www.lance.com.br/palmeiras/leila-pereira-eleita-conselheira-com-votacao-recorde.html>. Acesso em outubro de 2018.

MARQUES, Raoni Oliveira. **Guerreiras do Leão: gênero e torcidas organizadas.** Monografia para conclusão do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.lajusufc.org/wp-content/uploads/2013/10/Guerreiras-do-le%C3%A3o-monografia-finalizada.pdf>. Acesso em junho de 2019.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Editora Ática, 1986. MPF. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. Disponível em: <http://mpce.app-h.etice.ce.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/A%C3%87%C3%83O-CIVIL-P%C3%9ABLICA-NUDTOR-EXTIN%C3%87%C3%83O-DAS-TORCIDAS-ORGANIZADAS-TUF-JGT-e-CEARAMOR.pdf>. Acesso em junho de 2019.

O POVO. **Ministério Público cobra extinção das torcidas organizadas.** Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/ministerio-publico-cobra-extincao-das-torcidas-organizadas-apos-chacin.html>. Acesso em junho de 2019.

O POVO. **Morre torcedor do Fortaleza atropelado em passeata; clube lamenta em nota.** Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/morre-torcedor-do-fortaleza-atropelado-em-passeata-clubelamenta-em-n.html>. Acesso em junho de 2019.

OLIVEIRA, Adriana Lucinda de. **A Trajetória De Empoderamento De Mulheres Na Economia Solidária.** Gênero, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p.1-14, 2005. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/390/294>. Acesso em: junho de 2019.

ORGANIZADAS BRASIL. **Leões da TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza).** Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/LEOES-DA-TUF-TORCIDA-UNIFORMIZADA-DO-FORTEALEZA-298.html>. Acesso em junho de 2019.

PINTO, Lucas Alencar; BRAGA, Ana Elisa Linhares de Meneses. **Mulheres Em Luta Por Direitos: Rompendo Com O Patriarcado.** Direito e Dialogicidade: Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ce, v. 1, n. 6, p.57-67, jun. 2015. Semestral. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/view/963/791>. Acesso em: junho de 2019.

PORTAL GAÚCHA ZH. **Morre a primeira mulher presidente de clube no Brasil.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2010/03/morre-a-primeira-mulher-presidente-de-clube-no-brasil-2827670.html>. Acesso em março de 2018.

PORTAL IG. **A partir de 2019, clube sem futebol feminino não irá para Liberta.** Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2017-01-26/exigencia-futebol-feminino.html>. Acesso em março de 2018. ROCHA, Paula Melani; Xavier Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Revista Rumores, v. 7(14), 2013.

SANTOS, Rodrigo dos. **Futebol e sua história: possibilidade de efetivação da proposta crítico**

superadora. Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. 2005.

SHAW, Sally; HOEBER, Larena. “**A Strong Man Is Direct and a Direct Woman Is a Bitch**”: Gendered Discourses and Their Influence on Employment Roles in Sport Organizations. *Journal of Sport Management*, v. 17(4), p. 347-375, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em junho de 2019.

TRIBUNA DO CEARÁ. **Primeira cearense presidente de um clube se destaca no futebol**. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/futeboles/futebol-cearense/primeira-cearense-presidente-de-um-clube-se-destaca-no-futebol/>. Acesso em março de 2018.

UOL. **Luta contra o destino**: Leila Pereira, da Crefisa, não se arrepende de não ter tido filhos e diz: “Dinheiro traz muita felicidade”. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/entrevista-leila-pereira-da-crefisa.htm>. Acesso em maio de 2018.

ANEXO I - LISTA DE ENTREVISTADOS (POR ORDEM ALFABÉTICA)

André Ribeiro

Aparecida Ferreira

Cezar Ângelo Bagatini

Chagas Ferreira

Christina Muniz

Clara Ferreira

Dorizelha Rocha

Euza Maria de Paiva Gomes

Fátima Batista

Felipe Zito

Janir Júnior

Maria Vieira

Rafaela Escalante

Silvana Goellner

Sirlei Dalla Lana

Sônia Andrade

Tatiana Roma